

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

**O SUJEITO DO FIM DE ANÁLISE
UM NOVO SUJEITO?**

**FLORIANÓPOLIS
2008**

JUAN CARLOS MONTERO

**O SUJEITO DO FIM DE ANÁLISE:
UM NOVO SUJEITO?**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Fernando Aguiar Brito de Sousa

**FLORIANÓPOLIS
2008**

TERMO DE APROVAÇÃO

JUAN CARLOS MONTERO

O SUJEITO DO FIM DA ANÁLISE:
UM NOVO SUJEITO?

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Fernando Aguiar Brito de Sousa
Departamento de Psicologia, UFSC

Prof.^a Dr.^a Ivanir Barp Garcia
Departamento de Psicologia, CESUSC

Prof. Dr. Sergio Scotti
Departamento de Psicologia, UFSC

Florianópolis, 01 de julho de 2008

Para Daniela,
que me deu Santiago

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a meu orientador, Professor Fernando Aguiar Brito de Sousa, pela confiança depositada no percurso que queria desenvolver, dando-me toda a liberdade para explanar minhas idéias. Da mesma forma quero lhe agradecer sua paciência e ajuda no transcorrer do trabalho de transcrever as idéias em letras.

Agradeço também ao Dr. Antonio Godino Cabas, que gentilmente me obsequiou com uma cópia de sua tese de doutorado, antes mesmo desta estar publicada: "O sujeito no discurso analítico – Seus fundamentos". Esta tese foi sem dúvida fonte de inspiração e de esclarecimento em mais de um momento.

Aí onde Isso era, Eu devo advir
(FREUD, 1973/v, 3146)

Do que perdura de perda pura ao que só aposta
do pai ao pior.
(LACAN, 1993, 21)

SUMARIO

RESUMO	ix
ABSTRACT	x
1.- O SUJEITO DO FIM DE ANÁLISIS. UM NOVO SUJEITO?	001
2.- O INCONSCIENTE FREUDIANO	007
2.01.- O Inconsciente	008
2.02.- As Barbas De Meu Tio	011
2.03.- Uma Noticia Muito Satisfatória	016
2.04.- Foucault	020
2.05.- Signorelli	026
2.06.- Aliquis	030
2.07.- O Sintoma	033
2.08.- Fräulien Elisabeth Von R.	039
2.09.- A Causa Do Sujeito	045
2.10.- Aí Donde Isso Era, Eu Devo Advir	054
3.- O SUJEITO LACANIANO	060
3.01.- O Retorno a Freud	061
3.02.- A Ciência Antiga	063
3.03.- A Ciência Moderna E O Sujeito	066
3.04.- O Eu É O Sujeito	071
3.05.- A Entrada Do Significante	075
3.06.- O Sujeito Como Corte	080
3.07.- O Sujeito Suposto Saber	089
3.08.- Uma Nova Operação Para Um Novo Sujeito	093
3.09.- O Sujeito Da Ciência	101
4.- FIM DE ANÁLISE	109
4.01.- Um Novo Sujeito?	110
4.02.- O Processo	112
4.03.- A Destituição Subjetiva	120
4.04.- O Analista: Um Novo Sujeito	132
4.05.- Para um final que é um recomeçar	136
5.- REFERENCIAS	140
6.- LISTA DE FIGURAS	148

MONTERO, Juan Carlos. **O sujeito do fim da análise. Um novo sujeito?** Florianópolis, 2008. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Professor Dr. Fernando Aguiar Brito de Sousa

Defesa: 01/07/2008

RESUMO

Esta dissertação pretende discorrer sobre a noção de sujeito tal como surge da experiência clínica de Freud. Discorre sobre o surgimento da hipótese freudiana do inconsciente que permite a Freud poder situar um sentido nos sonhos e daí postular a realização de um desejo que surge as margens do Eu. Introduce o estudo do sintoma que dá lugar a insistência da pulsão que busca satisfação na repetição. A partir desta nos deparamos com uma noção clínica de sujeito em Freud que situa o Isso como seu lugar. Sendo Lacan quem formaliza esta noção, fazemos um percurso por sua obra, em especial nos seminários e escritos que utiliza para formalizar-lo como conceito, assim como para situar o mesmo em relação ao final da análise. Este final, se evidencia como destituição subjetiva que dá origem a passagem do analisante à analista, correlato de uma nova posição subjetiva. O analista, termo que define esta posição é de um novo sujeito e um novo desejo, conhecido como desejo de saber.

Palavras-chave: novo sujeito; desejo de saber; psicanálise

ABSTRACT

This dissertation talks about the subject's notion such as emerge from the Freud's clinic experience. Also talks about the emergence of freudian's hypothesis about the unconscious that allow Freud to give sense to the dreams and then substantiate the desire that grows from the allowance of the Ego. Introduce the symptom's study that gives place to the instinct's insistence that search satisfaction in the repetition. From here we come upon us with a Freud's clinic notion of the subject that puts the Id as his place. Being Lacan who couch this notion, we go through his work, in special over the seminaries and writings that he use to set up the subject's concept, as to put itself into the end of the analysis. This end comes out as a subjective destitution that's give the way for the patient to become analyst, that answer to a subjective position. The analyst, word that defines this position is about a new subject and a new desire, well-known as a known desire.

Key-words: new subject, known desire, psychoanalysis.

**1 O SUJEITO DO FIM DE ANÁLISE:
UM NOVO SUJEITO?**

O termo "sujeito" é, sem dúvida, um dos termos mais utilizados pelas ciências humanas em geral, mas também um dos menos compreendidos. Mesmo que todas as ciências partam do sujeito cartesiano, nas ciências humanas a noção de sujeito tem uma vertente política e outra metafísica, o que faz toda a diferença. As ciências humanas e aqui, foca-se, principalmente, a psicologia, tem se apoiado sistematicamente nas noções de sujeito oriundas da filosofia política, com as quais trabalham pensadores como Foucault, Derrida, Agamben, Barthes, etc. e isso tem sido seu referencial constante. A filosofia política tem seu campo de ação definido, pois trata da relação dos seres humanos entre si, regulados por lei.

Todavia, o próprio campo da psicanálise também estabelece suas próprias noções de sujeito baseadas na experiência clínica. Estas noções são válidas especificamente para a psicanálise, assim como as definições da filosofia política são próprias para seu campo. Contudo, o uso do mesmo termo gera confusões e, não é raro o uso, por autores psicanalíticos, de noções de sujeito extraídas de Foucault. Seu uso pela psicanálise leva a uma intervenção errônea no terreno da clínica. Partindo-se, por exemplo, do sujeito da filosofia política, pode-se supor que o analista se dirige a um sujeito que demanda ajuda. Porém, a psicanálise afirma que o sujeito é justamente o produto final de uma análise, realizada até o momento do seu término lógico. Como se pode observar, a diferença de concepções é grande.

Para o trabalho que realizo, tanto na clínica como nas instituições, faz-se necessário o aprofundamento do conceito de "fim de análise" e sua relação com a autorização do analista e a constituição do sujeito. Com efeito, Freud afirma que este momento é o nascimento de um "novo" sujeito que nunca antes chegou a ser. Se, por um lado, o saber subjetivo atingido na análise é imprescindível para a transmissão da psicanálise, e define perfeitamente esta "nova" subjetividade, por outro, isto precisa ser inscrito num saber conceitual, sistematizado e formalizado segundo os cânones da ciência, de forma tal que permita seu ensino e transmissão.

Pretendeu-se assim, neste trabalho de dissertação, pensar e delimitar, a partir dos textos de Freud e Lacan, o conceito de sujeito resultante de uma análise concluída. Em "Análise terminável e interminável", Freud

mostra que no final de uma análise pode-se esperar uma modificação do “eu”¹ em um grau tal que nunca aconteceu antes na história da pessoa (FREUD, 1973/a, p. 3346-3347). Contudo, Freud nunca fala de sujeito – o termo nem mesmo é mencionado em sua obra² – embora sua noção possa ser perfeitamente delineada a partir dos ensinamentos de Lacan.

Lacan foi um dos autores que mais se preocupou com a formação do analista e com a relação intrínseca existente entre o fim de uma análise e a passagem de analisante³ a analista. Foi ele quem introduziu o termo sujeito no vocabulário psicanalítico, o que lhe permitiu não só discutir com os filósofos e pensadores de sua época, bem como produzir uma releitura dos textos freudianos.

Estabelece-se aqui uma correlação entre “fim de análise”, “novo sujeito” e “passagem à analista”, dando razões para se pensar que “analista” seria o nome lacaniano para este estado inédito do “Eu”, ou novo sujeito⁴. Convém esclarecer que o termo não é utilizado por Lacan para designar quem efetivamente se instala no ofício, mas sim, quem passa pelo momento de destituição subjetiva que a análise impõe. Trata-se, em termos freudianos, da

¹ As primeiras traduções das obras de Freud para o português traduziam os termos "*Ich*" e "*Es*", do alemão, para as formas latinas de "*Ego*" e "*Id*". Esta tradução tornou-se uma solução para o uso substantivado que faz Freud dos pronomes para designar as instâncias psíquicas. Ultimamente, as obras psicanalíticas escritas em português adotam a fórmula "Eu", em maiúscula para o uso do *Ich* como instância psíquica, e em minúscula, quando é usado como pronome gramatical. Seguindo este critério, o *Es* passa a ser traduzido como "Isso". Nesta dissertação segue-se a forma moderna de tradução, salvo nos casos de uso filosófico, devidamente assinalados.

² Na realidade, Freud fala uma única vez de sujeito no sentido conceitual próprio. Isto será desenvolvido no capítulo "A causa do sujeito", nesta dissertação.

³ O termo "*analysant*" utilizado por Lacan é traduzido algumas vezes para o português como analisando. De fato, o dicionário Houaiss consagra só o termo analisando como tradução e não o termo analisante. Gramaticalmente o termo analisante é considerado um neologismo. E o é. Nossa teimosia em traduzir este termo francês como analisante – como de fato já está consagrado – não se apóia em noções gramaticais, mas psicanalíticas, defendidas pelo próprio Lacan. Lembremos que antes de Lacan, não se falava em analisante e sim em paciente ou analisado, não se fazendo diferença entre ambos. Foi Lacan quem o introduziu: "[...] o termo analisante, que proferi um dia no meu seminário, tem adquirido direito de cidadania. Não só na minha Escola – pois não daria a isso mais importância que a relativa à minha pessoa – mas esse analisante produziu uma sorte de efeito iluminador na mesma semana que o articulei" (LACAN, 1988, p. 118). Em artigos de psicanálise que tomam Lacan como referente, a palavra analisante foi elevada a conceito. Com este termo, a psicanálise refere-se ao paciente que por ter passado o limiar da demanda, e entrado no dispositivo analítico, institui-se como analisante. Alguém de quem se espera que possa aprender com o próprio saber que produz.

⁴ Poder-se-ia arguir que um estado inédito do “Eu” não corresponde necessariamente a um novo sujeito. Contudo, sentimo-nos autorizados por Freud a interpretar neste sentido sua sentença: “Wo Es war, Soll Ich werden”.

decisão que sobrevém após se confrontar com a “rocha da castração”⁵ e com a possibilidade subjetiva de poder assumi-la.

Com o intuito de situar melhor este termo em nossa cultura, ainda que a especificidade do tema refira-se ao final da análise, pretende-se aqui fazer um percurso histórico sobre o aparecimento do sujeito na civilização ocidental. Assim, pode-se compreender qual é a subversão do sujeito operada por Freud para abordá-lo com o descobrimento do inconsciente e o invento da psicanálise.

As ciências naturais têm rejeitado o sujeito e a subjetividade de seu campo de estudo, dando lugar à separação clássica entre natureza e cultura. A cultura é um dos temas e preocupações retomados pela filosofia e pelas ciências humanas em geral, porém, a psicanálise, ao se propor como a ciência do sujeito, estabelece uma nova ruptura em que se instalará o sujeito freudiano. Segundo Ogilvie (2000, p. 82-91), esta ruptura se dá agora com a cultura, que virá a ocupar o lugar da natureza para o sujeito.

A ciência e a psicanálise se confrontam com um real tratado a partir do simbólico. Porém, o real da psicanálise é o real pulsional, que não é idêntico ao da ciência. A psicanálise encontra neste real o efeito do sujeito excluído pela ciência e, a partir daí, funda um campo que não é mais idêntico ao científico.

Esta posição de "*extimidade*"⁶ da psicanálise em relação às ciências da natureza é o que nos permite situá-la em relação às ciências humanas. Desde seu advento no século XVIII, as ciências humanas se situam num território de oposição – e, portanto, de contigüidade – em relação às ciências naturais. Surgem, tendo como objeto de estudo o homem, e situam-se como o complemento das ciências duras, que têm por objeto a natureza física. Desta forma, fazem eco à exigência kantiana que separa a ética da razão. Todavia, a psicanálise não é nem um humanismo⁷ – porque não é o homem seu objeto – nem uma parte das ciências humanas, pelo contrário, ela se opõe a elas, pois

⁵ Freud chamou de "rocha ou rochedo da castração" à última e mais importante resistência que apresenta o paciente no processo de análise: a resistência frente a diferença sexual. Este rochedo pode colocar um limite intransponível ao sujeito em análise impedindo-o de realizar qualquer mudança subjetiva. Esta recusa da castração, ou repúdio da feminilidade, recebe o nome de "inveja ao pênis", no caso da mulher, e de "angústia de castração", no caso do homem.

⁶ *Extimidade* é um neologismo criado por Lacan para dar conta da topologia de um objeto que é o mais íntimo do ser e que, contudo, encontra-se fora do sujeito.

seu referente, o sujeito, que funda e dá vida às ciências humanas, é subvertido pelo inconsciente freudiano e re-inserido na ciência da qual foi rejeitado.

Freud é muito claro. Na hora de pesquisar sobre fenômenos paranormais, ele diz que o objeto da psicanálise – o sujeito⁸ – é o mesmo estudado pela psicologia, pelo misticismo ou pela parapsicologia – a única diferença é que procura tratá-lo pelo método científico (FREUD, 1973/x, p. 2648-2659). Para Freud, educado por um Brücke, um Von Helmholtz ou um Du Bois-Raymond,⁹ o único método científico concebível é o da ciência físico-química de sua época. Portanto, pode-se inferir o caráter real que a psicanálise concede ao sujeito que é considerado como seu referente absoluto.

Considerando-se que o sujeito, como real, é o referente último da psicanálise, e que a finalidade lógica de uma análise é a travessia que vai da retificação subjetiva à destituição subjetiva, da instauração do analisante ao advento do analista, então, este novo sujeito só é possível através da análise. (SOLER, 2002, p. 11-38).

Mas é este um novo sujeito? Aliás, não nos diz Freud, no mesmo artigo, que o analista é um sujeito como qualquer outro, e que só aprendeu uma arte particular? Não insiste dizendo que o analista não está isento das paixões humanas? Em que sentido, então, deveríamos considerá-lo um sujeito inédito, nunca antes aparecido na história, e o que se pretende dizer com isto?

Admitindo-se que o sujeito aparece com Descartes e isto dá origem a um novo discurso (o discurso científico), pode-se pensar que o sujeito subvertido pela psicanálise também é artifice de um novo discurso (o discurso analítico). Quando se fala de um novo discurso, não se está referindo à atuação própria do analista, assim como não se pensa no labor do cientista no discurso científico. Pretende-se, aqui, indicar, sobretudo, uma posição subjetiva

⁷ Filos. Doutrina ou atitude que se situa expressamente numa perspectiva antropocêntrica, em domínios e níveis diversos, assumindo, com maior ou menor radicalismo, as conseqüências daí decorrentes. Manifesta-se o humanismo no domínio lógico e no ético. No primeiro, aplica-se às doutrinas que afirmam que a verdade ou a falsidade de um conhecimento se definem em função da sua fecundidade e eficácia relativamente à ação humana; no segundo, aplica-se àquelas doutrinas que afirmam ser o homem o criador dos valores morais, que se definem a partir das exigências concretas, psicológicas, históricas, econômicas e sociais que condicionam a vida humana. (Ferreira, 1986, p. 908)

⁸ Esta afirmação, é um dos pontos que esta dissertação pretende esclarecer

⁹ Em sua biografia de Freud, Ernest Jones enfatiza que estes autores eram considerados os representantes da ciência nas disciplinas biológicas. Freud comungava totalmente com os ideais científicos e com o programa da ciência de sua época. (JONES, 1979)

frente ao real. Sendo assim, o analista, ao se fazer agente do discurso, é portador também de um novo desejo na história e de uma nova ética, da mesma forma que se fala atualmente de ética da ciência.

Trabalhar para elucidar o estatuto do sujeito no fim de análise e verificar a hipótese de Freud e a de Lacan a respeito disto constitui o objetivo desta pesquisa.

2 INCONSCIENTE FREUDIANO

2.1 O inconsciente

A noção de sujeito está ausente na obra teórica de Freud¹⁰. Ele não precisa deste conceito, sendo-lhe suficiente o de inconsciente.

Freud não fala de sujeito, fala, sim, do Eu, que é o termo de uso filosófico de sua época, limitando-se, simplesmente, a tomar as idéias já presentes nos pensadores de seu tempo, como Herbart, Wundt, Brentano ou Schiller (ASSOUM, 2001, p. 99-185), para criticá-las e subvertê-las. Este Eu, que fica reduzido à consciência, identifica o sujeito com o indivíduo. Em alemão, assim como em português, este Eu é tanto instância psíquica da consciência, como pronome pessoal (termo gramatical), "shifter"¹¹, que no enunciado, remete à enunciação.

Contudo, a noção de sujeito permeia toda a obra de Freud e constitui tanto seu problema particular, como a direção a seguir na sua investigação científica, sendo o fundamento de sua clínica.

A obra freudiana está embasada no real da clínica, e é a partir de sua prática na clínica que faz seus descobrimentos e constrói uma teoria consistente. Ao se debruçar sobre a causa, ou as causas da histeria, seguindo o ideal científico de sua época, Freud descobre um objeto novo que não existia até então: o inconsciente. Assim, todos seus primeiros trabalhos teóricos objetivam elaborar, explanar e circunscrever os modos de aparecimento do inconsciente, bem como suas leis e sua lógica. A interpretação dos sonhos, os trabalhos sobre o chiste, assim como os trabalhos sobre os atos falhos, procuram dar resposta a uma pergunta que se mantém na enunciação: *"Quem sonha? Qual é a responsabilidade deste ser que me habita sem eu saber, na minha saúde e na minha enfermidade, na minha vida e no meu destino?"*

Mesmo que não se encontre a noção de sujeito em Freud, encontra-se no seu lugar a noção de inconsciente.

O inconsciente é a "coisa" freudiana, a tal ponto que é identificado como nome próprio: "inconsciente freudiano" não só para distingui-lo do uso que se faz dele na filosofia e até na psicologia, mas sim para distingui-lo, na

¹⁰ No index que confeccionou para a edição inglesa das *Obras Completas De Sigmund Freud*, Strachey faz constar só uma entrada para o termo sujeito. (STRACHEY, 1976, p. 247). O uso que Freud faz de este termo será tratado em detalhe no inciso 2.9 *A causa do sujeito*.

¹¹ *Shifter* ou "conector" é um termo introduzido por Roman Jakobson (1980) para assinalar o ponto de conexão entre o enunciado e a enunciação. Existem muitos *shifters*, em geral advérbios, mas o principal deles é o pronome gramatical "eu". Seu uso na frase, "conecta" o enunciado com seu referente.

própria teoria, como uso particular do laborar analisante (FREUD, 1973/n, p. 2893-2895).

A tratamento psicanalítico busca produzir uma transformação, e não uma explicação. Este trabalho radical e absoluto consiste em transformar a consciência. Para isto, esta se vê obrigada a ter que acolher o inconsciente em seu seio.

A psicanálise estabelece seu objeto de conhecimento e define os limites que lhe são próprios como ciência na interpretação dos sonhos, texto publicado em 1900. Neste trabalho, Freud funda a psicanálise a partir do conceito de inconsciente, conceito este que articulará toda a produção teórica da psicanálise.

O conceito de inconsciente não vem somar-se a nosso acúmulo de conhecimentos acerca do homem, porém, na sua produção há uma nova concepção do homem, uma nova forma de produzir o sujeito humano. Trata-se de um sujeito da ciência, não de uma ciência do sujeito. Isto se deve, entre outros fatores, como se elucidará no decorrer desta dissertação, ao fato de o sujeito de que se ocupa a psicanálise ser um sujeito que será produzido, isto é, não se trata de um sujeito que já existia previamente (HENRIQUEZ, 2002).

Porém, para que se possa produzir um conceito tal como o do inconsciente, é necessário que se opere, na história do pensamento, uma ruptura com o padrão anterior de pensamento.

Para Freud, o inconsciente não é o outro lado da consciência, nem mesmo os processos físicos ou biológicos que ocorrem sem intervenção da consciência, no corpo ou fora dele. O inconsciente não tem um caráter místico ou paralelo à consciência. Tampouco é – como o entendia Santo Tomás de Aquino – algo contrário à consciência, como se fosse uma espécie de consciência negativa. O próprio Freud (1973/d, p. 2061-2064) faz a distinção entre os diversos usos que se fez deste termo e esclarece seu sentido para a psicanálise.

O inconsciente, a partir da interpretação dos sonhos, consiste em pensamentos¹². Estes estão articulados em cadeias ou redes¹³, estratificados e

¹² Quando se fala de sujeito do inconsciente quer se dizer que o sujeito é o referente último da enunciação freudiana. Significa que o sujeito (o “eu penso”) é inconsciente e o Eu nada sabe disso.

¹³ Freud concebe os pensamentos inconscientes articulados em redes, como uma espécie de teia de aranha. Lacan concebe esta articulação em forma de cadeias de pensamentos. A vantagem

relacionados entre si seguindo uma lógica, que na sua forma mais simples obedece às leis do deslocamento e da condensação e que, em termos lingüísticos, pode-se assimilar à contigüidade e à substituição¹⁴.

Por outro lado, o monopólio do conceito de inconsciente não é privilégio da psicanálise, e esta entende que outras disciplinas podem se beneficiar adotando para si esta noção. Todavia, a psicanálise, a pesar dos desejos de Freud, não pode ser enquadrada numa ciência natural e, por isso, afirma-se que o espaço de conhecimento que lhe é próprio diverge de outras ciências. O espaço próprio da psicanálise fica estabelecido no texto de Freud com o conceito de inconsciente. É disto do que a psicanálise se ocupa: do desejo inconsciente.

É na "Interpretação dos sonhos" que Freud estabelece o conceito de inconsciente, porém, não foi o estudo dos sonhos que o levou a esta conceituação, nem à fundação da psicanálise. Freud começou com a clínica das neuroses, mais especificamente da histeria. Seus trabalhos, que causavam escândalo nos meios científicos de sua época, conduziram-no a perceber que o mesmo mecanismo psíquico presente na histeria operava na vida normal em diferentes manifestações psíquicas e, em particular, na produção onírica. Porém, ficou claro para Freud que seu descobrimento não seria aceito, segundo o argumento de que tinha sido realizado com sujeitos neuróticos¹⁵. Seus colegas cientistas baseavam-se na opinião, então geralmente aceita, de que a causa da neurose se originava de uma debilidade psíquica ou em uma degenerescência hereditária. Os psiquiatras da época não conseguiam inferir o funcionamento psíquico normal a partir do enfermo. Por esta razão, Freud utilizou os sonhos, pois a atividade de sonhar é um processo normal para todos, de onde se depreende que o mesmo mecanismo pode ser encontrado tanto na saúde, como na enfermidade, e a única diferença é o resultado final.

de pensar estes pensamentos como sendo articulados na forma de cadeias é a de permitir dar o salto para o uso da topologia.

¹⁴ Lacan, após uma cuidadosa leitura da Interpretação dos sonhos, e influenciado pela leitura do "Curso de lingüística geral" de Ferdinand de Saussure, aproxima o conceito freudiano de condensação ao de metáfora, e o conceito de deslocamento à noção lingüística de metonímia. Estes termos não se recobrem totalmente, porque a psicanálise não é uma lingüística, mas na época de sua elaboração permitiram a Lacan fazer uma leitura do inconsciente diferente daquela embasada em conteúdos fantasmáticos. (LACAN, 1979/g, p. 179-216).

¹⁵ Na época se considerava a transmissão genética como o fator etiológico mais importante do enfermar. Tudo aquilo que não podia ser explicado em forma conveniente por outras causas, era atribuído – como um *Deus ex machina* – a fatores constitucionais.

O que Freud descobre é que nos lapsos, nos chistes e mais especificamente nos sonhos – como *via regia* do inconsciente – deparamo-nos com imagens equívocas de nossa consciência que representam uma discussão entre dois desejos diferentes que pugnam por se fazerem reconhecer; trava-se um verdadeiro debate entre cadeias de pensamentos. Um debate que tem um sentido. Porém, para a psicanálise, não é que o sonho tem um sentido porque carrega em si uma significação definida; um sonho tem um sentido enquanto puder ser interpretado como realização de desejos. Fazer consciente o inconsciente¹⁶ – fórmula canônica do processo analítico – significa substituir as imagens conscientes pelas idéias latentes, mas também reconhecer e assumir a questão que coloca o inconsciente.

A pergunta de Freud é: que se deseja nas manifestações inconscientes? Mais radicalmente, quem deseja?

Assumir esta questão que o inconsciente coloca; eis aqui o ponto crucial, já que o inconsciente é a questão que o desejo coloca para Freud. Este desejo é definido, em 1900, como inconsciente, sexual, infantil e recalcado.

Esta é para Freud sua primeira fórmula para interrogar o sujeito.

2.2. As barbas de meu tio

Neste ponto de interrogação sobre o desejo, convém analisar um exemplo de Freud, seja para verificar como trabalha o inconsciente, seja para melhor situar seu estatuto. Tomarei para isto o sonho de Freud "A Barba de meu tio" (FREUD, 1973/g, p. 430-436), sonho menos comentado que o já clássico sonho da "Injeção de Irmã".

Este sonho é composto de duas partes, porém, por "questões pessoais", Freud só compartilha a primeira. Essas considerações pessoais são as que obedecem à "censura"¹⁷, e que apontam para a implicação do sujeito

¹⁶ A análise é um processo que busca tornar conscientes os pensamentos recalcados. A fórmula "fazer consciente o inconsciente" se impôs desde os primeiros momentos da clínica freudiana e é um axioma do objetivo a ser atingido. Freud manteve esta fórmula concisa como o objetivo-mor da cura, durante toda sua obra.

¹⁷ A censura é a função encarregada de interditar o acesso à consciência de todos os representantes inconscientes – recalcados ou não.

Freud no sonho por ele relatado. Na realidade, esta implicação é o que faz com que "qualquer sonho que se pretenda analisar chegue obrigatoriamente à coisas dificilmente publicáveis" (FREUD, 1973/ac, p. 725-726).

Como informação preliminar ao sonho, temos que, junto com outros colegas, Freud aspirava a um cargo de professor na universidade. Sua nomeação era, contudo, interminavelmente postergada, dada sua origem judaica – uma suspeita confirmada, em conversa com um amigo igualmente judeu, justamente na tarde anterior ao sonho. Freud se confessa, nas suas considerações sobre o sonho, como não-ambicioso e capaz de se resignar sem qualquer dificuldade ao título honorífico tão desejado.

O sonho relatado por Freud é o seguinte: "Meu amigo R é meu tio. Sinto um grande carinho por ele. Vejo diante de mim seu rosto, porém, algo mudado e como que alongado, ressaltando com especial precisão a barba loira que o emoldura".

Freud considera este sonho absurdo, mas reconhece ser esta impressão efeito do trabalho da censura. Sem se deixar levar por ela, produz associações, transcritas a seguir de forma condensada:

"R é meu tio". Este tio é considerado por Freud como um imbecil por ter tido alguns problemas com a justiça, muitos anos antes, por cometer um ato delituoso. E embora pareça inverossímil, a longa barba loira parece confirmar R como sendo seu tio: o sonho apóia-se aqui num traço identificatório que serve para estabelecer uma comunidade de pessoas, e com isto transforma a seu amigo R, pessoa de sua mais alta estima, num imbecil. Se R tem barba loira e se meu tio tem barba loira, então R e meu tio são idênticos. E se R é meu tio, e se meu tio é um imbecil, logo R é um imbecil. A lógica do sonho serve-se neste caso do silogismo aristotélico.

Mas R não é delinqüente como parece apontar sua associação. O "delinqüente" nasce de uma lembrança do dia anterior. Seu amigo N que, tal como Freud, pleiteava um cargo de professor universitário, comenta suas dúvidas em relação a sua própria contratação, devido à antiga denúncia de um chantagista, pela qual sofreu um processo. Freud, ao contrário, não tem nada em seu histórico que o desabone.

Neste ponto, revela-se para Freud a realização de desejos perseguida pelo trabalho de elaboração onírica. Afinal, não acredita que R seja realmente um imbecil nem duvida da honestidade de N.

Seu tio José condensa na sua pessoa os seus amigos R e N. Assim sendo, o sonho consegue fazer de R um imbecil e de N um delinqüente, então, por estas razões, ambos não são contratados pelo Ministro¹⁸ para o cargo de professor universitário, e não por serem de origem judaica como Freud. Desta forma, vê-se livre das objeções oficiais e pode conservar a esperança de ser finalmente contratado. O sonho realiza o desejo ambicioso de Freud de ter honrarias, ao preço de realizar, para alcançar tal fim, uma ação indigna e rejeitada pela consciência, como a de denegrir os seus amigos.

Prova de que a consciência revela-se contra a idéia expressada pelo sonho de ser o amigo R um imbecil é o carinho com que parece tratá-lo no sonho; carinho que Freud atribui à resistência e que serve para dissimular o insulto proferido no sonho.

Chegados a este ponto, podemos comprovar que se o sonho é uma realização de desejos, contudo, a ambição de conseguir o título de professor, não é algo inconsciente, nem infantil, podendo muito bem ser algo presente no dia-a-dia de Freud. De onde provém então esta ambição que o sonho dá como desmedida? Freud não se contenta com pouco e continua analisando seu sonho até o limite do publicável (FREUD, 1973/g, p. 463).

Desta forma, ele associa o sonho com as profecias que uma camponesa anciã fez à sua mãe, na época de seu nascimento, de que ele seria um grande homem. Isto, que nada prova, todavia o conduz a uma lembrança infantil. Um dia, quando estava numa cervejaria com seus pais, um homem ia de mesa em mesa improvisando alguns versos em troca de uma pequena quantia de dinheiro. Este homem, sem que ninguém perguntasse, profetizou que Freud seria ministro. Esta era a época do "ministro burguês", e todo rapaz judeu já se acreditava com o título, ainda mais que dias antes seu pai havia levado para casa as fotos de vários ministros judeus.

Isto causou em Freud uma profunda impressão até o ponto de se decidir primeiro pela carreira de Direito, mudando de idéia um pouco antes da

¹⁸ Na Viena de Freud, as nomeações oficiais para o título de Professor Universitário são uma honraria concedida pelo Ministro.

inscrição na universidade. O sonho, então, transporta-o também a esses pretéritos anos e realiza, na medida do possível, seu desejo infantil.

Maltratando os seus dois admirados e queridos colegas pelo fato de serem judeus, mas, sob o pretexto de que um é imbecil e o outro um delinqüente, se conduz como se fosse o próprio Ministro. "Magnífica vingança!", exclama Freud. O Ministro nega-lhe o título de professor e ele, no seu sonho, tira-lhe o cargo que ocupa em seu lugar.

Freud demonstra com isto que os sonhos (todos, sem exceção) são uma realização de desejos e que estes desejos, como fica claro nos inúmeros sonhos analisados por ele, são sempre infantis. Demonstra que o inconsciente é uma máquina de pensamentos organizados em cadeias e que trabalha, no sonho, para dar expressão a esses desejos.

Mas, em nossa afirmação, podemos incluir os sonhos desagradáveis, os sonhos de angustia, os pesadelos? Afinal, o que é desejo?

Neste sonho, como em outros, Freud afirma haver algo impublicável, isto é, que atrás do desejo pré-consciente encontramos um outro desejo, um desejo que angustia por levar ao encontro com o si mesmo e que concerne ao próprio sonhador até o íntimo de seu ser. É o desejo inconsciente.

Freud parte então da hipótese de que todo sonho não é mais que a realização de um desejo inconsciente. Todavia, esta realização nem sempre é prazerosa e não necessariamente satisfaz a todas as "instâncias psíquicas"¹⁹ que constituem o sujeito: o que é prazer para o inconsciente pode resultar inadmissível para a consciência. Por esta razão, o "trabalho do sonho"²⁰ vê-se obrigado, para realizar o desejo, a estabelecer uma série de deformações com o fim de ludibriar a censura imposta pela consciência. No exemplo de Freud, vemos claramente como a série de substituições – R por seu tio, o carinho que sente, etc. – tem por finalidade a censura do sonho pela consciência. Se Freud tivesse sonhado diretamente que R é um imbecil, possivelmente acordaria de

¹⁹ Freud dá o nome de "instâncias psíquicas" à relação que guardam diferentes regiões do aparelho psíquico. São representações auxiliares para a primeira abordagem de algo desconhecido. Na sua primeira teoria o aparelho psíquico fica organizado em três instâncias: "Inconsciente", "Pré-consciente" e "Consciente". Posteriormente, quando reformula sua teoria, as instâncias psíquicas são formuladas em termos de "Eu", "Isso" e "Supereu". Sua segunda teoria não vai substituir a primeira, mas também não vai recobri-la por inteiro.

²⁰ A teoria freudiana reconhece três formas diferentes do trabalho psíquico que visa à subjetivação: o trabalho do sonho, o trabalho de luto e o trabalho de elaboração.

imediatos. Como ocorre nos sonhos de angústia, pouco ou mal deformados, acordamos em meio a pesadelos²¹.

O desejo inconsciente, contudo, não parte de suas ambições pré-conscientes, mas do infantil "recalcado"²², desse lugar sem palavras aludido por Freud ao se fazer Ministro no sonho. Ministro, como quem diz Pai, estar no lugar dele e exercer sua vingança pelo "gozo"²³ perdido. É recalcado não só porque é intolerável para a consciência, mas também porque o que separa o inconsciente da consciência é uma barreira impermeável (FREUD, 1973/d, p. 2061-2082), tornando o recalque algo permanente. Isto faz com que o inconsciente – na sua totalidade – não possa jamais se fazer consciente, contudo, o inconsciente nunca deixa de intentar a realização de desejos, mesmo se a consciência não o reconheça. "O inconsciente não julga, não calcula, só quer transformar" (FREUD, 1973/g, p. 655).

2.3. Uma notícia muito satisfatória

Será que no sonho "As barbas de meu tio" não aparece, claramente, o horror que causa a realização de desejos, dito de outra maneira, que o desejo inconsciente tem algo de doloroso e inaceitável para a consciência? Procuremos então, como contraprova, um outro sonho de Freud.

²¹ O sonho procura sempre realizar um desejo, mas nem sempre consegue. Assim, nos sonhos de angústia e nos pesadelos a realização de desejos está muito próxima do material recalcado, traumático para a consciência. Quando o trabalho do sonho não consegue deformar suficientemente o recalcado, quando não consegue fazer deste material uma boa metáfora, acordamos.

²² O recalque secundário, referido aqui, é uma operação psíquica levada a cabo pelo Eu, e consiste em retirar os investimentos do representante inconsciente. Por causa disso, este não pode ingressar na consciência como idéia. Já o recalque primário, ou original, é um processo hipotético que dá origem ao aparelho psíquico, articulando pela primeira vez um representante pulsional com a idéia.

²³ Gozo, na terminologia lacaniana, indica a satisfação pulsional que, mesmo sendo uma satisfação, é sentida como sofrimento pelo sujeito. É uma satisfação sem sujeito. A "culpa inconsciente", manifestada por intermédio de autopunições é um exemplo de gozo como satisfação pulsional no sofrimento.

Digo a minha mulher que tenho de lhe dar uma notícia muito satisfatória. Minha mulher se assusta e não quer me ouvir, porém, garanto-lhe que é algo que vai deixá-la feliz, e começo a lhe contar que o corpo de oficiais do regimento ao qual nosso filho pertence mandou uma quantidade de dinheiro (5.000 coroas?) [...] algo de reconhecimento [...] distribuição. Entretanto, entrei com minha mulher num pequeno quarto que parece ser uma despensa para tirar algo dele. De repente, vejo o meu filho. Ele não está de uniforme, mas traz um traje esporte muito justo (como a pele de uma foca) com uma pequena capa. Sobe em cima de um cesto que se encontra ao lado de um caixão, como se quisesse colocar algo sobre ele. Chamo-o, mas não responde. Parece-me que tem o rosto ou a testa vendada e que ajusta algo na boca, introduzindo algo nela. Seus cabelos estão embranquecidos. Penso que estará muito esgotado e que talvez tenha dentadura. Antes de poder chamá-lo pela segunda vez, acordo, sem sentir angústia, mas com palpitações. O relógio marca duas e meia (FREUD, 1973/g, p. 685).

Freud reconhece rapidamente que o sonho retoma as preocupações do dia. Seu filho estava realmente combatendo no front e não tinham notícias dele.

No sonho, trata-se de substituir as idéias penosas por suas contrárias, como por exemplo, "uma agradável notícia", "o reconhecimento", "o envio de dinheiro", mas tudo fracassa lastimosamente porque o que o sonho disse dissimuladamente resulta muito evidente: seu filho está morto. O sonho tende a expressar diretamente o que no princípio queria negar, e as deformações que o sonho realiza não conseguem ocultar a realização de desejos.

Tudo parece ser feito ao contrário. O filho não "cai", senão "sobe", o que parece aludir à intrépida juventude do filho como alpinista. O traje de "foca" lembra seu neto; o acidente remete a outro acontecimento de sua infância; o cabelo grisalho, ao avô do neto. Neste ponto Freud já sabe que os elementos do sonho se referem a uma experiência própria que sofreu na infância. Com dois ou três anos de idade ele sobe num caixão para alcançar um doce da dispensa e cai, podendo, na ocasião, ter quebrado os dentes. Este elemento do sonho o faz descobrir que o sonho realiza um sentimento hostil em relação a seu filho.

Vinte anos mais tarde e depois de ter elaborado sua "segunda teoria das pulsões"²⁴ (FREUD, 1973/u), Freud termina de analisar seu sonho como produto da inveja que os homens maduros sentem pela juventude dos filhos. Inveja que não deixa de ser uma manifestação da "pulsão de morte"²⁵.

O que interessa ressaltar aqui é o desejo recalcado que o sonho trata de expressar. A inveja da juventude manifesta-se no desejo de morte do próprio filho, morte que por mais dolorosa que seja, ainda assim serviria como realização de desejos. Evidentemente o desejo inconsciente é a força por detrás dos elementos do dia-a-dia, utilizados para poder se exprimir. Com estes elementos, o sonho realiza o desejo e dá expressão a algo que a consciência rejeita com horror e angústia²⁶.

Existem três razões pelas quais um sonho, mesmo sendo uma realização de desejos pode produzir sensações desprazerosas (FREUD, 1973/o, p. 2254-2253).

Em primeiro lugar, quando o sonho não consegue transformar as idéias latentes dolorosas numa realização plena de desejos. A necessidade de beber pode conduzir à criação de um sonho em que se realiza este desejo e com isso permite continuar dormindo; mesmo assim, como a necessidade persiste, força o sujeito a tomar providencias: acordar e levantar, para beber realmente. Mas Freud afirma que mesmo assim tem-se um verdadeiro sonho. "*Ut desint vires, tamen est laudanda voluntas*"²⁷

Em segundo lugar, a afirmação de que um sonho sempre deve produzir prazer obriga a perguntar: *para quem?* Freud responde que, naturalmente, deveria ser para aquele que abriga tal desejo. Acontece que o

²⁴ A primeira teoria das pulsões dividia estas em "pulsões de conservação", ou auto-eróticas, e "pulsões sexuais". Na sua segunda teoria, estas pulsões são integradas e elaboradas na dualidade pulsional de *Eros*, ou "pulsão de vida" e *Tânatos* ou "pulsão de morte".

²⁵ O conceito de pulsão de morte e pulsão de vida surge a partir de 1919 para substituir a concepção pulsional anterior, baseado nas pulsões de conservação e pulsões sexuais. A pulsão de morte tende a levar a vida a um primitivo estado inorgânico e se opõe à pulsão de vida que trabalha para realizar sínteses orgânicas mais complexas. Inicialmente a pulsão de morte está voltada para o interior do organismo e neste caso se fala de autodestruição, quando é dirigida para o exterior é reconhecida como pulsão de agressão. Uma vez formulada a pulsão de morte, Freud tende a fazer dela a base conceitual de sua teoria. Posteriormente, Lacan fará uma releitura da obra freudiana a partir deste conceito freudiano.

²⁶ A angústia não aparece porque no seu lugar há um sub-rogado da mesma: as palpitações, que mesmo sendo desprazerosas lhe evita a sensação da angústia. Freud já havia advertido e teorizado sobre isso em seu artigo de 1895, intitulado "Crítica da neurose de angústia" (FREUD, 1973/ae, p. 199-208).

²⁷ *Ut desint vires, tamen est laudanda voluntas*. Embora as forças falhem, a vontade merece ser elogiada. (FREUD, 1973/q, p. 2255)

comportamento do sujeito frente a seus desejos consiste em rejeitá-los e em nada querer saber sobre eles. A deformação onírica está a serviço de "fazer passar" à consciência que censura um desejo inaceitável para ela. Por este comportamento conclui-se que o "sujeito que sonha" é diferente do "sujeito que censura" e, em consequência, o prazer de um pode muito bem ser sentido como desprazer pelo outro. "Na sua atitude ante o desejo de seus sonhos aquele que dorme se mostra como o composto de duas pessoas diferentes, porém unidas, contudo, por uma íntima comunidade" (FREUD, 1973/q, p. 2256). Encontra-se neste fato um esboço do que na "Divisão do ego no processo de defesa", artigo de 1937, Freud teorizará como sujeito dividido.

Todavia, deseja-se ressaltar aqui o "sujeito que sonha", como o verdadeiro sujeito, já que Freud sempre atribui à consciência o caráter de simples registro do que acontece em outra cena, e à censura que ela exerce sobre este registro, o caráter de desconhecimento, por procurar evitar as idéias dolorosas. Ali onde a razão tropeça é onde o sujeito cartesiano mostra sua fissura; ali onde o discurso da consciência vê-se interrompido, o sujeito do inconsciente se expressa e mostra a fenda em que se constitui.

Em terceiro lugar devem-se levar em conta os sonhos de angústia ou de castigo. Como considerar que receber um castigo pode significar um desejo?

Na realidade isto faz parte da experiência cotidiana de qualquer sujeito. Quem não viu uma criança birrenta chorar e os pais interpretarem essa birra acertadamente como um desejo de ser castigada? Por sinal, esta criança não está buscando uma marca que vindo do pai coloque um limite à sua excitação? Não se advoga aqui pelo castigo às crianças que choram, já que um castigo aí é um sucedâneo pobre de uma marca que falta por falha da função paterna.

Voltando aos sonhos, não resulta difícil interpretar que a lei e o crime andam juntos e que um sonho em que seu conteúdo manifesto vise ao recebimento de um castigo, seu conteúdo latente fale da realização de um crime. O sujeito evita com isto confrontar-se com um desejo criminoso no âmago de seu ser, porém, dando-o como realizado através de um sonho de castigo.

Se os sonhos se apresentam como a realização encoberta e deformada da realização de um desejo recalçado, os pesadelos serão então sua realização a céu aberto. Faz-se preciso considerar, portanto, que o desejo não é algo agradável para o ser humano, uma vez que mostra algo do horror em que este se constitui. Freud mostra que a ambição que o conduz a desejar as honrarias do título universitário repousa no ato indigno realizado no sonho, de insultar e denegrir seus apreciados amigos, para consegui-lo. É que o sonho aponta para algo intraduzível, que não pode ser colocado em palavras e que Freud nomeia como "umbigo do sonho". Isso nos leva ao encontro do sujeito com o âmago de seu ser.

Para Freud, os únicos sonhos que mostram claramente a realização de desejos são os sonhos infantis. Todos os outros, por ter o desejo sofrido a influência do recalque, não podem ser fonte de prazer. Assumir o desejo só pode ser um trabalho, chamado por Freud de "elaboração"²⁸, em que a consciência, ao acolher dentro de si o desejo, se vê radicalmente transformada.

Os sonhos ordinários são sonhos em que o trabalho do sonho conseguiu formar, a partir do desejo inconsciente, uma fórmula satisfatória que permite ao sonhador continuar seu sono. O que Freud mostra nestes sonhos é uma plena realização de desejos. De desejos inconscientes, eu sublinho.

Estes são desejos que por não serem deformados pela censura levariam o Eu do sonhador até o limiar da angústia²⁹, até o ponto de horror onde despertaria. Este é o ponto em que o sujeito descobriria – caso ele chega-se a este ponto – que não sabe o que pensa que sabe, e que não é o que pensa que é. Mas é justamente neste ponto trágico de queda no ser, conhecido como "umbigo do sonho", que o sonhador entra no plano das identificações imaginárias que o sustentam no seu sonho. É fácil reconhecê-las no sonho comentado, onde Freud confunde seu tio com R, e ele próprio com o Ministro. Não é outra coisa que o teorizado por Lacan quando diz que "o sujeito, quando não encontra a palavra plena (e não poderia encontrá-la) em que deveria se revelar seu fundamento inconsciente encontra o suporte, nessa

²⁸ *Durcharbeitung* em alemão, também traduzido como "perlaboração". É o trabalho de acolher e aceitar os conteúdos recalçados superando as resistências.

²⁹ "Devemos levar em conta que o temor ou a angústia é algo completamente oposto ao desejo e que os contrários se encontram muito próximos uns dos outros na associação, e inclusive chegam a se confundir, como já sabemos, no inconsciente." (FREUD, 1973/q, p. 2258)

forma alienada do ser, que chamamos ego"³⁰ (LACAN, 1981, p. 88). Isto obriga a admitir que o desejo inconsciente possa tomar como suporte o Eu, mas não se confunde com ele³¹.

Dito isto concluo, ao menos provisoriamente, que o desejo inconsciente é o nome do sujeito freudiano. Nos próximos capítulos esta idéia se irá esclarecendo ao mesmo tempo em que começará a tomar novas ressonâncias. Antes me deterei a interrogar o conceito de interpretação, por ser justamente esta a operação que se espera de um analista para fazer surgir o desejo inconsciente.

2.4 Foucault

Como já foi colocado neste trabalho, desejo inconsciente é o termo freudiano usado para designar o sujeito tal como se apresenta na experiência, contanto que esta experiência seja psicanalítica.

Isto posto, tem-se que admitir que os sonhos são a realização de desejos inconscientes, embora "não se possa buscar a realização de desejos em um sonho sem antes tê-lo interpretado" (FREUD, 1973/q, p. 2255). Portanto, a interpretação é o próprio desejo, tese também sustentada por Lacan em 1957, no seu seminário, inédito, "O desejo e sua interpretação" (LACAN, 1959, s.p.).

Por esta razão, antes de continuar a delimitar o conceito de sujeito em psicanálise, parece oportuno deter-se na distinção da idéia moderna³² de desejo, de sujeito e de interpretação. Para sustentar esta discussão, recorri a

³⁰ Lacan, nos seus primeiros trabalhos traduz o *Ich* freudiano por *Ego*. Esta é a forma que encontrou de contrapor-se a tradução oficial que traduzia o *Ich* por *Je*.

³¹ Às vezes Lacan utiliza a palavra "ego" – principalmente nos primeiros seminários – e às vezes "Eu". Posteriormente o termo ego será usado principalmente em relação a Descartes e Eu em relação a Freud. Traduzo textualmente as citações da versão espanhola de Paidós respeitando o uso que Lacan faz destes termos no momento de seu seminário. Ver no "Anexo" o critério de tradução deste termo para esta dissertação.

³² Quando digo "idéia moderna" refiro-me as idéias de "sujeito", "desejo" e "interpretação" que normalmente circulam na universidade como noções já aceitas e estabelecidas. Estas idéias, oriundas da filosofia política, muitas vezes são adjudicadas à psicanálise, sem nada advertir sobre sua origem.

Michel Foucault, que propõe os argumentos da subjetividade no mundo contemporâneo.

O sujeito moderno e a subjetividade não aparecem pela primeira vez em Foucault mas com Descartes e, mesmo reconhecendo que o campo conceitual por ele trabalhado é compartilhado por outros autores como Derrida, Barthes, Deleuze, etc., representa a ponta de um *iceberg* que se inicia com o nascimento da filosofia política, com Maquiavel.

É clara a grande confusão existente entre muitos psicanalistas quando, ao teorizarem sobre sua prática, utilizam o conceito de sujeito, baseando-se nos textos de Michel Foucault.

Não é de se estranhar que trabalhos de mestrado e doutorado cujos títulos se referem à sociologia, à história, à arte ou à cultura em geral, como por exemplo, "A música e a constituição do sujeito", "As crises sociais e a constituição da subjetividade", ou ainda, os tão divulgados "Novos sintomas", "Sintomas da contemporaneidade", "Novas formas da subjetividade", foquem o aspecto de como a sociedade globalizada moderna influencia a subjetividade. O uso que se faz do vocábulo "subjetividade" deita raízes numa espécie de anfibia, onde os termos sujeito e subjetividade são usados tanto para falar do ser da filosofia política, como do ser que trata a psicanálise³³.

As elaborações sobre o sujeito e a subjetividade realizadas por Michel Foucault podem ser muito pertinentes dentro do campo de estudo ao qual se destina. Tampouco se tem aqui a intenção de fazer uma crítica ao que ele desenvolve a este respeito – crítica para a qual, aliás, não estou capacitado. Em contrapartida, há sim a pretensão de diferenciar o sujeito foucaultiano do sujeito da psicanálise, já que confundi-los, por mais vizinhos³⁴ que sejam seus respectivos campos, faz com que o conceito perca sua eficácia clínica e sua razão operatória. Para ilustrar, tem-se que o conceito lacaniano de "destituição subjetiva" é, muitas vezes, substituído pelo conceito de "dissolução do sujeito" de Michel Foucault.

³³ Um dos propósitos desta dissertação é esclarecer o conceito de sujeito para a psicanálise. Visando a este objetivo, considerar-se-á as contínuas mudanças sofridas por esta noção na obra de Freud e principalmente com Lacan, que dá ao conceito de sujeito seu caráter epistêmico. Uma curta, mas rigorosa explanação sobre essas mudanças na obra de Lacan pode ser consultada no artigo que Eric Porgue escreveu para a "Enciclopédia da Psicanálise", organizada por Pierre Kaufmann. (PORGUE in KAUFMANN. 1996, p. 501).

³⁴ Por mais que sejam conceitos próximos, como vizinhos que circulam no mesmo bairro, contudo, não compartilhem a mesma casa.

O filósofo francês desenvolve um discurso focado no que ele chama de "hermenêutica do sujeito" (FOUCAULT, 1988/b, p. 85), e afirma que a interpretação psicanalítica é uma "hermenêutica científica moderna" no "velho modelo jurídico-religioso da confissão" (FOUCAULT, 1988/a, p. 76). A psicanálise, por outro lado, entende por interpretação psicanalítica algo totalmente diferente de uma hermenêutica do sujeito. Em decorrência, vê-se que, se por um lado o sujeito foucaultiano se aproxima da psicanálise, por outro, afasta-se dela.

No "Uso dos prazeres" (1988/b), Foucault desenvolve uma genealogia da ética correlativa à genealogia das práticas de subjetivação.

A prática mais antiga de nossa civilização e que sempre a permeou – e onde situa a psicanálise – é a da relação do sujeito com a verdade, cuja prática se origina a partir do dever de dizê-la. Tal prática contempla um desenvolvimento histórico e um conjunto de técnicas de acesso à verdade, assim como o número de práticas que envolvem o desenvolvimento de um trabalho sobre si mesmo. É a isto que se chama, de forma muito abrangente, de hermenêutica do sujeito. (FOUCAULT, 1988/b)

A hermenêutica, segundo Ferrater-Mora (1989, p. 366-368), trata da tradução e interpretação dos signos naturais ou textuais, com o objetivo de encontrar neles uma significação que esclareça seus sentidos e permita ao sujeito determinar: quem é esse sujeito? Que ele deseja? Que deve fazer? De uma forma muito mais próxima do seu sentido religioso, pode-se dizer que a hermenêutica tende a estabelecer o sentido de uma escritura para ter acesso a um saber. Ou seja: qual é o desejo dos deuses e, mais especificamente, o que os deuses me destinaram?

Entre estas práticas, encontra-se na matriz greco-romana a problematização da *parrhesia*³⁵. Esta supõe a fala-livre, não com o sentido de livre associação, mas do ato de um sujeito, senhor de si, que por "conhecer" a verdade, fala o que sabe, e o que sabe é a verdade. Aqui importa mais o "amor à verdade" do que o "amor a si mesmo" fazendo com que um sujeito seja – visto por uma perspectiva ética – mais senhor de si e demonstre mais estima por si mesmo à medida que ame a verdade. Neste caso, o sujeito que fala é

³⁵ *Parrhesia*. É a verdade dita publicamente, com absoluta confiança e sem medo das conseqüências.

um sujeito que pretende, como condição ética de si mesmo, ser identificado à verdade. É uma prática que visa a transformar a relação dos sujeitos com eles mesmos e, portanto, mudar suas vidas. Considerando-se que a idéia do “bem” e do “belo” coincidem no mundo antigo, esta ética é portanto, também é uma estética.

Um resumo:

Sujeitar-se à verdade é um ato livre e ético, que por sua vez liberta o homem. Esta submissão se dá por um cuidar de si que requer um conhecer-se. Conhecer-se a si mesmo é reconhecer-se pelo ato da reminiscência. Enfim, trata-se da doutrina epistêmica platônica, em que saber e verdade coincidem.

Na cultura dos primeiros cristãos, segundo Foucault, a *metanóia*³⁶ é a mudança súbita e radical de pensamento e de espírito, produzida por um trabalho que busca na *aksexis*³⁷ esta transformação. É um processo de renúncia a si mesmo e a partir da qual se espera alcançar a salvação. Entenda-se salvação como a liberação deste ser atual que é transformado e convertido em “outro”, estranho a si mesmo. A diferença das práticas anteriores é que esta transformação não se dá pelo fato de se ter um “cuidado de si”, mas, sim, pelo fato de se querer ter um “governo de si”. Pretende-se que o sujeito dirija um olhar sobre si mesmo, um prestar-se atenção o que implica uma interiorização. Já não se trata de olhar para o mundo; olhar que retorna sobre si, mas sim, de um olhar sobre si. O mundo agora é o “si mesmo”.

Esta interioridade ou interiorização é uma forma de subjetivação a partir da relação que guarda o sujeito com a verdade sobre si mesmo. Morey (1990, p. 55) resume este deslocamento da sociedade greco-romana à sociedade cristã: “Na cultura greco-romana, o conhecimento de si apresentava-se como consequência da preocupação consigo próprio. No mundo moderno, o conhecimento de si constitui o princípio fundamental”, e Foucault, por outro lado, faz ver que esta interiorização é a condição histórica para uma decifração de si mesmo. A decifração de si mesmo e da verdade interior é o que comporta esta tecnologia de si, que é a hermenêutica do sujeito.

³⁶ *Metanoia*. Significa arrependimento, mas no sentido de um enunciado retórico que se utiliza com o fim de retratar-se de uma afirmação com o intuito de corrigi-la ou comentá-la.

³⁷ *Aksexis*. Trata-se de um conjunto de regras e práticas encaminhas a liberação do espírito com o intuito de atingir a virtude.

O dispositivo geral para que se realize esta hermenêutica de si é a confissão, e o recurso fundamental é o exame de consciência e a atenta vigilância sobre si. Pretende-se com isto obter uma governabilidade sobre si, ser senhor dos próprios pensamentos, e censor dessas concupiscências da alma que provêm do corpo e que a psicanálise reconhece como pulsões. A estas práticas, vem se sobrepor e assumir preponderante destaque a verbalização do interior do sujeito e a renúncia ao Eu, em que o sujeito se coloca numa relação de sujeição a outro. Deve-se advertir neste ponto, pelo uso que lhe será dado posteriormente, que o “si mesmo” para os gregos se aproxima da idéia de alma e sua relação dialética com um eu-corpo; e que para os modernos, guarda afinidade com os processos de individuação pelos quais um sujeito se designa Eu.

Conforme Prado Filho, para Foucault “a confissão cristã ‘interioriza’ as relações com a verdade, colocando o problema da decifração do sujeito por si mesmo e inaugurando uma hermenêutica do sujeito em nossa cultura” (PRADO FILHO, 2006, p. 57). A “confissão” passa a ser, então, uma das técnicas mais eficazes de produção de verdade. No ocidente moderno, ela foi retirada de seu contexto religioso para passar a funcionar dentro dos parâmetros científicos.

Para Foucault, a psicanálise e o método que Freud desenvolveu fazem parte desta história, sendo resultado direto desta laicização da confissão. Segundo Foucault, a psicanálise reproduz esta hermenêutica de si modificada. Para isto, nada mais fácil que fazer um paralelo entre “verbalização” e “associação livre”; “renúncia ao ‘eu’” e “sujeição ao outro” e “transferência”; “hermenêutica” e “interpretação”; “*scientia sexualis*” e “sexualidade”; paralelos que dão a entender que a psicanálise é, parafraseando Clausewitch (s.d., p. 87), a continuação da confissão por outros meios. Depreende-se que, como muitos o fizeram, e com o que Foucault parece concordar, a psicanálise não deixaria de ser uma ciência burguesa de sujeição e repressão do desejo.

Não se pretende afirmar que a psicanálise não tenha uma história e que os movimentos de interiorização de si, desvendados por Foucault, não tenham contribuído para tecer o pano de fundo da psicanálise. De fato, a psicanálise atingiu, a partir de Descartes, sua condição de possibilidade e seria

impensável a prática psicanalítica no mundo grego, ou mesmo no mundo medieval cristão.

Todavia, Foucault afirma que a interpretação psicanalítica nada mais é que a moderna hermenêutica científica que pretende acessar e desvendar “a verdade do sexo do sujeito” (FOUCAULT, 1988/a, p. 77). Quando o sexo e o desejo ocuparem o lugar do si mesmo, eles serão matéria privilegiada na produção da subjetividade. Porém, para a psicanálise, a verdade do si mesmo não está no sexo. O “si mesmo”³⁸ é o que se perde por causa da sexualidade e em torno do qual gira o desejo, constituindo-se, por esta razão, em causa do sujeito.

Pode-se concordar com Foucault quanto à genealogia, mas se faz necessário ressaltar seu ponto de ruptura. Com efeito, este ponto é a ruptura da interpretação psicanalítica com a hermenêutica do sujeito e, portanto, da produção de um sujeito diferente e de uma outra ética. Todavia, como quem diz ruptura também diz articulação, parece que, tomando dois exemplos de interpretação de Freud, pode-se assinalar melhor o que se entende por interpretação psicanalítica e por que ela é diferenciada da hermenêutica do sujeito. Nesta linha de raciocínio, vê-se surgir o sujeito freudiano como produto da interpretação. Os dois exemplos a seguir pretendem ilustrar que se entende por interpretação e por hermenêutica em psicanálise.

2.5. Signorelli

Este é um exemplo de esquecimento acontecido com o próprio Freud e que pode ser encontrado em *A psicopatologia da vida quotidiana* (FREUD, 1973/y, p. 755-759). Por meio de sua análise pode-se ter idéia do que é uma interpretação psicanalítica e como se estabelecem a existência do inconsciente e a produção do sujeito do inconsciente.

³⁸ O “*si mesmo*” para a psicanálise é o *Das Ding* “a coisa”. Freud conceitualiza este si mesmo em 1931 no seu artigo sobre “A negação” como a “afirmação” (*Bejahung*) do que foi primeiramente “expulso” (*Ausstossung*) do organismo para constituí-lo como aparelho psíquico. (FREUD, 1973/k, p. 2884-2886). Posteriormente, Lacan vai aproximar o si mesmo ao conceito de objeto *a*.

A modo de introdução, define-se como "formações do inconsciente" aquilo que se pode considerar como acidentes da estrutura da linguagem no discurso. Considera-se que são acidentes no campo do discurso porque estes acidentes podem ser lidos. Lê-se o quê? Um sentido no acidente.

As formações do inconsciente têm o sentido de demonstrar a existência do inconsciente, mas não demonstram a que realidade responde essa existência. Da mesma forma, as formações do inconsciente não são o inconsciente, mas sua manifestação: respondem, portanto à sua estrutura. Só a realidade do inconsciente, e não sua mera existência, permite sustentar a prática analítica. Mesmo que a realidade do inconsciente seja sexual – como os dois exemplos mostram – não é isto que se pretende desenvolver aqui, e sim a emergência do sujeito que acontece por meio da interpretação psicanalítica e que nunca poderia se manifestar pelo caminho da hermenêutica³⁹.

O esquecimento⁴⁰ é aqui trabalhado, porque entendo que para Freud o esquecimento é constitutivo do inconsciente, já que supõe o inconsciente como uma zona de saber não sabido⁴¹, sendo que este saber dá existência ao inconsciente. As formações do inconsciente têm a função de representar este saber.

No exemplo tomado, Freud está conversando com outra pessoa numa viagem de trem para "um lugar da Herzegovina". Na conversa se tecem alguns comentários, ao modo de associação livre antecipada, sobre os costumes dos turcos da região por onde passam, a Bósnia e a Herzegovina. Seu companheiro de viagem assinala que para eles a questão da sexualidade é tão importante que é preferível a morte à impotência, e dizem: "Senhor, que vamos fazer". Neste ponto Freud quer lembrar o nome do autor dos afrescos de Orvieto – que se referem "às últimas coisas"⁴² – e não o pode recordar. Mas

³⁹ A interpretação freudiana procura encontrar a *significação* de um fenômeno de linguagem, considerando sempre que esta significação remete sempre ao referente. A hermenêutica trata da interpretação dos signos e de seu valor simbólico. A interpretação aponta para o saber do sujeito, a hermenêutica para o saber do Outro. Neste capítulo, pretendo explicitar a noção de interpretação para a psicanálise e, no próximo, a idéia de hermenêutica.

⁴⁰ Existe uma diferença clínica entre o esquecimento produzido por fatores neurofisiológicos ou como produto do inconsciente. No primeiro caso, esquece-se que se esqueceu. No segundo caso, lembra-se que se esqueceu.

⁴¹ O inconsciente é uma zona de saber, porque o saber para a psicanálise, assim como para a ciência, é um conjunto ordenado e seriado de significantes. Diz-se que se trata de um saber não sabido, porque esta articulação, que é um saber, permanece alheia à consciência.

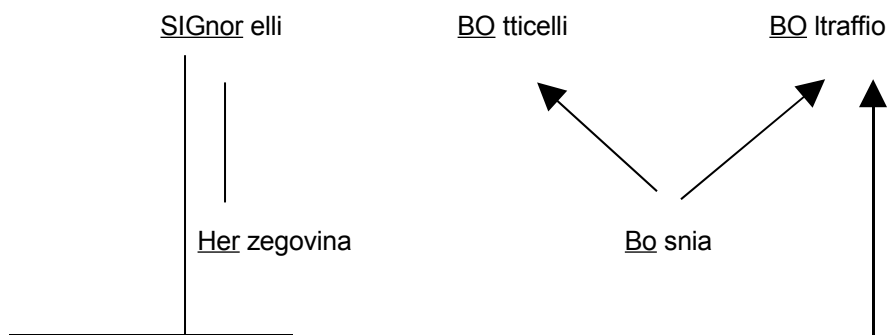
⁴² Em português a tradução é "juízo final", expressão que também existe em espanhol. Contudo, optei por "últimas coisas", como propõe Lopez Ballesteros na sua tradução para o espanhol, por causa de suas ressonâncias. Com efeito, últimas coisas evoca os "restos" mortais: o cadáver,

se lhe falta o nome do pintor, impõe-se a ele com toda clareza a visualização dos afrescos de Orvieto em que Signorelli, seu autor, encontra-se incluído no quadro.

Freud não lembra o nome de Signorelli, e no seu lugar aparecem nomes substitutivos: Boticelli e Boltraffio. A lacuna do nome esquecido não permanece como lacuna, mas se cobre com nomes substitutivos⁴³. A lógica do esquecimento impõe que aquilo que aparece no lugar do nome esquecido guarde uma relação com o que é esquecido. Assim, como o esquecido é um nome de pintor, o que aparecem como substitutos são nomes de pintores, que podem ser considerados formando uma classe, no sentido matemático do termo⁴⁴. Entretanto, de imediato o próprio Freud se dá conta de que nenhum destes nomes é aquele procurado.

Como a regra é que o substitutivo apareça no lugar do esquecido pode-se então dizer que o que está em jogo é um X a ser coberto pelo nome que Freud não pode lembrar. Ele apresenta o seguinte esquema que representa as associações produzidas. Essas associações têm como pano de fundo a relação com o suicídio de um paciente, terrível notícia recebida na cidade de Trafoi.

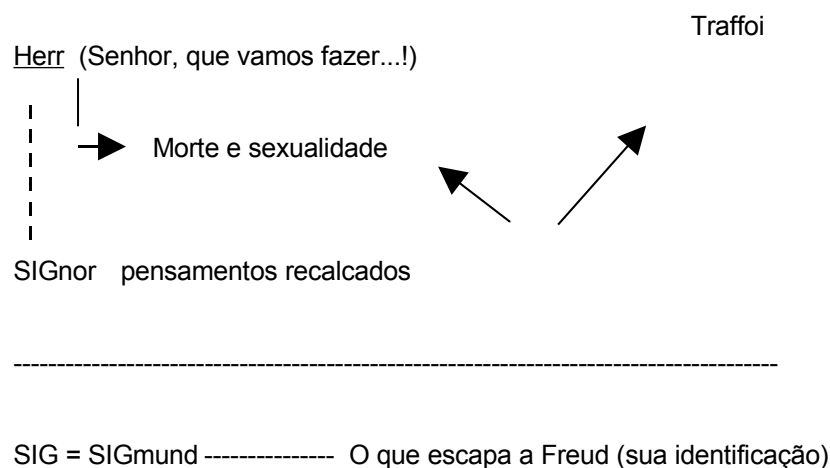
ESQUEMA DE FREUD



assim como os restos fonemáticos no trabalho do inconsciente. Esta expressão é também recolhida e trabalhada neste mesmo sentido por Lacan (2005, p. 62)

⁴³ Um substitutivo é uma palavra que aparece no lugar do esquecido – da falta de lembrança. Chama-se de formações do inconsciente ao aparecimento de substitutivos.

⁴⁴ Em matemática uma classe é um conjunto de elementos vinculados entre si por meio de uma lei de composição interna.



(Figura 1)

O que acontece é que o “Signor” – através da série de associações que vão de Boticelli, Boltraffio, Herzegovina, Bósnia – é algo que falta. Aparece o “elli” de Signorelli por intermédio de Boticelli, mas não aparece o Signor, salvo pela relação entre “Herr” (senhor) de Herzegovina e a frase imediatamente anterior à desapareição do nome. Signorelli só aparece após a tradução de *Herr* como senhor.

Signorelli é o nome esquecido, mas o que está suprimido⁴⁵ é o *Signor*. Não é todo Signorelli que desaparece, mas apenas o "signor" de Signorelli. A outra parte (o elli) aparece em Boticelli.

O nome Signorelli é esquecido porque nele se inclui signor, e o signor é Herr, dito imediatamente antes de se produzir o esquecimento, nesta frase que começa invocando o Senhor: “Herr, que vamos fazer...”. Freud está aí totalmente preocupado já que coloca em jogo tudo o que ele não pôde fazer por seu paciente. Frase que fala de toda sua impotência, e do que ele pode ou não fazer frente a esse senhor absoluto que é a morte, invocada pelos afrescos de Orvieto que se referem justamente às últimas coisas.

Mas o que Freud não pode fazer nesta análise de suas associações – pela simples razão de que quem fala não pode falar e escutar ao mesmo

⁴⁵ A supressão (Unterdrückung) se diferencia do recalque por faz desaparecer um representante da consciência sem, contudo, fazê-lo inconsciente.

tempo – é encontrar o ponto em que como sujeito está implicado nesse esquecimento. Sabe, sim, que isto corresponde à sexualidade e à morte como realidade do inconsciente, mas não pode saber o ponto de identidade que só aparece na letra. Com efeito, Freud é Sigmund, e neste Sig de Sigmund é onde encontramos o Signor de Signorelli que só aparece por tradução do Herr. Isto é o que levará Lacan a sustentar que sempre uma identidade desta ordem é quem determina o esquecimento, e que é no processo de formação de substitutivos, própria das formações do inconsciente, onde encontramos o sujeito. Encontramos o sujeito do inconsciente ao encontrar o sujeito implicado no esquecimento. Freud pode fazer auto-análise de seu esquecimento, mas só até o ponto em que a verdadeira significação se produziria. Este ponto – o sig – é algo que ninguém, por si mesmo, poderia encontrar.

Poderia-se chamar a isto confissão?

Na confissão, supõe-se que alguém confesse sua verdade, o que sabe de sua verdade. Indo mais longe, pode-se dizer que se confessa até o que não se sabe. Contudo, o efeito de sujeito, ou se preferir, a interpretação, não está do lado da associação livre que conduz à série de substitutivos. O que estes assinalam é o material usado na interpretação.

A interpretação em psicanálise não é a pontuação ou o esclarecimento dado pelo analista ao que o paciente diz, nem o sentido que o paciente dá às suas associações. Quem interpreta em psicanálise é o inconsciente, e neste caso o inconsciente interpreta a relação do sujeito com a sexualidade e a morte, produzindo um esquecimento⁴⁶. O esquecimento, neste caso, é a interpretação.

Nada mais distante, no meu entender, de uma hermenêutica. Já no próximo capítulo me deterei sobre um exemplo de Freud cuja interpretação não toca o sonhante⁴⁷, e constitui uma amostra do que seria uma interpretação hermenêutica.

⁴⁶ É assim que devemos ler “A interpretação dos sonhos”, no sentido do genitivo subjetivo, assim como no sentido genitivo objetivo. Os sonhos a serem interpretados (*deutung*), assim como a interpretação (*bedeutung*) que o sonho produz.

⁴⁷ Sonhante é outro neologismo que me permito para não falar de sonhador. Sonhador pode levar a pensar naquele que dorme e sonha. Com sonhante refiro-me ao sujeito do sonho independentemente daquele que dorme. Assim sendo, um sonho pode ser sonhado por outra pessoa.

2.6. Aliquis

Este exemplo de Freud conhecido como Aliquis (FREUD, 1973/y, p. 759-753) corresponde àquela prática em que a interpretação do inconsciente obedece a uma hermenêutica. Satisfaz a um exercício do saber da psicanálise, a uma demonstração do sentido do saber inconsciente, mas não nos dá a estrutura do mesmo. Portanto, não encontraremos, neste exemplo, a produção do sujeito do inconsciente.

Trata-se, neste exemplo, de um homem que desafia Freud. Em meio a uma conversa versando sobre as condições sociais em que se encontrava o povo judeu, este jovem ambicioso começou a se lamentar que sua geração estivesse destinada à atrofia, não podendo desenvolver seus talentos nem satisfazer suas necessidades. No momento de terminar seu discurso, ele quer citar os versos de Virgílio, no qual Dido recomenda às gerações futuras a vingança sobre Enéas, mas não pode lembrar com exatidão a citação e muda as palavras do verso: “*Exoriare (e) aliquis nostris ex ossibus ultor!*”⁴⁸ por “*Exoriaris (e) ex nostris ossibus ultor!*” (FREUD, 1973/y, p. 760) Não sendo a citação correta, termina pedindo com enfado ajuda a Freud para reconstruir o verso.

Ora, para Freud todo esquecimento é determinado, e o jovem o desafia a provar que neste esquecimento também existe uma razão inconsciente. As associações que aqui se produzem a pedido de Freud são: “aliquis” – a-liquis – relíquias – liquefação – fluído – líquido. A partir disto brotam toda uma série de associações que permitiram estabelecer as motivações inconscientes do esquecimento.

Para o propósito presente, é suficiente expor este pequeno fragmento. Mas deve-se ainda acrescentar que o sentido do esquecimento é motivado por um atraso da menstruação de sua namorada, e coloca em questão o verdadeiro desejo do sujeito de obter descendência. Contudo, isto é algo que Freud não comunicará, na medida em que este sujeito não está em análise.

⁴⁸ *Exoriare aliquis nostris ex ossibus ultor.* Deixa que alguém surja de meus ossos como vingador.

O que importa resgatar aqui é que Freud diz textualmente na sua análise que aqui não há substitutivos. Na medida em que este exemplo não é de uma análise, e o que se pretende é encontrar uma significação para um fato lingüístico, como é o esquecimento, Freud, delicadamente, restitui a palavra esquecida e com isto impede a formação de substitutos.

Isto é fundamental para o propósito do exemplo, na medida em que coloca uma diferença entre o que se entende por uma interpretação psicanalítica e uma interpretação – ou hermenêutica – dos significados inconscientes.

Na interpretação psicanalítica encontramos sempre a substituição do significante, o que no futuro, apoiando-se na lingüística, Lacan teorizará como metáfora. Esta interpretação é a que aponta para a determinação *do* sujeito, aliás, ela o produz. O sujeito é um efeito de sentido produzido pela substituição significante.

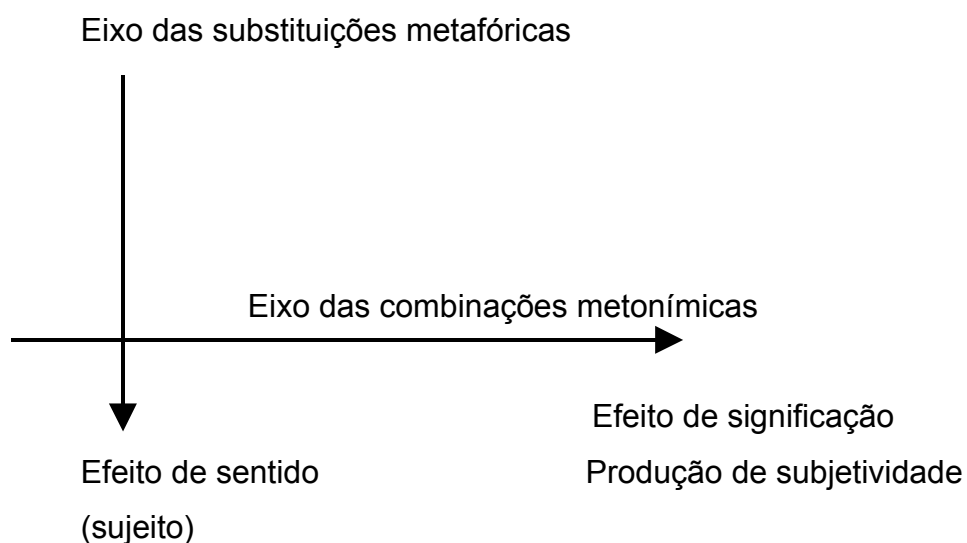
Por outro lado, pode-se fazer uso da associação livre para interpretar (significar) os motivos de um esquecimento sem que, contudo, se produza o efeito de sujeito. Encontramo-nos aqui no eixo metonímico, próprio da hermenêutica. Neste eixo não se encontram substituições e sim combinações. Cada novo significante que se acrescenta à série dará novas significações *para* o sujeito, sem jamais determiná-lo. O que dá por resultado a “infinetização” ou indeterminação do sujeito, própria da hermenêutica. Exemplo disto é a quantidade e variedade de significações que a psicologia em geral encontra como motivações de subjetivação, e que propõe reconhecer como subjetividade⁴⁹.

Estas considerações não desmentem, por exemplo, o estudo genealógico que faz Foucault, no seu intento de estudar nos signos e transformações da subjetividade as relações de poder e saber que constituem a subjetividade do sujeito moderno; porém, marcam o ponto de articulação e de

⁴⁹ A Psicologia em geral, pelo fato de tomar a noção de sujeito no sentido amplo que tem na filosofia política, encontra em quase todas as coisas motivos e causas de subjetivação. Entre estas motivações encontramos a velhice, a adolescência, os aniversários, o corpo, a violência, a sexualidade, os problemas sociais ou econômicos, as mudanças na moda e as mudanças culturais, os problemas diários, a música, a pintura, o teatro, a dança, o namoro, o turismo, etc. Tudo é causa e motivo de subjetividade, e para comprovar isto, pode-se tomar como referência os títulos de dissertações universitárias. A psicanálise vê nisto uma série de identificações, que, orientadas pelo Ideal do Eu, alienam o sujeito ao Eu. Para Freud, existe só uma causa do sujeito: a pulsão.

ruptura com o campo da psicanálise. Tomando como referência a teoria psicanalítica (FREUD, 1973/j), podemos afirmar que a hermenêutica é uma interpretação, mas que a interpretação (psicanalítica) não é uma hermenêutica. A descoberta de Freud afirma que o *sentido* das formações do inconsciente não está no enigma a ser decifrado, mas na razão que o determina.

Podemos agora, apoiando-nos nos operadores da linguagem conhecidos como combinação e substituição, (LACAN, 1979/g, p. 179-216) colocar isto num gráfico.



(Figura 2)

Neste gráfico é fácil observar as duas principais operações inconscientes, operações que Freud, no capítulo VI de "A Interpretação dos sonhos" (FREUD, 1973/j, p. 517-534) conceitua como condensação e deslocamento, e que correspondem ao eixo sincrônico e diacrônico da palavra.

No eixo diacrônico encontraremos os objetos libidinais, ou – e Foucault concordaria com isto – as diferentes significações que vão se produzindo, e que são diferentes relações do sujeito com a verdade. Por esta razão, a verdade será inalcançável e seu valor será político. No eixo sincrônico é onde encontraremos a produção de um sujeito. O sujeito virá a ser determinado pelo significante, representado por ele e ao mesmo tempo barrado pelo mesmo. É neste eixo que situamos a interpretação psicanalítica,

interpretação que definimos como trabalho do inconsciente na produção de um sujeito.

As formações do inconsciente que vem se trabalhando, e que tem no sonho seu paradigma, têm um caráter fugaz, pontual. Por esta via o sujeito é apreendido no instante da manifestação do desejo inconsciente, mas não se sustenta no tempo. Tem-se a impressão que o sujeito é a realização de uma idéia e não "carne", entretanto o sintoma do sujeito que vem se consultar não é uma idéia, mas o afeta na sua "carne". A propósito, Freud introduz o fator quantitativo presente no sintoma, o que dá "permanência" à noção do sujeito. O sintoma, por ser uma formação do inconsciente caracterizada por seu estado duradouro, nos permitirá salientar um aspecto importante da noção de sujeito.

2.7. O sintoma

Todo sonho é uma realização de desejos, mas há também outras formas de realizações de desejos diferentes do sonho.

A teoria de todos os sintomas psiconeuróticos culmina no princípio de que também estes produtos têm que ser considerados como realizações de desejos do inconsciente [...] ⁵⁰ o sintoma histérico não nasce senão quando duas realizações de desejos contrárias e procedentes cada uma delas de um sistema psíquico diferente, podem coincidir numa única expressão (FREUD, 1973/j, p. 691).

O sintoma resulta ser um produto consideravelmente deformado de uma realização de desejos libidinosos inconscientes, produto de uma transação entre o desejo inconsciente recalado e as forças do Eu que se opõe a sua livre expressão. É graças à existência de antigas fixações que a libido escapa do conflito e deriva sua carga para uma expressão permitida.

A libido encontra as fixações que precisa para vencer o recalque nos acontecimentos da atividade sexual infantil, nos antigos modos de satisfação e

⁵⁰ Nota de Freud, de 1914, em "A interpretação dos sonhos": "O mais correto é dizer que uma parte do sintoma corresponde à realização de desejos inconscientes, e outra à reação contra a mesma" (FREUD, 1973/j, p. 691).

nos primitivos objetos infantis que foram objeto e fonte de prazer. "É através das sinuosidades do inconsciente e das antigas fixações que a libido pode chegar a algum tipo de satisfação – no sintoma – embora limitado e irreconhecível" (FREUD, 1973/s, p. 2347)⁵¹.

Mas o sintoma não é o sonho. Porém, tanto o sintoma como o sonho são formações do inconsciente e carregam um sentido, sentido que revela uma verdade desconhecida, mas à diferença do sonho o sintoma tem uma fixidez e uma perseverança próprias que são desconhecidas no sonho. Trata-se do famoso fator quantitativo, já presente no "Projeto de uma psicologia para neurólogos" (FREUD, 1973/w, p. 212), bem como nas cartas e manuscritos endereçados a Fliess – seu primeiro interlocutor⁵². Para Freud, o fator quantitativo sempre se lhe revelou como condição última e *sine qua non*⁵³ para sua duração no tempo, mesmo depois que a análise decifrou seu emaranhado simbólico e revelou seu sentido. Freud sustentou esta tese durante toda sua vida.

A fixidez do sintoma testemunhada na clínica impõe um projeto que o ocupará nos dez anos seguintes. Por um lado investiga as vicissitudes da fantasia inconsciente e sua relação com a sexualidade, que termina conduzindo-o à teoria do "narcisismo"⁵⁴. Por outro, busca os fundamentos econômicos e materiais da libido sexual, fundamento que deságua na sua primeira teoria das pulsões: a pulsão sexual e a pulsão de autoconservação⁵⁵.

⁵¹ O sublinhado é meu.

⁵² O Dr. Fliess foi o grande amigo e interlocutor de Freud em todo o período clássico da descoberta do inconsciente e invento da psicanálise. Este médico especializado em transtornos nasais ofereceu a Freud uma teoria sobre a bissexualidade constitutiva do ser humano, embasada em períodos numéricos. Freud, no começo, tomou a Fliess como um grande cientista a quem endereçou todas suas descobertas, mas pouco a pouco foi se separando da autoridade científica de Fliess, na medida em que sua teoria da bissexualidade revelava seu caráter mântico. Contudo, a transferência que Freud depositou em Fliess sustentou suas primeiras elaborações teóricas e lhe permitiu realizar sua auto-análise. Portanto, considera-se a Fliess como o primeiro analista. Freud nunca desistiu da teoria de uma bissexualidade de caráter constitutivo, porém a embasou em dados biológicos e não numerológicos. A correspondência entre os dois amigos se interrompe em 1904.

⁵³ *Sine qua non*. Condição sem a qual não... Condição essencial.

⁵⁴ Momento fundamental da constituição do sujeito em que a libido toma o eu como objeto de amor. A consequência do narcisismo é a produção do Eu como novo ato psíquico e a derivação da libido que agora poderá partir do Eu recém criado para investir os objetos.

⁵⁵ Freud elabora uma primeira teoria pulsional presente em 1905 no seus "Três ensaios para uma teoria sexual" (FREUD, 1973/af, p. 1169-1237) onde é descrita em termos de amor e fome e logo descrita pormenorizadamente em 1915 nas "Pulsões e suas vicissitudes" (FREUD, 1973/t, p. 2039-2052). Esta teoria sustenta a existência de dois tipos diferentes de pulsões: de conservação, ligadas ao Eu e sexuais. Estas pulsões possuem interesses diferentes que as fazem entrarem em conflito, sendo este resolvido na formação de um sintoma. A segunda teoria pulsional é elaborada por volta de 1919 e formalizada em 1920 no "Mais além do principio do

Acontece que a interpretação é por si só insuficiente para modificar uma neurose, assim como para resolver seus impasses. A interpretação busca fazer consciente o inconsciente vencendo para isso o recalque, pedra angular do edifício da psicanálise. Todavia, constata-se que existe uma força inconsciente que se opõe ao trabalho analítico como um todo. Esta força, que nunca deixa de se manifestar, Freud a chama de "resistência", e ao se contrapor ao trabalho analítico busca fazê-lo fracassar.

Para poder dar resolução ao problema colocado pelos sintomas, foi preciso, então, uma modificação da técnica. Para se fazer consciente o inconsciente, preenchendo as lacunas que o recalque produziu, será preciso vencer as resistências.

É evidente que as resistências estão a serviço da manutenção de uma fenda que separa consciente e inconsciente. Elas trabalham a partir do sistema pré-consciente e se opõem, não a que o recalcado se faça presente – como conteúdo intelectual, por exemplo – mas que a consciência assuma como próprio isso que aparece como estranho e avesso a ela. O instrumento conceitual que Freud elabora para vencer esta batalha é a transferência. Estes dois conceitos: resistência e transferência são tão importantes que, em 1914, Freud não duvida em dizer que a teoria psicanalítica é uma tentativa de fazer compreensíveis estes dois fatos que surgem sempre que se busque referir os sintomas patológicos a suas fontes. Para dar maior ênfase a isto escreve que "toda investigação que reconheça estes dois fatos e os tome como ponto de partida de seu labor poderá ser denominada psicanálise, embora chegue a resultados diferentes dos meus" (FREUD, 1973/g, p. 1900).

Freud já tinha elaborado as condições essenciais do adoecer e os fatores que incidem sobre os sintomas depois de constituídos. Entre eles está a disposição hereditária, dado impossível de modificar por ser constitutivo. Também encontra os episódios infantis, mas estes pertencem ao passado e não podem ser desfeitos. Da mesma forma está o destino, mas este está fora do alcance e da jurisdição da psicanálise. Por outro lado, o conflito consciente

prazer" (FREUD, 1973/u, p. 2507-2541). Esta teoria substitui, por considerar mais acertado, a primeira dualidade pulsional por uma segunda, formada pela pulsão de vida e a pulsão de morte. A segunda teoria não subsume nela a primeira, mas pode-se fazer, contudo, uma aproximação das pulsões sexuais às pulsões de vida e da pulsão de morte às pulsões de conservação.

entre duas forças antagônicas que produzem frustração é resolvido pelas pessoas sem necessidade de uma análise.

Acontece que as forças em conflito num sintoma não estão no terreno da consciência, mas no terreno do inconsciente, e o objetivo que busca o tratamento é fazer assumir, pela consciência, as motivações recalçadas. Fazer consciente o inconsciente, como nos diz a já tão sabida fórmula, resulta em descobrir primeiro o recalque para logo suprimir a resistência que o mantém.

Contudo, algo vem a se interpor nesse labor, algo inesperado. O paciente deixa de se interessar pela cura de sua enfermidade, liga seu interesse ao analista e aproveita toda ocasião para se colocar a serviço da resistência. Assim, a "transferência"⁵⁶ do interesse psíquico do sintoma para o analista – transferência que é uma abertura ao Outro⁵⁷ e que num primeiro momento serviu para fazer o paciente se interessar e contribuir para o progresso da análise – é utilizada como resistência. Resistência e transferência terminam sendo dois lados diferentes da mesma moeda.

Todos os sintomas perdem sua primeira significação e adquirem um novo sentido, totalmente dependente da transferência (FREUD, 1973/p, p. 2391-2401). É na transferência e pela transferência que se atualiza, se vivifica e se faz presente todos os níveis da história do sujeito, na medida em que é "a colocação em ato da realidade sexual do inconsciente" (LACAN, 1986, p. 142).

Enquanto a transferência trabalha pelo revestimento libidinal dos objetos, e daí seu parentesco de nascimento com a pulsão, a resistência está a serviço dos ideais narcísicos do Eu.

⁵⁶ "Designa em psicanálise o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada. É à transferência no tratamento que os psicanalistas chamam a maior parte das vezes de transferência, sem qualquer outro qualificativo. A transferência é classicamente reconhecida como o terreno em que se dá a problemática de um tratamento psicanalítico, pois são a sua instalação, as suas modalidades, a sua interpretação e a sua resolução que caracteriza este. (LAPLANCHE, PONTALIS, 1998, p. 514)

⁵⁷ *Outro*, assim escrito com maiúscula, indica na grafia de Lacan tanto nosso próximo que o encarna, como também a Mãe primordial e fundamentalmente o lugar da cultura, do social. Todos os valores culturais que modulam as pulsões são transmitidos pela mãe, em primeiro lugar. Tudo que vem do Outro social, ou dos outros particulares, se inscreve no inconsciente como representante psíquico. Isto significa que a realidade para qualquer sujeito é uma realidade de palavra, tomada no seu valor significante de pura diferença. No inconsciente só encontramos diferenças. Por extensão, quando falamos do Outro com maiúsculas nos referimos também ao inconsciente, lugar onde se inscrevem os representantes pulsionais.

[...] o homem não é, em geral, acessível por seu lado intelectual, mas na proporção de sua capacidade de investimento libidinal de objetos; razão pela qual podemos afirmar que o grau de influência que a mais acertada técnica analítica pode exercer sobre ele depende por completo da medida de seu narcisismo, barreira contra tal influência (FREUD, 1973/p, p. 2401).

Investimento libidinal que reconhecemos como uma abertura ao Outro. É comum a experiência de como o homem começa a conhecer e se apropriar de seus objetos: metendo-os na boca, nessa relação oral que tem seu modelo no ato de mamar, primeira abertura ao Outro materno que nos sustenta na vida. Mas também rejeição daquilo que o constitui, rejeição que está a serviço dos interesses narcísicos do homem que recusa saber, que está no centro de seu ser e não fora dele, a falta que o constitui.

Assim, o trabalho da resistência e o fenômeno da transferência tocam a mesma questão, e fazem trabalhar uma mesma pergunta: "o que sou?".

É como se a obra freudiana tivesse surgido como um saber cuja vocação fosse acolher, tratar e responder à pergunta agostiniana sobre o problema da natureza humana. Refiro-me à *quaestio mihi factus sum* [a questão que me tornei para mim mesmo] tal como a recolhe H. Arendt na sua análise da condição humana (CABAS, 2006, s.p.).

Acontece assim, nessa balança representada pelo movimento da transferência e da resistência, de o trabalho realizado sobre si mesmo levar o analisante a uma transformação interna. Destarte, assumir pela consciência a verdade inassimilável presente no sintoma "transforma o neurótico em um outro homem" (FREUD, 1973/p, p. 2393). Transformação, que no juízo de Freud os analistas lhe têm concedido pouca importância.

Se o requisito para a formação de sintomas é o fracasso do recalque (FREUD, 1973/s, p. 2345-2357), é porque o recalque representa uma barreira, um dique frente às exigências pulsionais. Estas exigências pulsionais se expressam a partir da trama dos pensamentos inconscientes destinado a

representar a pulsão no plano simbólico. O que aparece no sonho como pensamentos opostos, representando desejos opostos, e que o sonho tenta conciliar mediante um trabalho de elaboração onírica nada mais é que a luta das pulsões entre si. Por esta razão o sintoma está a serviço da meta pulsional, tende a sua satisfação, malgrado o estranhamento e desprazer que possa produzir.

As pulsões são exigências de satisfação proveniente das excitações dos diversos órgãos do corpo, sendo que um mesmo órgão pode estar a serviço das pulsões sexuais, bem como das pulsões de conservação da vida individual. A tese freudiana da dualidade pulsional nos faz ver que, sendo difícil servir a dois senhores ao mesmo tempo, o órgão, fonte da excitação se fragmenta na sua função fisiológica para dar corpo à função psíquica de representar a exigência de satisfação pulsional. "[...] o sintoma nos revela que se para além da consciência está o inconsciente, para além do inconsciente está a pulsão [...] a estrutura formal do sintoma é dada pelo inconsciente, sua base material é a pulsão" (CABAS, 2006, s.p.).

Ao tratar dos sonhos, vimos que eles realizavam o desejo inconsciente do sonhador, e assim pudemos dizer que o desejo inconsciente é o nome freudiano para o sujeito – sua manifestação. Agora vemos que há um mais além do inconsciente: a pulsão⁵⁸.

Pulsão cuja fonte é constituída por um órgão delimitado como "zona erógena"⁵⁹, cujas exigências de satisfação o inconsciente tenta dar conta. Essa satisfação que o inconsciente tenta representar, mesmo na forma deslocada e permanente de um sintoma ou na forma fugaz de um sonho é a matéria em que se assenta a vida.

Estar-se-ia tentado a concluir, neste primeiro momento, que o sujeito freudiano é a *função* por meio da qual a premência da vida é representada no plano simbólico. Nada melhor que um exemplo para esclarecer isto.

⁵⁸ Em tempo, advertimos que o desejo não é a pulsão. O desejo não busca a satisfação, como a pulsão, mas o reconhecimento, dado pela sua realização simbólica.

⁵⁹ Chama-se zona erógena a qualquer parte do corpo capaz de funcionar como fonte sexual da pulsão. As zonas erógenas classicamente descritas são a zonas erógena oral, anal, genital, escópica e auditiva. Note-se que a característica comum delas é a de possuir uma borda que delimita um buraco por onde o interior do corpo se comunica com o exterior.

2.8. Fräulein Elisabeth Von R.

Gostaria de ilustrar agora, com um caso clínico de Freud, como o sintoma realiza um desejo inconsciente, e nesta realização atende as exigências pulsionais assentadas num órgão que toma a função de zona erógena.

Tomarei para isto a primeira psicanálise realizada por Freud, já em 1892, e conhecida como o caso de Elisabeth von R.. Conduzido nos alvares da psicanálise, constata-se como a teoria segue a clínica e como Freud, desde cedo, reconhece a pulsão por detrás do inconsciente (FREUD, 1973/f, p. 41-50).

Freud recebe Elisabeth, por indicação de um colega, com o diagnóstico de histeria, embora não se encontre a princípio nenhum dos signos patonimicos da histeria. Ao contrário, ela parecia psiquicamente normal e levava sua vida com resignação e afastada da vida social. Elisabeth sofria de uma paralisia motora nas pernas com intensa dor conhecida como *atasia abasia*. Isto fazia com que seu andar fosse difícil e carregado. Um exame físico demonstrou que não havia lesões e que o quadro geral fazia suspeitar de uma infiltração dos nervos da perna o que hoje em dia se diagnostica como "tendinite reumática". O único signo de histeria é dado pela "*belle indifférence*"⁶⁰ com a qual aceita sua condição. A dor nas pernas que motivavam sua queixa era indeterminada e com uma maior sensibilidade cutânea e muscular. Estas dores e o cansaço vinham se repetindo de forma insistente desde um par de anos.

Um dos índices diagnósticos, a *belle indifférence* indica que a paciente dá importância a suas dores, porém, é como se seu pensamento estivesse retido em outra coisa. Isto é, por pensamentos inconscientes enlaçados às dores, sendo estas um fenômeno concomitante. Porém, e mais importante, é a constatação de que quando se estimulava dolorosamente sua perna, ao invés de manifestar uma sensação de desagrado e defesa frente à dor, Elisabeth

⁶⁰ Bela indiferença. Diz-se com a expressão, em francês, de uma relativa falta de preocupação sobre a natureza ou as implicações do sintoma que evidencia a força do recalque.

[...] mostrava uma singular expressão, que parecia de prazer e não de dor, gritava como quem experimenta uma sensação voluptuosa, ruboriza-se intensamente, fecha os olhos e dobra seu corpo para trás, tudo isso sem exagero, mas suficientemente marcado para fazer pensar que a enfermidade do sujeito era uma histeria e que o estímulo tinha tocado uma zona histérica (erógena). [...] esta expressão da paciente não podia corresponder de forma alguma à dor [...] mas ao conteúdo dos pensamentos que se ocultavam por trás de tais dores despertados [...] pelo estímulo das zonas associadas (FREUD, 1973/f, p. 109).

Freud localiza a pulsão no prazer da dor; a satisfação pulsional associada a uma zona do corpo que já não se comporta como manda a fisiologia e perdeu a função de caminhar. A perna não serve para realizar a função própria, senão para expressar uma satisfação desconhecida pelo sujeito, satisfação enlaçada a seus devaneios.

Freud não fala nada disso à paciente e não porque não se interesse pela pulsão que, em 1914, seria situada como axioma fundamental. Ele não ataca a pulsão de frente, não por ignorância, mas por precaução. Deduz que esta dor, vivida como estranha pela consciência, deve estar em harmonia com os pensamentos inconscientes. Cita Goethe: "Sua máscara revela um sentido oculto" (FREUD, 1973/f, p. 108). Elisabeth esconde um segredo que Freud supõe que ela sabe – mesmo sem saber.

Freud pede então que Elisabeth conte sua história, uma e outra vez, extremamente atento a todos os detalhes, às modulações de sua voz, às incoerências de seu discurso, às lacunas entre pensamentos. Pouco a pouco vai ficando claro que nessa carne dolorida, órgão anatômico sem função, se assenta uma história vivida, feita de desejos inconfessados, mas que depois da análise são reconhecidos e assumidos como próprios, como representando o si mesmo. Pareceria que o ser do sujeito se assenta nesse órgão doloroso e até se reduz e se condensa nele. Freud também não desconhece este caminho estranho para a ciência de sua época, caminho que liga o corpo, feito sintoma, à história de um sujeito: "[...] ainda me surpreende que os históricos de casos que escrevo pareçam contos e que, como se poderia dizer, eles se ressintam do ar de seriedade da ciência" (FREUD, 1973/f, p. 111).

Elisabeth era a mais nova de três irmãs. Como sua mãe padecia da vista e era enferma nervosa, aproximou-se mais do pai, que desviou para ela o carinho antes destinado ao filho que não teve. Isto fazia de Elisabeth uma pessoa alegre, confiante e independente. O próprio pai vaticinava que com sua atitude lhe resultaria difícil arranjar um marido. Em realidade, a moça tinha projetos de seguir uma carreira científica e se rebelava de ter que sacrificar seus desejos por causa de um matrimônio.

Durante muito tempo o pai ocultara que sofria de uma enfermidade cardíaca, mas um dia trouxeram-no inconsciente para casa. A partir desse dia Elisabeth instituiu a si própria como uma abnegada enfermeira, ficando a seu lado dia e noite e renunciando aos encontros sociais até o dia que o pai faleceu. Nessa época de convalescença, iniciou-se a enfermidade de Elisabeth, com dores na perna direita, a mesma perna na qual apoiava a perna intumescida de seu pai para lhe trocar as ataduras.

Seu pai faleceu um ano depois do ataque do coração. Ao terminar o ano de luto, sua irmã casou-se com um homem inteligente e de boa posição, mas birrento e egoísta, sendo Elisabeth a única a fazer-lhe frente e acusá-lo de contribuir para a infelicidade do lar e solidão da mãe.

O casamento da segunda irmã com um homem mais delicado e atencioso reconcilia Elisabeth com a instituição do casamento e com a idéia de sacrifício a ela enlaçada. Por fim, a mudança de cidade do primeiro cunhado coincide com uma delicada intervenção cirúrgica da mãe. Realizada a cirurgia com sucesso, as três famílias se reúnem numa estação de veraneio para descansar depois de todo esse período extenuante. Foi ali que Elisabeth sentiu, pela primeira vez, as dores nas pernas e a dificuldade em andar.

Nesses dias recebem a notícia que sua segunda irmã, grávida, não esta bem da saúde. Receando o pior, empreendem a viagem para vê-la. As dores de Elisabeth se misturam com os mais tristes temores, infelizmente confirmados.

A partir desse momento, as dores se instalam permanentemente junto com a idéia de que a morte da irmã deve-se à doença cardíaca de seu pai, para ela hereditária, bem como ao infortunado cunhado que colocou a sua irmã em perigo com sucessivas gravidezes.

[...] a partir dessa época Elisabeth não conseguiu afastar de seu pensamento a triste impressão de que, quando por acaso um matrimônio reunia as condições necessárias para ser feliz, tivesse que ter a felicidade tal desfecho (FREUD, 1973/f, p. 112).

A partir dessa época, o cunhado, viúvo e inconsolável, distancia-se da família, na verdade, algo incontornável, uma vez que ele não podia continuar vivendo sob o mesmo teto estando Elisabeth ainda solteira.

O que resta a Elisabeth desta época é um sentimento de desamparo por não poder constituir sua família, "sentimento de que não podia dar um único passo à frente" (FREUD, 1973/f, p. 110). Contudo, Freud entende que as dores de tristeza, frustração e desamparo são humanos, e que só levam a compadecer o sujeito, mas ainda não são causais da neurose, nem ajudam a entender por que o desfecho teria que ser uma abasia dolorosa. Apenas seria possível inferir que a partir desse momento a enferma empregava na sua vida anímica, a dor somática como símbolo da dor psíquica.

A confissão de sua história não produziu modificação alguma no quadro clínico, mas Freud insiste "animado pela firme convicção" de encontrar no inconsciente as determinações e motivos do sintoma histérico. As associações que vão se produzindo a partir daí permitem compor a história secreta de seu sintoma. Em primeiro lugar, é de relevante importância o relacionamento que Elisabeth tinha com seu pai, é aí que encontramos sua satisfação, isto é, na rede de relações e prestígio que o pai lhe proporcionava, o que ela perde com a morte dele. Ela mesma interpreta ser do pai a marca da dor. A perna intumescida do pai marca um lugar em seu corpo, aí onde ele apoiava sua perna quando lhe trocava as ataduras.

Tudo o que na sua vida o pai sustentava caiu por terra com sua morte; sobrou a perna dura, marca da ferida do pai. Marca da queda do pai, recobrando a falta. Em seu corpo a prova, a assinatura de que por ali passou uma satisfação. O sintoma ali se instala para atestar um desejo inconsciente. Ali, no mesmo ponto onde um furo inscreve a satisfação, instala-se o simbólico. Vertente real e histórica do sintoma (COSTA, 2006).

A série de associações se inicia, na análise, com o pai, passa pelo amor de um rapaz – que por ser do gosto de seu pai lhe fazia pensar que no matrimônio não precisaria renunciar a nada – para culminar na revelação de que o segredo guardado era um segredo para ela própria: seu amor incestuoso por seu cunhado.

Elisabeth rememora, em análise, a tristeza de sua viagem à cidade onde estava sua irmã, as dores que se intensificam, a angustiante marcha através do jardim até a tétrica casa, o leito de sua irmã morta e a dor de ter faltado para lhe dar o consolo de sua companhia, quando, nesse mesmo momento, "cruza por sua imaginação, como um raio atravessando a tempestuosa escuridão, um pensamento diferente: 'Agora ele já está livre e pode me fazer sua mulher'" (FREUD, 1973/f, p. 121). Pensamento inconsciente, que nem sequer chegou à consciência no seu momento, mas que foi recalcado *in loco*⁶¹, portador de uma verdade intolerável da qual o sintoma se erige em monumento.

Temos aqui a pulsão em luta. Pulsão que exige satisfação mesmo na dor, em luta contra os ideais do Eu, que tem de ceder e admitir que, mesmo julgando-se suficientemente forte para prescindir da ajuda de um homem, sua fria natureza começava a se derreter ansiando pelo amor de um homem.

Temos aqui o sintoma realizando um desejo, desejo que é tanto de não ceder do prestígio advindo do pai, como de situar que este desejo não anda, não caminha e que no seu desejo de reconstruir seu lar não poderia prescindir do amor de um homem. Não anda porque o desejo de Elisabeth é conquistar o amor como sua irmã, porém sem ter que pagar o preço da renúncia de sua posição fálica que a identificação com o pai, através da perna intumescida, lhe assegurava. A realização de desejos toma a forma de castigo em que o órgão se desgarrar – não poder andar e sofrer intensas dores – não deixa de ser a forma sintomática em que se realiza o desejo inconsciente. Desejo inconsciente que sua perna endurecida coloca como pergunta, claramente na sua enunciação, como a questão do próprio sujeito: Que sou como mulher?

O final já é conhecido, Freud não deixa passar a oportunidade de ver a sua paciente entregue aos prazeres da dança na casa de uns amigos em

⁶¹ *In loco*. No lugar

comum⁶². Posteriormente soube que Elisabeth contraiu matrimônio por livre inclinação com um estrangeiro ⁶³.

Não quero me privar de terminar o comentário do caso Elisabeth sem citar uma passagem de "Dafnis e Cloe", pastoral de autoria de Longo, poeta grego que viveu na ilha de Lesbos por volta do século segundo depois de Cristo. "Sim, estou doente, mas qual é o meu mal? Não sei; sofro, e não estou ferida; queimo, e estou sentada sob uma sombra densa [...] Era o que ela sentia, era o que ela dizia, enquanto buscava o nome do [...] amor" (LONGO, 1991, p.33-34)⁶⁴.

2.9. A causa do sujeito

Se por um lado o estudo do sonho permite entrever que o desejo inconsciente é o nome do sujeito freudiano, por outro lado, a análise do esquecimento faz coincidir este desejo com sua interpretação. No sintoma, descobrimos que o desejo, aparecido fugazmente nas formações do inconsciente, *persevera*, resistindo à interpretação.

Nem tudo é simbólico no sintoma, o que obriga a modificação da técnica que agora tem no manejo da transferência os alicerces para sua eficácia. Descobrimos que as resistências à cura se assentam na dualidade pulsional que busca satisfação, sendo o órgão erógeno – onde se assenta o sintoma – tanto a causa material como a fonte da pulsão. Portanto, o movimento pulsional aparece como causa do sujeito, tendo como correlato material do mesmo a zona erógena como órgão de satisfação pulsional (CABAS, 2006, s.p.).

Por outro lado, não é o caso de deixar passar a oportunidade para sublinhar que a clínica é o chão em que se fundamenta o próprio movimento da análise, e que a lógica da cura impõe uma direção que é a direção da produção do sujeito freudiano.

⁶² A cura se deu a partir da transformação da vicissitude pulsional do recalque – em um sintoma que afetava a função de caminhar de sua perna – em sublimação. Na sublimação, Elisabeth obtém um prazer social, não sexual.

⁶³ O que significa sua saída do círculo incestuoso familiar a partir de um vínculo exogâmico.

⁶⁴ Amor [*Eros*], neste contexto é um eufemismo para falar de desejo. Por outro lado, a lírica grega clássica usa indistintamente amor e desejo.

No começo de seu texto *As pulsões e suas vicissitudes*⁶⁵, de 1915, Freud faz uma advertência sobre o caráter da ciência em geral. Assegura que mesmo a física, e em particular a termodinâmica, tomada nessa época como paradigma científico, não pode deixar de fazer uso de determinadas idéias abstratas que vão se modificando lentamente com o progresso dos conhecimentos. Para a física, tais idéias provêm de um mais além dela, da metafísica. Em efeito, a física só se preocupa com a regularidade dos acontecimentos que servem para fixar suas leis, e deixa os fundamentos axiomáticos, como a idéia de causa, para a metafísica. Assim, para a psicologia das profundezas, Freud inaugura a metapsicologia, que pretende ser o elemento mais mítico de sua teoria – sua metafísica – ao mesmo tempo em que seu fundamento axiomático. A metapsicologia trata então dos conceitos fundamentais que se inscrevem como causa do psiquismo. Um conceito deste tipo, de que a psicanálise não pode prescindir, é o conceito de pulsão.

Freud introduz o problema tomando da fisiologia o conceito de estímulo e de arco reflexo para nos dizer que "uma pulsão seria então um estímulo para o psíquico" (FREUD, 1973/t, p. 2040). Um estímulo que provindo do interior do corpo atua diretamente sobre o anímico como um impulso único e que necessita, para sua supressão, de um ato específico. Mais adiante, afirma que este ato consiste em suprimir os estímulos que atentam contra o princípio de constância do organismo e que a missão do sistema nervoso consiste no "controle dos estímulos" (FREUD, 1973/t, p. 2041). Está assim justificada a idéia de que a pulsão é causa do psíquico.

Em seguida, comparando a pulsão com outros estímulos, Freud aponta como diferença radical o fato de a pulsão não agir nunca como uma força de impacto momentânea, mas como uma força constante – o que dá ao sintoma sua permanência. Que a força seja constante e que provenha do interior do organismo faz com que a fuga motora, o mecanismo defensivo

⁶⁵ Aproveita-se a ocasião para assinalar que a versão em espanhol das *Obras completas de Sigmund Freud* aqui utilizadas são as tradicionais de Lopez Ballesteros. Contudo, todas as citações foram comparadas com a versão de Amorrotu, fazendo-se as alterações consideradas pertinentes. Assim sendo, preferiu-se a edição de Amorrotu para traduzir o texto de Freud de 1915, por considerar-se mais técnico que o empregado pela tradução de Lopez Ballesteros: *Los instintos y sus destinos*. A palavra alemã *Schicksal*, é traduzida normalmente por destino, sorte, fortuna e também fatalidade, porém a tradução desta palavra por "vicissitude" faz mais jus ao título pelo contexto em que é utilizada. Quando em *Mais Além do princípio do prazer*, Freud volta a falar de *Schicksal* para relacionar a pulsão com o masoquismo sua significação se aproximará mais a destino. Assim será usada aqui.

eficaz frente a um estímulo externo, resulte inútil. O que suprime o desequilíbrio causado no organismo pela pulsão é a satisfação. Esta satisfação, Freud sublinha, não é dada pelo encontro de um objeto, senão "pela transformação adequada da fonte de estímulo interno" (FREUD, 1973/t, p. 2040).

Colocados na condição de um ser não orientado ainda no mundo, e que recebe estímulos tanto do exterior do organismo como de seu interior, o filhote do homem logo apreenderá a diferenciar um "exterior" de um "interior" na medida em que seja capaz de suprimir a excitação pela fuga, ou que esta resulte ineficaz. "A substância perceptiva do ser vivente, encontrará assim, na eficácia de sua atividade muscular, um ponto de apoio para distinguir um 'exterior' de um 'interior'" (FREUD, 1973/t, p. 2040).

A pulsão então aparece como causa de uma operação que faz com que o indivíduo reconheça um interior e um exterior, como base de uma subjetividade que distinguirá o "meu" do "outro". A pulsão passará a ser causa e pedra angular onde se assentará a dimensão subjetiva de "sujeito" e "objeto". Isto terá seu correlato em 1925, no seu artigo sobre a denegação (FREUD, 1973/k, p. 2884), quando, ao falar do juízo intelectual, afirma que sua primeira função é estabelecer um dentro e um fora. O juízo intelectual fica definido nesse contexto como o substituto intelectual do recalque⁶⁶.

Ao continuar comparando os estímulos exteriores com as pulsões interiores, Freud reconhece que são estas que colocam exigências mais elevadas ao organismo. Essas exigências fazem com que as pulsões sejam os *verdadeiros motores* do progresso psíquico forçando-o a modificar-se e a renunciar a seu propósito ideal de conservar-se distante da pulsão. (FREUD, 1973/t, p. 2041). Distância esta que, no plano intelectual, pode ser entendida como "não quero saber nada disso".

A pulsão fica definida então, conforme Freud (1973/t, p. 2041) de três modos diferentes e complementares:

⁶⁶ Freud utiliza o termo recalque, em dois sentidos diferentes. Pelo primeiro e mais conhecido, o recalque é um "mecanismo de defesa" que consiste na operação que realiza o Eu de afastar da consciência o representante inaceitável. O segundo uso que Freud dá a este termo é o de "defesa". É o mecanismo pelo qual a pulsão se inscreve no inconsciente ligando o investimento a um representante psíquico inconsciente. Neste sentido, o recalque é um dos destinos da pulsão.

1) "*Como um conceito limite entre o psíquico e o somático*" (FREUD, 1973/t, p. 2041). É o conceito que articula o biológico com o psíquico sem pertencer nem a um nem a outro.

2) "*Como um representante psíquico dos estímulos que atuam no interior do corpo*" (FREUD, 1973/t, p. 2041). É do biológico a força da pulsão e do psíquico o representante desta força. Esta força não pode entrar no psíquico a não ser mediada por um representante, que a inscreve no plano simbólico dos pensamentos inconscientes, sendo, portanto, causa do sujeito do inconsciente.

3) "*Como uma magnitude da exigência de trabalho imposta ao anímico à conseqüência de sua conexão com o somático*" (FREUD, 1973/t, p. 2041). Esta premência da pulsão exige um ato eficaz que não se resolve no encontro de um objeto, mas na modificação da fonte da pulsão que agora se divide entre o biológico e o erógeno.

Todavia, não se contentando em definir o conceito de pulsão, Freud passa a descrever a natureza de sua estrutura. Esta estrutura da pulsão, segundo Lacan, não esta composta como uma montagem com sentido finalista, como seria o modelo do instinto estudado pela etologia, mas como a montagem de um *collage*⁶⁷ surrealista, uma montagem que reúne e articula quatro elementos heteróclitos (LACAN, 1986, p. 176)

1) *A pressão (Drang)* da pulsão, que define como seu fator motor e representa a quantidade de exigência de trabalho que a pulsão representa. O caráter desta exigência é sua constância, sua peremptoriedade que é o traço característico da pulsão e essência da mesma.

2) *O alvo ou meta (Ziel)* da pulsão, que como já dissemos é a supressão de um estado de excitação e que se atinge somente mediante a satisfação. O alvo sempre é atingido, mesmo que por um desvio; inclusive, quando a pulsão é inibida em seu fim sempre fica enlaçada a ela uma satisfação parcial.

3) *O objeto (Objekt)* da pulsão, por meio do qual se atinge a satisfação. O objeto sendo o mais variável da pulsão, sendo qualquer coisa,

⁶⁷ *Collage*. Colamento, montagem.

inclusive uma parte do próprio corpo, nos permite perceber que não é o que satisfaz a pulsão senão que é o subterfúgio pelo qual retornamos à fonte, atingindo a satisfação. Quando a pulsão se liga de forma duradoura a um objeto, principalmente infantil, constitui uma fixação que põe fim à mobilidade da mesma.

4) *A fonte (Quelle)* da pulsão é o processo somático que se desenvolve num órgão e que fica inscrito no inconsciente pelo representante pulsional.

Esta montagem dá a entender que a pulsão é causa do inconsciente e que a necessidade de inscrever um representante pulsional no inconsciente é uma necessidade de estrutura levada a cabo pelo "recalque originário". A pulsão se inscreve e o resultado dessa inscrição é o inconsciente. Assim, no artigo de 1915 sobre o recalque que também faz parte dos escritos metapsicológicos de Freud, pode-se ler:

Temos fundamentos para supor uma primeira fase do recalque, um *recalque primitivo*, consistente em que a representação psíquica da pulsão vê negado seu acesso à consciência. Esta negativa produz uma fixação, ou seja, a representação de que se trata perdura imutável a partir deste momento, ficando a pulsão ligada a ela. (FREUD, 1973/m, p. 2054)

A outra conseqüência que pode ser extraída desta montagem é que, a força é constante porque não existe nenhum objeto capaz de apaziguar a excitação proveniente da fonte. Isto faz concluir que não existe objeto de satisfação, dito de outro modo: o objeto está perdido, como diz Freud em 1920, (FREUD, 1973/af, p. 2587) e o fim de satisfação será a inscrição de um representante no inconsciente. A realização simbólica de desejos será a satisfação da pulsão. Satisfação não-toda⁶⁸, porque quando Freud trata da sublimação, aponta que sempre existe um resto que não termina de se

⁶⁸ A pulsão não pode se inscrever toda no inconsciente porque a lei do significante exige sempre outro significante para sua significação. Por conseqüência disto temos uma cadeia de representantes inconscientes virtualmente infinita, e a produção de um "resto" que nunca termina de se inscrever.

inscrever. No mesmo sentido, também Godino Cabas (2006, s.p.) constata que essa fonte

[...] ao ser causa material da exigência de satisfação, tem função de causa da montagem pulsional e seu materialidade será a de um buraco, na medida em que a presença pulsional denota a falta de objeto. Uma falta de satisfação que nos faz lembrar a imagem do barril sem fundo (CABAS. 2006, s.p.)

Justamente, Freud situa a fonte nas zonas erógenas, que podem ser qualquer parte do corpo, mas sua característica é a de ser um buraco limitado por uma "borda"⁶⁹. Um "buraco"⁷⁰ que só é preenchido alucinatoriamente, mas cuja presença é vivida como uma falta material. Rigorosamente, Lacan diz que a falta, o que não anda, é o que tem estatuto de "causa real"⁷¹ (LACAN, 1986, p. 30).

Observa-se como conseqüência disto que o conceito de falta é de importância capital para a "direção da cura"⁷², já que esta não poderia ter como

⁶⁹ Uma borda se define topologicamente como uma linha de demarcação do limite da entidade geométrica, formada por pontos que possuem vizinhança *não inteiramente contida nesta entidade*. Não é possível desenvolver aqui as noções topológicas para explicar o que é uma borda. Mas é suficiente constatar que sua definição implica numa *falta* em sua própria materialidade. Como exemplo poético podemos pensar a borda que demarca a abertura da boca; trata-se da moldura de um buraco ou do limite da carne frente ao abismo da boca aberta? Com certeza, a borda da boca é, e ao mesmo tempo não é, a carne e o buraco.

⁷⁰ Buraco, furo que abre a libido ao se inscrever na superfície homogênea do corpo, e que é denotado por uma borda. Topologicamente existem duas formas de preencher um buraco, por oclusão e por conclusão. Um buraco é preenchido oclusivamente quando é tamponado por um objeto que vem de fora, como é o caso do seio na boca do lactante. Em um segundo tempo, preenche-se por conclusão; quando algo de dentro do organismo "agarra" o "seio perdido" e tampa o buraco desde fora, mas puxando desde dentro, como é o caso da "vivência alucinatória de satisfação" descrita por Freud (PEÑA, 1982, p. 20-27).

⁷¹ O real está definido como "o que retorna sempre ao mesmo lugar" (LACAN, 1986, p. 5), portanto é um produto do simbólico. Tome-se como exemplo disto o ponto de ebulição da água; vários cientistas em diferentes partes do mundo e sob as mesmas condições comprovam que esse ponto é único, que a coluna de mercúrio sempre retorna ao mesmo lugar. Dizer isto, também é dizer que "o real é o impossível" (LACAN, 1986, p. 13). Esta é outra forma de dizer que é impossível que isto não seja assim, da mesma forma que é impossível que a diagonal de um quadrado não guarde sempre a mesma proporção em relação a seus lados. A pulsão também retorna ao mesmo lugar (a fonte) e também é o impossível (de satisfação). Entretanto, o real que importa em psicanálise é o real fora do simbólico, que é o pulsional não subjetivado. Em psicanálise chama-se trauma. Destarte, o real da ciência é muito diferente que o real da psicanálise. O real da ciência não faz perder o sono a nenhum cientista, o único que faz perder o sono é a emergência do real da pulsão.

⁷² Circula no meio psicanalítico uma tradução do escrito lacaniano, que apresenta a direção de uma análise como uma direção do tratamento. Assim se traduz "*La direction de la cure et les principes de son pouvoir*" como "A direção do tratamento...". A meu juízo isto não só perverte a letra lacaniana senão que incorre num desvio teórico ao dar a entender que o objetivo da análise possa ser a supressão das causas. Quando Lacan fala de tratamento o faz referido à psicose, e

finalidade a saturação da mesma. Isto seria como almejar a eliminação da causa ou a erradicação do mal-estar, que como se sabe, é de estrutura. O buraco, a falta, termina tendo função de causa real para a psicanálise. Com isto quer se dizer:

- 1) Que a zona erógena consiste em um buraco.
- 2) Este buraco é um furo que se abre no corpo por incidência da pulsão.
- 3) Este furo denota uma falta de satisfação, isto é, não existe objeto capaz de fechá-lo.
- 4) Esta falta é real e na medida em que é real funciona como causa de todo o psíquico.

Depois de se deter na estrutura da pulsão, Freud aborda as qualidades e diferenças nelas encontradas para afirmar que todas as pulsões são qualitativamente iguais. Seus efeitos derivam da magnitude da excitação, e as diferenças psíquicas entre elas estão dadas pela sua fonte de procedência. Mas quantas pulsões existem? Esta é uma pergunta importantíssima e sabemos que Freud registra a dualidade pulsional, ao falar de "pulsões de conservação" e "pulsões sexuais". É uma questão importante porque, se como dissemos, a pulsão é a causa material do sujeito, o sujeito nunca poderá nos ser apresentado como um indivíduo⁷³. Ao contrário: dividido e desgarrado,

sabe-se que a psicanálise *não* é aplicável à mesma pela ausência do sujeito do inconsciente. Assim o título que dá a seu escrito, quando trata esta questão é "*D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose*". A palavra *cure* significa tratamento, mas também cuidado como, por exemplo, *n'avoir cure* (não ter cuidado) e também "cura da alma" (MAGNUS, 1965, p. 134). O uso que faz Lacan desta palavra é para pôr de manifesto que não é o analista que realiza um "tratamento", mas que ao sustentar uma práxis, renunciando a todo tratamento possível, sustenta a direção de um "tratamento" (*cure*). Quem dirige é o inconsciente convocado pela transferência e pode-se notar que quando Lacan se refere à análise sempre usa a palavra *cure*, mas quando se refere a aplicação da psicanálise usa a palavra *traitement*. Tome-se como exemplo uma citação extraída de seu artigo "*Les complexes familiaux dans la formation de l'individu*": "[...] *um transfert affectif qui à l'analyste pour object est a la force qui dans la cure vient à prévaloir*". (LACAN, 1984/b, p. 77). Esta citação foi traduzida em português, corretamente, como *cure* (LACAN, 1987, p. 76). No início da "Direção da cura e os princípios de seu poder" Lacan define a cura: "O psicanalista sem dúvida dirige a cura [...] mas o primeiro principio desta cura é fazer que o paciente aplique-se a si mesmo a regra analítica" (LACAN, 1979/f, p. 218).

⁷³ O termo individuo designa algo indiviso e indivisível. Pode ser um elemento qualquer de um conjunto natural, o um pensamento abstrato. Em psicologia tende-se a aproximar o termo "individuo" com o de "identidade", buscando-se na construção da identidade o individual de uma pessoa. Mas o certo é que os filósofos no transcorrer da história nunca estiveram de acordo sobre seu entendimento. Lalande comenta que todos os membros da Sociedade Francesa de Filosofia e seus correspondentes, tomaram parte nas discussões para esclarecer este termo. Todos concordaram somente em opor "individuo" a "pessoa" (LALANDE, 1993, p. 553-554). Ferrater-Mora (1989/b, p. 417-420) é da mesma opinião, acrescentando que seu uso filosófico

ainda mais se consideramos que toda pulsão é parcial, e que sua parcialidade reside na sua fonte de origem, tendendo cada uma delas à consecução de um prazer de órgão, que somente mais tarde entra a serviço da procriação.

Por último, Freud aborda as vicissitudes da pulsão, segunda parte anunciada no título de seu texto. Estas vicissitudes são quatro: recalque, sublimação, transformação no contrário e retorno para a própria pessoa. Estas duas últimas constituem, de fato, o âmago da questão, na medida em que permitem situar, no retorno da pulsão à fonte, um lugar onde assentar a subjetividade.

Os destinos da pulsão são também defesas contra a pulsão, e convém distinguir no texto freudiano "as defesas" dos "mecanismos de defesa". Enquanto as primeiras respondem ao trabalho da pulsão de se inscrever no inconsciente, como já se viu a respeito do recalque primário, os segundos são modos exercidos pelo Eu de barrar o acesso à consciência dos representantes inconscientes.

Dito isto, e adentrando-se no texto freudiano, nota-se que estas duas – transformação e retorno – defesas estão misturadas e imbricadas uma na outra.

A "transformação no contrário" desdobra-se em dois processos: a mudança da pulsão "de atividade à passividade" e a "inversão do conteúdo". Como exemplo da mudança da "atividade em passividade", tem-se o par antitético "sadismo/masochismo" e "voyeurismo/exibicionismo". Como exemplo de "inversão de conteúdo" tem-se a "transformação do amor em ódio", que não tem inverso.

Pode-se notar que sempre se conserva o alvo da pulsão, isto é, a satisfação. O que muda é a forma como esta meta é atingida, assim o "fim ativo: atormentar/ver" é substituído pelo "fim passivo: ser atormentado/ ser visto"⁷⁴. Lacan propõe, substituir "ser atormentado/ser visto" por "atormentar-se/ver-se", para mostrar que o caráter de satisfação passiva da pulsão não implica uma perda da atividade.

terminou sendo usado principalmente pela sociologia para designar os elementos que compõem uma sociedade, como exemplo, a dos seres humanos, mas também as das formigas.

⁷⁴ "Na Organização genital infantil", Freud assinala numa nota de pé de página escrita em 1923 que "a distinção ativo-passivo é a primeira aquisição do sujeito, à qual se segue a distinção entre masculino-castrado, antes de por último conquistar a forma final madura de masculino-feminino". (Freud, 1973/I, p.).

Mas o que importa assinalar é o movimento de reversão ou de torção moebiana⁷⁵, que implica o retorno à própria pessoa da pulsão. Conforme já dito, sabemos que este retorno à própria pessoa é um retorno da pulsão à fonte da pulsão. Depois de *circunscrever* o objeto, (ou a falta do mesmo, que funciona como ponto de viragem da pulsão), esta retorna à fonte onde o sujeito até então "invisível", vê que vê. Vê seu próprio olhar olhando-o. No mesmo momento em que a pulsão o causa como sujeito, o inscreve como olho.

Com isto, o circuito da pulsão demarca um lugar: o lugar do sujeito. Freud (1973/t, p. 2046) descreve este circuito em três tempos, a saber:

- a) Ver como uma atividade dirigida a um objeto externo
- b) O abandono do objeto. O retorno da pulsão a uma parte do próprio corpo e o estabelecimento de um novo fim: ser olhado.
- c) O estabelecimento de um *novo sujeito* ao que a pessoa se mostra para ser por ele contemplado.

Tinha-se dito na introdução desta dissertação, que Freud nunca usou a palavra sujeito no sentido conceitual do termo, embora a tenha usado repetidas vezes no sentido coloquial do mesmo. Agora temos a dizer que em realidade é neste artigo, "As pulsões e suas vicissitudes", que esta palavra aparece uma vez a título pleno de conceito. Uma única vez.

Este termo – sujeito – mereceu um amplo comentário de Strachey, compilador e tradutor oficial das obras completas de Freud para o inglês. Em resumo, Strachey, que também elaborou um detalhado *índice* de referência das obras de Freud, notou que a palavra "sujeito" estava sendo usada num sentido fora do habitual. Habitualmente, esta palavra é reservada para o agente da ação, e neste caso fora usado com o sentido de produto da ação, como objeto a quem se dirige a ação. Também Lacan, que leu Freud em alemão, se detém nesta passagem do texto de Freud, e quando no seu seminário se debruça sobre o circuito da pulsão diz:

⁷⁵ Esta torsão moebiana tem sua realidade topológica na banda de Möebius. Repare-se que Freud, ao falar do retorno da pulsão sobre si mesma, diz que neste retorno se produz uma inversão (transformação no contrario). Lacan serve-se da banda de Möebius para mostrar, em termos de discurso, esta inversão e afirmar que "o emissor recebe sua própria mensagem em forma invertida". (LACAN, 1979/i, p. 176)

[...] é preciso fazer uma distinção entre o retorno em circuito da pulsão e o que aparece – mesmo que seja por não aparecer – em um terceiro tempo. Ou seja, a aparição de *ein neues Subjekt*, que tem de ser entendido assim – não é que já existe um sujeito, o da pulsão, mas que a novidade é ver aparecer um sujeito (LACAN, 1986, p. 186).

O que causa o retorno da pulsão para a própria pessoa e termina produzindo *um novo sujeito* é o objeto, aliás, sua falta, por isso importa a Freud insistir que este retorno à própria pessoa entranha também uma transformação no seu contrario (de objeto a sujeito). Assim ao discutir a transformação do sadismo em masoquismo, Freud (1973/t, p. 2045) também a ordena em três tempos, dos quais o segundo corresponde à perda do objeto.

- a) O sadismo consiste na violência exercida contra uma pessoa distinta, tomada como objeto.
- b) Este objeto é abandonado e substituído pelo próprio sujeito. Com o retorno à própria pessoa, fica realizada também a transformação do fim ativo em fim passivo.
- c) Busca-se como objeto uma pessoa diferente de si mesmo, que a consequência da transformação do fim, terá que assumir o papel de "sujeito".

O objeto revela-se assim como um ponto de apoio para o circuito pulsional. Ele será rapidamente substituído por outra pessoa, uma vez que se adverte sua falta. Por esta razão, esta falta de objeto, que motiva o retorno da pulsão à fonte, termina inaugurando o lugar do sujeito. Onde? Na zona erógena, fonte do circuito pulsional e lugar de retorno da pulsão.

2.10 Aí onde Isso era, eu devo advir

Quando Freud escreveu seus ensaios metapsicológicos em 1915, ele teve a sensação de que tinha completado a obra de sua vida (JONES, 1973/a, p. 285). Contudo, a clínica das neuroses, – novamente a clínica –

obrigou-o a reconsiderar suas idéias com o intuito de explicar o fenômeno da repetição e poder operar com ele. "Mais além do princípio do prazer", texto subsequente de "Bate-se numa criança" ⁷⁶, inaugura esta mudança conceitual como uma terceira e nova direção da cura. Este documento, fundamental para a psicanálise, não foi entendido nem acolhido por seus seguidores, exceto por Melanie Klein⁷⁷ na Inglaterra. A propósito, Ernest Jones comenta que "... dos cinquenta artigos dedicados ao tema desde então, podemos observar que na primeira década, só a metade apóia a teoria de Freud, na segunda, só um terço e na terceira década nenhum" (JONES, 1973/a, p. 286).

Até 1910, o princípio do prazer era o que dominava; e a análise pretendia resolver os problemas neuróticos preenchendo-se as lacunas da consciência por meio da interpretação que restaurava a verdade censurada. Porém, este método encontrou um forte obstáculo que trouxe uma mudança na direção da cura. Não era suficiente trazer à luz o desejo inconsciente, era preciso também assumi-lo como próprio, e contra isso se levanta uma forte resistência. O manejo da transferência proporcionou então, a ferramenta conceitual e prática para se vencerem tais resistências.

O postulado do "princípio do prazer" afirma que o organismo trata de conservar o nível de energia total o mais baixo possível⁷⁸. Qualquer excitação que provoque um aumento de tensão é vivida como desprazer. A descarga desta excitação, pelo contrário, é sentida como prazer. Assim, as pulsões que não são ligadas ao inconsciente e que não adquirem uma descarga motora provocam um aumento de tensão que obriga o organismo a desviar o excedente. O sintoma é uma forma de satisfazer este requisito de satisfação pulsional ao preço de um desconhecimento da mesma e de um mal-estar vivido pelo Eu-consciente. Mas existe um fato clínico, presente nas neuroses em geral, e profundamente evidente nas neuroses traumáticas, que é a

⁷⁶ Em "Bate-se numa criança" Freud observa o paradoxo da pulsão que obtém satisfação no castigo. Este texto inaugura uma série de preocupações de Freud sobre o masoquismo que o terminarão conduzindo a postular uma satisfação que não responde ao "princípio do prazer".

⁷⁷ Melanie Klein foi uma brilhante psicanalista austríaca. Ela teve como analistas a Karl Abraham e a Sandor Ferenczi, os únicos analistas que assumiram na sua clínica o conceito de pulsão de morte. Melanie Klein elabora uma teoria da pulsão de morte como origem da primeira divisão do *infans*. Esta utiliza a projeção do "objeto mau", ligado à pulsão de morte, e internaliza o "objeto bom", ligado à pulsão de vida.

⁷⁸ Lei enunciada por Fechner, em 1860, nos seus *Elementos de psicofísica*.

“compulsão à repetição”⁷⁹. Os enfermos de neurose traumática tendem a repetir no sonho (que é uma realização de desejos) as cenas de aumento de tensão súbita do trauma e geradoras de desprazer.

A segunda observação de Freud é o jogo que seu neto realiza com um carretel de lã. Este jogo, já amplamente comentado na literatura analítica, reproduz o desaparecimento da mãe, acompanhado das palavras *fort...e da*⁸⁰. Freud se pergunta como pode algo que contradiz o princípio do prazer, como o desaparecimento da mãe, ser repetido com satisfação? É verdade que o próprio Freud nos dá diversas explicações que tentam salvar o princípio do prazer, mas conclui que se trata de uma satisfação que se encontra mais além do princípio do prazer. Um prazer ligado à pulsão e que se manifesta como compulsão à repetição⁸¹.

Não devemos confundir a “compulsão à repetição” freudiana com o “eterno retorno” de Nietzsche. As elaborações de Nietzsche se aproximam, contudo, do conceito de rememoração, trabalhado extensamente por Freud no seu artigo de 1914: "Recordar, repetir, elaborar" e mencionado também por Freud numa nota de rodapé em "Mais além do princípio do prazer". No artigo de 1914, o ato de lembrar não tem por consequência uma elaboração, limitando-se a uma repetição de imagens e lembranças que é uma reminiscência destinada a dar por concluído um sucesso já ocorrido, sem produzir nenhum efeito de saber. Recordemos neste sentido a fórmula freudiana: "as histéricas sofrem de reminiscências" (FREUD, 1973/f, p. 43). Esta repetição que está a serviço da resistência, liga-se no processo de análise à transferência.

Parte do terceiro capítulo de “Mais além do princípio do prazer” é destinado a comentar e esclarecer esta diferença entre repetição e o que vai teorizar como compulsão à repetição. Pode-se dizer que a repetição é motivada pela resistência que se produz quando, no curso das associações,

⁷⁹ Clinicamente a compulsão à repetição esta ligada à culpa inconsciente e ao fracasso. Freud já tinha observado suas manifestações nas neuroses obsessivas e estudado a respeito no seu trabalho sobre o caráter. A compulsão à repetição também está na base da resistência superegógica que se manifesta como "reação terapêutica negativa"

⁸⁰ Dentro fora. É a reconstrução fonética do que fala o sobrinho de Freud. Este sobrinho brincava com um carretel. Jogava-o longe e o trazia de volta puxado por um fio, acompanhando esta operação pelas palavras *Fort...Da*. Este jogo correspondia à saída de sua mãe do quarto e a seu retorno.

⁸¹ Freud fala indistintamente de "obsessão de repetição" ou "compulsão de repetição". Aqui, adotou-se o segundo termo por já ser consagrado nas publicações de psicanálise.

aproxima-se do material recalçado, e aparece geralmente associada a um fragmento da vida sexual infantil. A compulsão à repetição, por outro lado, fala da insistência da pulsão, sendo, portanto, de estrutura. A premência da pulsão, que nunca se satisfaz, causa o inconsciente; e a compulsão à repetição causa o "*eterno retorno do mesmo*" (FREUD, 1973/u, p. 2516).

Freud é cuidadoso ao afirmar que a repetição do mesmo não é uma resistência, porque o inconsciente não resiste, ao contrário, o recalçado inconsciente só quer sair à luz. A resistência, parte do Eu, que foi quem produziu anteriormente o recalque. Aspecto importante que, se não for levado em consideração, conduz a extravios na clínica, ao se supor que a luta se dá contra uma resistência inconsciente.

Freud observa (1973/u, p. 2516) que a reprodução de sucessos que não trazem nenhuma possibilidade de prazer, ocorre por causa da ação obsessivamente repetida das pulsões, e mesmo que não cause assombro quando respondem a uma conduta ativa do indivíduo, não deixam de chamar a atenção quando o indivíduo é seu elemento passivo. Passivo do destino, diz Freud (1973/u, p. 2516). Isto leva à conclusão de que "[...] resta suficientemente justificada nossa hipótese da obsessão de repetição, que parece ser mais primitiva, elementar e pulsional e que substitui o princípio do prazer" (FREUD, 1973/u, p. 2518). Estas novas hipóteses levam Freud a especular sobre este movimento pulsional "mais primitivo" que deságua no que se conhece como a "segunda tópica"⁸², onde se estabelece que o imperativo da repetição é determinante na constituição do sujeito. Sujeito dividido agora em um Eu e um Isso.

Freud avança a partir dos dados da consciência para admitir, primeiro, que a consciência é a superfície do aparelho anímico, função de um sistema a que chama de Eu. Este sistema, especialmente considerado, está em contato direto com o mundo exterior e tem a seu cargo a percepção do mesmo, pelos estímulos aportados ao aparelho receptor, assim como do interior pulsional, quando a pulsão se liga a um representante verbal (FREUD, 1973/ah, p. 2705-2707). Freud sublinha que o Eu é uma instância que tem como nódulo a percepção, cingida à consciência, mas sem desconhecer que

⁸² A segunda da tópica foi elaborada a partir do conceito de compulsão à repetição. Substitui os conceitos de Inconsciente e Consciente da primeira tópica pelos de Eu, Isso e Supereu.

este Eu tem suas raízes no inconsciente, como Isso. Este Eu inconsciente "seguindo uma sugestão de Groddeck, será chamado daqui por diante de Isso" (FREUD, 1973/ah, p. 3141).

Groddeck⁸³ é um discípulo de Freud que afirmava, usando uma expressão nietschiana para se referir ao que há de impessoal no nosso ser, que "aquilo a que chamamos nosso Eu se conduz na vida passivamente, e que em vez de viver, somos *vividos* por poderes ignorados e invencíveis" (FREUD, 1973/ah, p. 2707).

O indivíduo fica agora dividido num Isso psíquico, desconhecido e inconsciente, sede das pulsões e do recalque, e um Eu que ocupa parte de sua superfície, onde a percepção vai significar para o Eu o que as pulsões são para o Isso. Destarte, esta divisão lhe corresponderão dois princípios: para o Eu, o princípio de realidade que é correlato do princípio do prazer, enquanto para o Isso, a satisfação pulsional é situada no mais além do princípio do prazer.

O Isso, antagônico ao Eu, representará "a parte obscura e inacessível de nossa personalidade" (FREUD, 1973/v, p. 3134). Nosso "si mesmo". Sede da pulsão de morte, força silenciosa e obscura por carecer de representação psíquica, artífice de nosso destino de ser-para-a-morte, que condena todos os homens a serem, no mais fundo de seu coração, um assassino. Assassino de si mesmo, como já podia se entrever desde "Totem e Tabu". Em 1920, Freud conclui: "Só morremos por causas internas" (FREUD, 1973/u, p. 2531).

Subjetivar, numa análise, este lado obscuro do si mesmo que é a pulsão de morte, constitui agora a nova direção da cura, que coerente com o postulado de suas origens de fazer consciente o inconsciente, tem a tarefa de ir ao encontro de um mais além do prazer. A psicanálise aspira, não por obrigação moral, mas por dever ético de uma cura, a esse encontro marcado com o si-mesmo. Aspira, ainda que nem sempre alcance, levar o analisante à subjetivação do âmago de seu ser.

Como isto é possível? É possível, à medida que a pulsão é sempre ativa e constante, uma insistência que busca ter realidade e expressão ao se

⁸³ Com o pronome neutro Isso (*Es* em alemão), Groddeck designava uma substância arcaica, anterior à linguagem, uma espécie de natureza selvagem e ingovernada que submergia nas profundezas as instâncias subjetivas. A cura consistia em deixar emergir no sujeito o Isso, fonte da verdade.

ligar a representantes verbais. Destino da pulsão, afirma Freud, quando estuda o mecanismo do recalque (FREUD, 1973/m, p. 2057).

Assim, a fórmula freudiana do fim de análise: "Onde era Isso, será Eu", (FREUD, 1973/v, p. 3146) indica claramente que o objetivo é levar o Eu a subjetivar o Isso.

Deste modo, na etapa que Freud realiza na construção do sujeito⁸⁴ sem lhe dar, contudo esse nome mostra que ele é dividido e articulado por estrutura num Eu e num Isso. Subjetivar é fazer com que o Eu reconheça o Isso e se responsabilize pelo que Isso quer dele. Este Isso que é a parte mais íntima do ser é o motor propulsor da compulsão à repetição, e Freud o estabelece como causa do campo próprio da psicanálise.

Não posso terminar este capítulo sem deixar de mencionar o legado freudiano, que dá o tom do retorno a Freud proposto por Lacan.

Em 1938, Freud escreve o seu *Esboço de psicanálise*. Neste livro, Freud reconstrói toda sua teoria a partir do ponto de elaboração que ele chegou. Assim, em vez de começar pelo descobrimento do inconsciente, avançar pelo sintoma, seguir pela pulsão e terminar na compulsão à repetição, propondo a existência de uma pulsão de morte, ele tomará o caminho inverso: postular como princípio a pulsão de morte e a partir daí fazer uma releitura de toda sua obra. Este caminho vai ser retomado por Lacan, nos mesmos termos de Freud.

Deste modo, quando em 1964 Lacan é expulso da IPA⁸⁵ e retoma seu ensino, enuncia como título de uma classe de seu seminário: "O inconsciente freudiano e o nosso" (LACAN, 1986, p. 25). Lacan dá a entender com isto, que existe de fato uma diferença entre ele e Freud. Esta diferença não está no objeto de estudo, o inconsciente, que continua sendo o mesmo, mas na forma de abordá-lo, que é diferente. Sabe-se que ele o aborda, seguindo a indicação freudiana, a partir da pulsão de morte. É isto que se

⁸⁴ Novamente, quero fazer constar que Freud não dispõe do termo sujeito para concernir o referente clínico. Contudo, às vezes é nomeado como "sonhante", ou ainda "personalidade psíquica", por exemplo, na "Conferencia XXXI" (FREUD, 1973/v, p.3132)

⁸⁵ Lacan foi expulso da Sociedade Psicanalítica de Paris, afiliada à IPA, em 1963, depois de dez anos de negociações sob sua condição de didata. As razões alegadas pela IPA são seu descumprimento das regras técnicas estabelecidas e não reconhecê-lo como analista-didata. Um analista-didata é aquele que tem capacidade, saber e experiência suficientes para formar um candidato como analista. A ironia é que os termos da sanção imposta a Lacan reconhecia seu ensino de interesse para a Sociedade e a seus alunos como analistas bem formados, mas lhe tirava o título de formador. Isto constitui de fato uma expulsão.

conhece como "retorno à Freud". Trata-se de um retorno a um Freud que conclui sua obra postulando como princípio a compulsão à repetição e a divisão da "personalidade psíquica". Princípio deixado de lado e esquecido, na clínica e na doutrina, pela IPA pós-freudiana.

3.– O SUJEITO LACANIANO

3.1. O retorno a Freud

O objeto de estudo de Lacan é o sujeito. Assim como o próprio de Freud é o inconsciente, podemos dizer que o próprio de Lacan é o sujeito, quase dando a entender que o sujeito seria o nome lacaniano do inconsciente freudiano. Quase, porque não é.

Freud morre em 1939, pouco antes de ser declarada a segunda guerra mundial. Porém, alguns anos antes, motivados pelos tempos sombrios que se vive na Europa Central, muitos psicanalistas começam a emigrar, principalmente para a Inglaterra (Anna Freud, Melanie Klein) e para os Estados Unidos (Ernest Kriss, Loewenstein, René Spitz, Sandor Rado). Também por razões políticas e circunstanciais, a Associação Psicanalítica Internacional (IPA, na sigla em inglês) se traslada para este último país. Esta Instituição, cuja criação foi apoiada por Freud, tinha a seu cargo não só a formação de novos analistas, como também o cuidado e a preservação do legado freudiano.

O fim da segunda grande guerra trouxe problemas para os psicanalistas antes não existentes, e o espírito pragmático da sociedade americana foi quem deu o tom das discussões. Frente à necessidade de adaptação e à concorrência como efeitos da livre empresa, coloca-se a necessidade de tratamentos que respondam aos ideais médicos. Se Freud

levara a peste⁸⁶ a Nova York, agora a peste lhe retornava à psicanálise na forma de corrupção no conforto intelectual (LACAN, 1979/e, p. 147).

Duas discussões voltam à tona. Uma, em relação à formação dos analistas, tem como pano de fundo o desejo de prestígio dado à profissão pela medicina. Esta controvérsia retoma a questão da psicanálise leiga que Freud defendera, por não querer ver a psicanálise como um capítulo da medicina e subsumida a ela como uma psicoterapia.

A outra discussão, que se enlaça à anterior, tem a ver com o estatuto científico da psicanálise e deu origem ao pós-freudismo. Na medida em que a psicanálise é tomada como um saber objetivo que o médico possui sobre as causas do enfermar, renuncia ao "isso não impede de existir" da clínica, e deixa de lado a dialética subjetiva em que o saber se constrói a partir do Outro. O saber de receita não precisa da escuta clínica, ele já sabe por que a filha é muda⁸⁷.

Se em psicanálise é o conceito que orienta à política, nos Estados Unidos da América, os analistas inverteram as coisas e foi a política que passou a orientar o conceito. O legado freudiano começou a ser subvertido. O inconsciente foi esquecido e substituído pelo Eu. A fórmula final de Freud: "Aí onde Isso era, eu devo advir" passou a ser traduzida como "O eu deve substituir o Isso" (LACAN, 1979/e, p. 160-161). A teoria passa a deslocar progressivamente o acento do sujeito para o Eu, que passa a ser conceitualizado como um "Eu autônomo", ao abrigo de divisões, "numa área livre de conflito". Isto tem seu desfecho na direção de cura como reforçamento do Eu, que é uma formação alienante do "Imaginário"⁸⁸ (MELMAN, 1979). A

⁸⁶ Depois de 1905 a psicanálise começa a ser divulgada com mais intensidade e a ter carta de cidadania, principalmente na próspera América do Norte. Em 1909, Freud é convidado junto com Jung a dar uma série de conferências na Clark University em Nova York. Uma anedota que circulava na época é recolhida por Lacan. Esta anedota conta, que divisando a cidade de Nova York e a estátua da liberdade desde o barco que os transportava, Freud comenta com Jung: "Eles não sabem que lhes trazemos a peste!". Esta exclamação cobra mais sentido se lembramos que a peste é uma metáfora edípica da castração.

⁸⁷ Em muitas ocasiões, Lacan se vale desta frase retirada do diálogo entre Purgones e Sangredo, célebres personagens de Moliere: "Não adianta dizer porque a filha é muda, é preciso fazê-la falar". O sentido que carrega esta frase é uma crítica à ciência que tudo explica, incluindo aí a um uso que se faz da psicanálise para explicar os males do mundo. O que a psicanálise procura não é uma ampliação da consciência do enfermo com explicações e razões sobre o porquê de sua enfermidade, mas um levantamento do recalque que o faça falar (LACAN, 1979/m, p. 137).

⁸⁸ O imaginário é um dos três registros lacanianos, que junto com o Simbólico e o Real constituem a matriz da leitura lacaniana da obra de Freud. Estes três registros (tomados de forma ampla) correspondem em Freud ao Eu, ao Inconsciente e ao Isso.

partir daí a idéia que passou a nortear a terapêutica é a de um Eu forte que domina e subjuga as forças obscuras do Isso⁸⁹.

O desígnio de um retorno a Freud, que alenta Lacan, é o de restabelecer o sentido originário da prática da psicanálise pelas vias de um comentário assíduo dos textos freudianos, na medida em que o descobrimento de Freud questiona a verdade, coisa que importa a todos. E a verdade fala, diz-nos Lacan. Fala com voz baixinha – como nos diz Freud – mas na sua insistência se faz ouvir. A verdade fala, e sua mensagem se faz ouvir nos sintomas, nos sonhos e termina alcançado o sujeito no engano. Mas como não há fala senão de linguagem, a melhor forma para apreender a verdade será tomá-la ao pé da letra. Onde? "Onde Isso sofre". (LACAN, 1979/e, p. 155-157)

O retorno a Freud precisa então da companhia de Saussure na medida em que dar seu estatuto científico a psicanálise passou a ser um ideal de Lacan, que balizará toda sua obra⁹⁰. Desde a crítica do Ego como assento da subjetividade à promoção do significante o que é resgatada é a questão freudiana: o sujeito. Sujeito que estando nas entrelinhas, como enunciação, na obra freudiana, passa a ser explicitado e formalizado por Lacan.

3.2. A ciência antiga

⁸⁹ É interessante ver como os psicanalistas americanos adaptaram a psicanálise à ideologia de sua sociedade do *self made man*. Estes enunciados da teoria de Hartman podem ser lidos diretamente como o programa ideológico que orienta a estratégia geo-política americana. A tradução do *Ich* alemão por *ego* foi o primeiro passo da transformação da psicanálise americana que deu origem a *Egopsychology*. "Esta Psicologia do Ego" se adaptou muito bem ao pragmatismo norte-americano, tantas vezes lamentado por Freud, e a seu elevado acento no individualismo.

⁹⁰ No início do século XX, Ferdinand de Saussure, consegue extrair da confusão reinante nos estudos lingüísticos um objeto formal: a língua. É a promoção da língua a objeto de estudo que define a criação da lingüística como ciência. No seu "Curso de lingüística geral" extrai as leis da linguagem e as diferencia das disciplinas conexas. As leis da lingüística promovem o significante como seu suporte material e declaram que a língua não é uma função do sujeito falante, mas que este é passivo frente a ela. (Saussure, 1945, p. 49-70). Temos então que Saussure funda a língua e a introduz no campo do sujeito ao afirmar que a psicologia é a ciência que estuda "os signos no seio da vida social" sendo a lingüística só uma parte desta ciência geral (SAUSSURE, 1945, p. 60).

A operação que faz Lacan é a de substituir os "pensamentos inconscientes" freudianos pela noção de significante tomada de Saussure e com isto tem uma base para pensar "cientificamente" as leis do inconsciente. Todavia, é de importância capital assinalar que a psicanálise não se reduz a uma lingüística. A lingüística se constrói excluindo de seu campo a fala. É justamente este fato que obriga a Lacan a afirmar que ele não faz lingüística, somente se apóia nela.

O termo sujeito tem uma longa tradição filosófica que chega até nossos dias, mas que deve ser reconhecida para diferenciá-la do estatuto dado por Lacan a este termo. Isto é o que o próprio Lacan resume na "Subversão do sujeito" para situar este termo e afirmar que o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência inaugurado por Descartes. Sujeito dividido entre verdade e saber (LACAN, 1979/j, p. 305-316).

Mas o surgimento da ciência e de seu sujeito tem uma história que começa com Aristóteles. A ciência para os antigos, e em especial para Aristóteles, é a ciência das causas últimas da realidade. Na "Metafísica", Aristóteles trata da ciência a adquirir e postula que a ciência se ocupa dos princípios e das causas primeiras, pois só conhecemos as coisas quando conhecemos sua causa (ARISTÓTELES, 1981, p. 99-102). Conta quatro causas:

- a) A essência ou forma própria de cada coisa (causa formal)
- b) A matéria ou sujeito (como causa material) ⁹¹
- c) O princípio do movimento (causa eficiente)
- d) A causa final das outras, o bem (causa final)

Portanto, enquanto a ciência para os antigos vai ser definida como a procura das causas finais, esta não será a preocupação da ciência moderna. É uma observação importante, já que o conceito de ciência moderna não é um conceito a-histórico, ele tem sua história e seu surgimento com Descartes. Essa mesma distância conceitual encontramos na noção de sujeito – *hypokeimenon* para os gregos – que foi primeiramente traduzido para o latim como substrato e depois como sujeito.

Para os gregos, *hypokeimenon* referia-se a uma espécie de suporte, a uma outra existência considerada como modo ou acidente; ou seja, a noção de sujeito refere-se a essa noção de substrato ou de substância como o que há de permanente nas coisas que mudam. Um sujeito não precisa de outra coisa para existir. Além desta idéia de substrato, vai aparecer no pensamento grego a idéia de sujeito em um sentido gramatical na frase – como suporte ontológico

⁹¹ Sujeito entendido como *hypokeimenon* ou substrato.

da mesma, na medida em que o sujeito é o suporte de todos os predicados – e também será considerado em um sentido lógico (ARISTOTELES, 1981, 167-176). Para os gregos, a noção de sujeito aproxima-se daquela que temos hoje de objeto, e se prolongou por grande parte da Idade Média.

O segundo ponto a ser levado em conta na ciência antiga é a idéia que faziam os gregos do Universo. Para eles, assim como para a ciência medieval, o mundo era geocêntrico e não heliocêntrico. Mas para os gregos o mundo era também hierarquizado numa esfera sublunar e outra supra-lunar, ambas submetidas a diferentes leis. Esta hierarquia é aquela com a qual vem romper Galileu. Galileu afirma ser o mundo Uno, homogêneo e portanto submetido a leis. Ele pode assim postular sua matematização da natureza. Procedimento esse fundamental não só para a ciência física, que vai se desenvolver nos séculos seguintes, mas também para o próprio surgimento do cogito cartesiano.

O terceiro aspecto a ressaltar é a quebra da autoridade.

A noção de autoridade que a Idade Média desenvolvera vai desempenhar um papel fundamental no ensino; primeiro nos bispados, logo nos mosteiros e por último nas universidades, já no século XIII, com a criação da Universidade de Paris, e vai ser de uma importância decisiva para compreender a ruptura operada por Galileu.

O ensino universitário era baseado em duas características, chamadas *lexius*⁹² e *disputatius*⁹³. As *lexius* eram leituras e esclarecimento de textos escolhidos, ou seja, que remetiam aos filósofos considerados como autoridade. A segunda eram as chamadas disputas, uma espécie de torneios lógicos, teológicos dirigidos por um ou vários mestres onde se contrapunham determinadas teses filosóficas. Um defendia, outro se opunha, e tanto essa defesa como esta oposição nos remetia às autoridades. Isso fazia desse critério de autoridade algo que permeava o ensino e a ciência no mundo medieval. Neste período sobrevém um tempo de grande dogmatização, quando se procura garantir os espaços conquistados pelas duas Ordens religiosas que fizeram sua aparição no século XIII: a dos dominicanos que vão basear sua

⁹² *Lexus*. Leituras.

⁹³ *Disputatius*. Disputas, controvérsias

reflexão em Aristóteles, e a dos franciscanos, que vão privilegiar uma tradição que recua a Agostinho.

A questão central de todos estes quinze séculos de filosofia é o diálogo entre filosofia e teologia, entre fé e razão. Ao longo deste tempo foram dadas as mais diferentes respostas, entre elas a de Santo Agostinho, para quem a verdade reside em nosso interior e desde aí temos que procurar a luz que inscreveu as idéias em nossas almas (LAMANNA, 1960/b, p. 98-102). Outra resposta é a de Santo Anselmo, que parte de um dogma de fé e utiliza-se da razão para tentar dar um fundamento a este dogma de fé. Mas coube a Santo Tomás de Aquino promover uma grande síntese racional na qual incorporava a filosofia de Aristóteles à teologia, mostrando de que antes é necessário um esforço racional para fundamentarmos nossa fé (LAMANNA, 1960/b, p. 112-115).

Destarte, o importante é ressaltar que a autoridade para a escolástica estava dada em última instância pela palavra divina. A Bíblia era a verdade revelada e fonte última de autoridade, e qualquer saber só poderia responder a ela. A concordância do saber com a verdade era um princípio incontestado na medida em que não poderia existir um saber que não responda à palavra revelada. Contudo, a própria escolástica viu-se obrigada a admitir a existência de um saber que escapava a sua retórica tal como a dúvida Agostiniana o anunciava; e como é um fato que o saber pode ser ilusório ou ainda afastar-se da fé, restou à Igreja a teoria dos dois saberes, o divino, inatingível na sua perfeição, e o humano, restrito às imperfeições da queda na matéria.

O julgamento último de saber se debruça sobre quais são as interpretações lícitas e quais as não lícitas, se um saber é herético ou não. Correspondem à autoridade dos doutores da Igreja, assentada nas universidades, e em segundo lugar as catedrais, que como se sabe, eram a extensão universitária do colégio inquisitorial da universidade de Paris: o Santo Ofício. É essa autoridade contra a qual a ciência se ergueu que cobrou a vida de Giordano Bruno e de Galileu.

No século XV ainda se produzem dois acontecimentos importantes que preparam a revolução científica. O Concílio, que era para acontecer em Bizâncio e se traslada para a Itália, e a conquista de Bizâncio pelos turcos

otomanos. Os doutores da Igreja de Bizâncio, versados em grego, mudam-se para a Europa levando grande quantidade de livros, principalmente, de Platão. Segundo Russell, para a Igreja era Deus que governava a razão, sendo que Platão sustenta o ponto de vista oposto, e coloca a razão como base para conhecer a verdade (RUSSELL, 2001, p. 77- 83).

3.3. A ciência moderna e o sujeito

O mundo antigo, como se acabou de dizer é geo-centrista e hierarquizado. A hipótese heliocêntrica, de Copérnico, é uma hipótese geométrica e matemática, porém, o mundo ainda é finito. Já Giordano Bruno concebe o mundo como infinito, porém, segundo uma hipótese mítico-filosófica. Ambos, a partir de diferentes perspectivas, rompem com a tradição antiga, embora ainda não estabeleçam um método científico como Galileu.

Galileu foi o criador da física moderna ao enunciar as leis fundamentais do movimento. Estas descobertas resultaram de uma nova forma de abordar os fenômenos naturais: o método científico moderno (KOYRÉ, 1983, p. 180-195).

O princípio metodológico galileano reside na observação dos fenômenos, tais como eles acontecem, deixando de lado preconceitos de natureza religiosa ou filosófica. A verdade destes fenômenos reside na observação e nenhuma afirmação que se pretenda científica pode prescindir de sua verificação. Por último, para estabelecer um correto conhecimento da natureza é preciso descobrir a regularidade matemática dos fenômenos, suas leis. Isto é, "o livro da natureza está escrito em caracteres matemáticos" (KOYRÉ, 1983, p. 194).

Formulando estes princípios, Galileu consegue estruturar todo o conhecimento científico da natureza e abalar os alicerces do mundo medieval e cristão. Destruiu a visão de um mundo fechado e finito e substituiu a hierarquização do mundo aristotélico igualando suas leis. Pôs fim à noção de causa aristotélica, substituindo-a pela regularidade das leis, e destruindo toda a

concepção escolástico-cristã ao demonstrar o engano de aplicar suas idéias aos fenômenos naturais.

Contudo, não é a Galileu, mas a Descartes que a história reconhece como o fundador da ciência moderna, porque mesmo tendo Galileu introduzido a experimentação e a observação, isto ainda poderia enganar. É necessário fundamentar o pensamento primeiro, trabalho que coube a Descartes.

Insatisfeito com o saber de seu tempo, que consistia em verdades reveladas, e também insatisfeito com o livro do mundo, já que não encontra aí nada que lhe dê segurança, Descartes suspende todas as impressões que possam ser colocadas em dúvida. Ele busca algo que seja para ele um fundamento, que não possa ser posto em dúvida.

A dúvida para Descartes não é a dúvida dos céticos, porém, uma dúvida transitória, ele não permanece na própria dúvida, mas visa colocar em questão todo o conhecimento. O objetivo da dúvida em Descartes é obter uma certeza: o cogito, que lhe sirva de ponto de partida e fundamento absoluto do saber. É a partir daí que chega ao primeiro princípio da filosofia por ele buscado: a dúvida metódica; esta lhe serve para chegar a uma certeza, a uma evidência que é "duvido, se duvido penso, se penso existo" (DESCARTES, 1996/b, p. 259). A partir daí reconhece a substância pensante que existe por si só, afora Deus, e que não necessita de outro para existir. É a partir dessa noção de substância que enuncia o cogito como uma substância que consiste em pensar, e que é distinta do corpo, ou *res extensa*. Para ele, mesmo se o corpo não existisse, a alma ou *res cogitans*, que se opõe ao corpo como *res extensa*, não deixaria de ser tudo o que é. Trata-se da dualidade cartesiana. (LAMANNA, 1960, p. 80-81).

A partir daqui começa o famoso argumento ontológico da existência de Deus. Acontece, que se o argumento de "penso logo existo" lhe parece suficientemente evidente para assentar aí sua certeza, nada garante que esteja dizendo a verdade. Ele tem certeza do saber correlato ao "eu penso", mas precisa garantir que esse saber corresponda efetivamente as coisas do mundo. Descartes deposita esse aval em Deus a quem faz garante da verdade.⁹⁴ Sua

⁹⁴ Não deixa de chamar a atenção que o país (Estados Unidos da América) que levou mais a frente o procedimento científico, e se apropriou dele para o desenvolvimento de objetos tecnológicos, promova também um discurso de sutura e desconhecimento sistemático do sujeito. Este país inscreve na sua moeda o símbolo que Lacan cunhou para denotar o sujeito dividido \$. Na outra cara de sua moeda se lê "*In God we trust*" que pode ser lido como "Em Deus nós

certeza é verdadeira porque Deus garante a verdade de sua certeza, invertendo assim a relação grega do ser com o pensamento. Mesmo se Descartes não se dá conta disso, o "sujeito" cartesiano fica, pela primeira vez na história, dividido: penso/sou.

Descartes retira então o fundamento ontológico grego de substância (*hypokeimenon*) já que é possível duvidar deste fundamento. Portanto, ele perde o sentido, mas paralelamente adquire um outro. Descartes não desenvolve totalmente a noção de sujeito, porém esta já está presente no "penso, logo existo". O pensamento existe como substância pensante. A substância pensante – *res cogitans* – é o sujeito de Descartes. O sujeito vira um ponto, um ponto de certeza apoiado na substância pensante. A partir daí a ciência não se preocupa mais com a verdade do sujeito.

É com a física newtoniana que se produz um salto na Ciência, e Kant responsabiliza-se em acompanhar esse passo no discurso científico, fixando seus princípios e suas leis. Contudo, este empreendimento encontra seu limite no "*das Ding*", a *coisa em si*; limite que é de separação radical entre as duas dimensões da razão: a razão pura e a razão prática – porque Kant desdobra a experiência humana conforme o princípio do saber e o da verdade. O ser humano fica dividido entre ciência e ética. Para isto, Kant retifica o sujeito cartesiano e postula no seu lugar o sujeito transcendente, que está além da experiência sensível e cujo estatuto psicológico será dado como forma *a priori* do espaço e do tempo. O "eu penso" ficará assimilado à unidade do eu, sendo a identidade da consciência que opera a síntese (LAMANNA, 1960, p. 396-399).

Aqui convém ser lembrada a experiência freudiana que, ao separar saber e verdade de uma outra forma (como pensamento e pulsão), articula-os no sujeito do inconsciente. O sujeito freudiano é justamente o sujeito *da* certeza, e na medida em que atravessa uma análise poderá subjetivar sua verdade e assim *saber do que fala*, isto é, dará lugar à certeza *do* sujeito. Todavia, não será uma certeza dada pelo saber, como a de Descartes, senão a que vem do fundo de sua angústia. É em definitivo uma subversão da razão kantiana, e é o que conduz Lacan a afirmar que esta subversão está

confiamos", mas também "Em Deus está nossa verdade", ou ainda "Deus é nossa garantia".

coordenada pela dialética do desejo inconsciente. Esta subversão afirma que a *verdade* pulsional não é sem o *saber* inconsciente.

Mas o certo é que as meditações de Descartes fundam um debate que interessa ao pensamento renascentista e que encontra seu apogeu no iluminismo: um debate sobre o homem. Ao ser questionada a autoridade que a Igreja representa, tanto internamente (Lutero, "Sobre a autoridade secular"; Calvino, "Sobre o governo civil") como pelos filósofos e cientistas, os homens começam a se preocupar com o conhecimento, e a investigar não só os problemas da natureza, mas principalmente, os problemas humanos e as formas de governo dos homens (GOYARD-FABRE, 1987, p. 80-81).

Acontece que junto com a liberdade mental conquistada pelo homem do renascimento aparece na realidade política do mundo uma nova magnitude: o Estado, que começa a se conceber como um poder civil e não religioso. É neste cenário que faz sua entrada Bodin, com sua teoria da soberania, Hobbes, com seu conceito de soberania absoluta, sem limites, e principalmente Maquiavel que, com seu livro "O príncipe", funda a ciência política (GOYARD-FABRE, 1987, p. 56-58 e 106-113).

O interesse de Maquiavel centra-se na política como "arte de conquistar o poder" (GOYARD-FABRE, 1987, p. 80), e na sujeição do cidadão ao Príncipe, senhor e representante do Estado. A partir de Maquiavel, a filosofia política vai tratar de definir o sujeito.

Cabe a Rousseau, já no iluminismo, definir o sujeito como assujeitado à lei. "Os associados... tomam coletivamente o nome de povo, e chamam-se em particular *cidadãos* como participes da autoridade soberana, e *sujeitos* como submetidos às leis do Estado" (ROUSSEAU, 1989, p. 31). E sujeitos de direitos, como lemos em Colin e Capitant, citado por Lalande:

As pessoas ou seres humanos são *sujeitos* do Direito. A palavra *pessoa* (de *persona*, máscara do ator antigo) exprime bastante bem a idéia de que os sujeitos do Direito não são homens totais, mas homens considerados como *atores* da vida social sob uma certa relação; numa palavra, abstrações (LALANDE, 1993, p. 1090).

Portanto, para a filosofia política, o conceito de sujeito deriva das relações de poder que existem numa sociedade, e o estatuto da subjetividade será definido como "sujeito de direitos e deveres". O sujeito será definido como produto das determinações sociais de uma sociedade em determinada época histórica. Disto se desprende

[...] que enquanto a metafísica se apóia no grande Outro para enunciar a questão subjetiva, a filosofia política põe o acento no Outro e depois de definir sua consistência – a título de relações de poder – extrai como resultado uma definição objetiva da subjetividade [...]. Em suma, para a filosofia política o sujeito não é uma questão. A questão é o Outro. (CABAS, 2006,s.p.).

Este “sujeito social” é o referente da filosofia, do direito e da psicologia em geral, mas não o da psicanálise, tal como me referirei em seguida.

Se na primeira parte deste trabalho analisei a diferença entre hermenêutica e interpretação me servindo como exemplo dos casos "Signorelli" e "Aliquis" extraídos da "Psicopatologia da vida quotidiana"⁹⁵ foi para fazer notar que estas duas dimensões do sujeito tem seus pontos de contacto, sendo contudo diferentes.

Podemos inferir então a existência de dois campos: o "sujeito da metafísica", por um lado, e o "sujeito da política", por outro. Mesmo que o fim perseguido pela psicanálise leve Lacan a deduzir a posição que ocupa o sujeito no Outro (e falar, portanto de sujeito do inconsciente), exige-lhe, sobretudo dar conta do imperativo de satisfação pulsional que o determina, o que Freud inscreve como "nossa metafísica".

Para a psicanálise o sujeito torna-se uma questão.

Em torno desta questão gira o ensino de Lacan, que se inicia no esforço de diferenciar o sujeito do Eu.

3.4. O Eu e o sujeito

⁹⁵ Ver capítulos 2.4; 2.5 e 2.6 nesta dissertação.

Assim como o sujeito da psicanálise não é o sujeito que teoriza a filosofia política, também não é a unidade biológica, que reconhecemos como indivíduo. Não é o Eu freudiano, nem tampouco o eu da gramática.

O sujeito: é isso que todo o tempo visa o ensino de Lacan.

As elaborações que realiza acerca deste termo variam em toda sua obra, mas podem ser delineadas heurísticamente, em quatro grandes períodos: do estádio do espelho (1936) até o seminário II (1954); do seminário III até o seminário X (1963); do seminário XI até o seminário XVII (1968) e, enfim, o último período que se estende até o seminário XXIII (1976). Tratarei de resumir as diferentes posições que ele vai adotando e as mudanças que ocasionaram estas elaborações até o seminário XII, "Os problemas cruciais da psicanálise". Deter-me-ei neste seminário, que "fecha" o ciclo que conduziu Lacan a situar o sujeito cartesiano como sujeito da ciência sobre o qual opera a psicanálise. Esta formulação me servirá de base para investigar o sujeito no final da análise, objetivo maior deste trabalho de pesquisa.

Sabe-se que para Freud o Eu é uma superfície corporal que se forma por identificação (FREUD, 1973/ah, p. 2707-2708), e que sua constituição implica um novo ato psíquico (FREUD, 1973/h, p. 2019). Isto é o que vem a explicar o "estádio do espelho" que se apresenta como um nó que, mediante uma imagem unificante, articula e conforma o corpo da criança com o real da pulsão.

Lacan começa a estudar esta relação no texto "O estádio do espelho como formador da função do eu [*je*]⁹⁶", e a retoma, por volta de 1954, no seminário "O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise".

Este estádio faz menção à experiência de uma criança que não domina ainda a marcha nem a postura ereta, e que colocada frente a sua própria imagem no espelho ultrapassa psiquicamente sua falta de maturação biológica numa série de gestos jubilosos, revelador da identificação como mecanismo libidinal (LACAN, 1979/k, p. 11-18).

Ocorre que ao nascer, para o filhote humano ainda resta um descompasso entre a maturação do córtex e a mielinização do neuro-eixo, descompasso que o embriologista Bolk chamou de fetalização (BOLK, 1995, p.

⁹⁶ *Je*. Neste momento Lacan ainda não dá valor conceitual a diferença entre *je* e *moi*.

47). Esta experiência mostra que a matriz simbólica do sujeito precipita-se na imagem do outro, imagem esta que se aliena antes de objetivar-se como identificação.

Antes de prosseguir, acho importante esclarecer o que se entende por "matriz simbólica", até porque este é um fenômeno que se apresenta "tal como se nos revela na experiência psicanalítica" (LACAN, 1979/k, p. 11). A "matriz simbólica" é o desejo da mãe. A castração na mãe é a que dá ao filho o lugar de "falo imaginário"⁹⁷ ao qual este se identifica (FREUD, 1973/ab, p. 3084-3085). Acontece que esta precipitação na imagem se dá por causa desta "matriz simbólica", e não depende tanto de ver-se no espelho, mas de essa imagem estar sustentada pelo olhar do Outro, do primeiro Outro que é a mãe.

A questão é que a criança sente seu corpo fragmentado pela parcialidade da pulsão em oposição à imagem de completude devolvida pelo espelho, e isto gera uma tensão agressiva que se resolve na precipitação identificatória do corpo fragmentado com a imagem do espelho (LACAN, 1979/c, p. 67-69). Lacan define a identificação, neste momento, como a transformação que se produz no sujeito quando assume uma imagem – *imago* – como própria.

Neste drama histórico vivenciado no estágio do espelho, e por causa dessa precipitação identificatória, o sujeito vai ficar prisioneiro de uma armadura assumida como identidade e que vai marcar todo seu desenvolvimento mental.

Correlativamente, a formação do Eu é simbolizada nos sonhos como um terreno fortificado que divide dois campos de luta opostos, onde o sujeito batalha pela busca do altivo castelo interior que simboliza o Isso (LACAN, 1979/k, p. 15). Desde este momento o Eu passa a ser sede das situações socialmente elaboradas, e o empuxo da pulsão é visto como um perigo. A normatização das pulsões sexuais passa a depender de uma intermediação cultural, que Freud chamou de complexo de Édipo⁹⁸. O Eu – que para Freud é

⁹⁷ O falo na sua função simbólica é o significante destinado a designar em seu conjunto os efeitos de significado, na sua função imaginária é representado pelo pênis como órgão da potência viril, ligado à satisfação narcísica. A ameaça de castração que instaura a diferença sexual anatômica recai sobre o falo imaginário.

⁹⁸ Como seguramente tem se notado, faço um percurso de trabalho sobre a construção do sujeito e o desejo inconsciente, que de forma deliberada não aborda a teoria do Complexo de Édipo, mesmo reconhecendo ser esta teoria fundamental para situar o desejo - que é sempre sexual – em relação ao sujeito. A razão que me leva a isto é que pensar a constituição do sujeito a partir

sede do sistema percepção-consciência e responde ao princípio de realidade – passa a ser para Lacan, e levando em conta a experiência da psicanálise, lugar do desconhecimento e obstáculo para a realização subjetiva. Em realidade, esta noção já se encontra em Freud quando no “O Eu e o Isso” diz que o Eu está compelido a curvar-se as exigências da realidade, o que o obriga a silenciar o Isso.

Quando Freud estuda a relação entre o Eu e os objetos, descobre que o primeiro objeto que existe para a libido é o próprio Eu. O investimento da libido sobre este primeiro objeto é o que ele chama de "primeiro ato psíquico" (FREUD, 1973/h, p. 2019). De aqui em mais, o Eu se converte no reservatório da libido, com a conseqüência de que o sujeito passa a construir seus objetos, seu mundo de objetos, a partir deste Eu, alienando-se⁹⁹ ao mesmo.

Na medida em que o Eu se oferece ao Isso como objeto de amor podemos sublinhar que este não responde ao real da pulsão senão como desconhecimento, como recobrimento imaginário do real. Trata-se de um desconhecimento, porque esta identificação supõe negar a própria imagem como "outro" para passar a ser essa imagem. Toda a consistência do Eu é só isso: uma imagem. Não é de estranhar que os homens sempre estejam perguntando ao Outro quem eles são, principalmente quando o aparecimento de uma verdade faz balançar a consistência imaginária em que se constituiu sua identidade.

do Complexo de Édipo e do Complexo de Castração, além de ser o caminho mais frequentemente trilhado, é também o mais equívoco, sendo o equívoco mais comum se referir à constituição do sujeito como um processo evolutivo.

Em geral, a constituição do sujeito é abordada como uma serie de etapas evolutivas dadas no seio do núcleo familiar. Um drama chamado edípico que deságua no surgimento do Ideal do Eu como formação normatizante do desejo. O que se oculta com isto, é que este Ideal do Eu, que dá de fato uma direção à sexualidade, o faz ao preço de ocultar a causa do desejo. Este caminho é o que se considera natural para a sexualidade humana..., mas a psicanálise é uma prática anti-natural.

⁹⁹ Esta palavra “alienação” traz um problema de tradução para o português difícil de contornar. É um fato que já tem carta de cidadania em psicanálise, onde é um conceito da teoria e, portanto a continuarei usando. Alienação quer dizer, ficar fora de si, extranhar-se, perder a consciência ou os direitos para outrem. Deixar de fazer uso de uma propriedade particular, como ser a “consciência”, ou um objeto, por estar vendido ou hipotecado. Fala-se de um sujeito alienado como alguém fora de si, como se sua consciência estivesse em outra parte. Em psicanálise tem um uso tomado da lógica de conjuntos e que significa a relação de dependência em que o sujeito fica em relação ao Outro. O que se enfatiza com esta palavra é tanto a operação que em lógica chama-se “união”, como o lugar onde o sujeito se aliena. Por esta razão aparece como uma expressão que em principio não tem sentido como, por exemplo, “alienado a”, ou “alienado ao” em vez de “alienado de”.

Assim sendo, esta identificação do Eu com sua imagem especular coloca obstáculo ao reconhecimento pelo sujeito de seu desejo. Desde o começo de seu ensino, na década de 50, Lacan releva o simbólico como plano de realização do sujeito, em oposição ao imaginário, plano da realização do Eu e seus objetos. O Eu oferece ao sujeito uma unidade em que se reconhece (como idêntico a si mesmo) e ao mesmo tempo se desconhece (como dividido).

Quanto ao desejo inconsciente, este pressupõe uma estrutura similar à da linguagem, um lugar simbólico habitado por um desejo enigmático que se manifesta e se realiza nas formações do inconsciente. Segundo Lacan, "[...] o sujeito se constitui como operativo, como humano, quando aparece o sistema simbólico. Sistema do inconsciente enquanto lugar da palavra [...] onde para Freud está a realidade do sujeito – no inconsciente, excluído do sistema do Eu – o sujeito fala" (LACAN, 1983, p. 84).

Neste seminário, "O Eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica", Lacan faz surgir o sujeito na junção entre o simbólico e o imaginário, ao se dirigir ao mundo dos símbolos que constitui o Outro. A palavra virá a ser a "contra-senha" para uma relação "intersubjetiva" onde o sujeito reconhece no Outro o verdadeiro sujeito. Neste momento, o Outro é pensado e reconhecido como o verdadeiro lugar do sujeito.

Em 1953 e até 1958, Lacan ainda não sabe muito bem onde situar o sujeito. No momento do seminário I e II, o sujeito ainda é confundido com o Outro (como lugar da palavra), o que lhe permite falar em intersubjetividade. Mas a partir do seminário V, o sujeito não mais vai ser confundido com o Outro. Este, o Outro, o inconsciente, será de daqui em diante, o lugar do sujeito, e a fórmula que usará para referir-se a ele será de "sujeito do inconsciente".

3.5. A entrada do significante

Contudo, é no seminário III, "As psicoses", que se produzirá um salto qualitativo na formalização do sujeito, ao introduzir, pela primeira vez, o termo "significante", tomado de Saussure, para trabalhar a relação do sujeito com *esse sujeito verdadeiro que está no Outro*, tal como foi pensado no

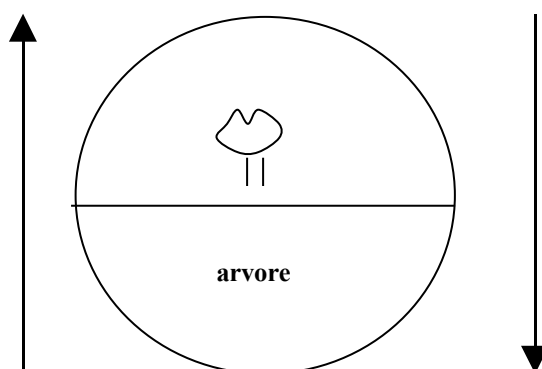
percurso do seminário sobre o "Eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica". Com isto, Lacan renuncia a elaborar a noção de sujeito no terreno da "intersubjetividade".

O termo significante, Lacan encontra no "Curso de lingüística geral" de Saussure¹⁰⁰, fazendo parte de uma estrutura fechada denominada signo que Saussure considera a parte mínima e elementar da língua.

Saussure define a "língua" como uma parte da linguagem, como um produto social da faculdade da linguagem, sendo também um conjunto de convenções adotadas pelo corpo social. A língua, então, não é uma função do ser falante, mas uma convenção social exterior ao sujeito, cabendo a este o ato individual da fala (SAUSSURE, 1945, p. 63-64).

Os elementos que compõem a língua são os signos, entidades psíquicas que reúnem em um só elemento o conceito, que chama de significado, e a imagem acústica que chama de significante. Junta tudo isto dentro de um círculo que representa a indissolubilidade de significante e significado e acrescenta dois vetores contrapostos para indicar a implicação recíproca entre ambos. A linha que separa significado de significante tem o valor de vínculo.

No seu "Curso", Saussure utiliza o seguinte esquema para representar sua idéia de signo.



¹⁰⁰ Em 1906 Ferdinand de Saussure sucede a Joseph Wertheimer e assume uma disciplina na Universidade de Genebra. Nesta Universidade dá três cursos magistrais sobre lingüística geral. Seus alunos – após sua morte - reúnem suas notas de aula e a seguir as publicam com o nome de "Curso de lingüística geral". O mérito de Saussure foi o de fundar a Lingüística como ciência e deslindar seu objeto de estudo: a língua. O cerne desta operação consistiu em identificar os planos da sincronia e da diacronia no fenômeno da linguagem e isolar a língua como uma estrutura sincrônica, separada da fala, considerada apenas como fenômeno diacrônico.

(Figura 3)

O signo, enquanto faz parte de um sistema que tem fundamentalmente uma relação negativa e diferencial com os outros signos; portanto, o valor de significação que tem uma palavra será dado pela relação de um signo dado com todos os outros signos. Saussure termina por enunciar que na língua só encontramos diferenças que permitem estabelecer relações. Estas relações se desenvolvem em duas ordens que correspondem a duas formas de atividade mental. Assim duas palavras se "associam" uma com a outra para formar uma frase, mas também se "substituem" uma pela outra. Verifica-se que a associação de palavras requer a presença delas e, pelo contrário, a substituição se faz em sua ausência. O conjunto de signos constitui o que chamamos tesouro interior da língua, governado pelas leis da linguagem.

Temos que notar que Lacan não faz uma lingüística. A característica da lingüística, como a de qualquer disciplina que se considere ciência, é a de estabelecer um campo de estudo fechado, que, neste caso, terminou por fundamentar a corrente de pensamento chamada estruturalismo. Lacan toma da lingüística os conceitos que lhe interessam para seu trabalho, mas à diferença desta acrescenta que nem tudo é significante. Algo no campo do Outro, no tesouro do significante, escapa à determinação lingüística.

A este esquema de signo proposto por Saussure, que pode ser chamado de "conceito de signo saussuriano", Lacan opõe a escritura de um algoritmo que passo a chamar de "algoritmo¹⁰¹ lacaniano"

$$\frac{S}{s}$$

(Figura 4)

¹⁰¹ Algoritmo. Procedimento de calculo algébrico. Procedimento de notação diferencial. Notação para a realização de um calculo lógico.

A questão é que para construir o algoritmo, Lacan começa desfazendo o signo lingüístico saussuriano tal como foi construído, anula os vetores de implicação, inverte os lugares do significante e do significado e ressalta o valor da barra, que agora não tem valor de vínculo, mas de resistência à significação, e desaparece a elipse que indicava a unidade estrutural do signo. Resulta disso que o significante em psicanálise adquire autonomia em relação ao significado e já não tem o mesmo valor que o significante na lingüística saussureana. O lugar do significante vai ser o de pura diferença, e no lugar do significado se introduzirá a simbolização de uma lei que Lacan aproxima à lei da diferença sexual (LACAN, 1979/g, p. 184-186).

Duas leis governam a estrutura significante. A primeira diz que um significante não se significa a si mesmo; a segunda lei diz que não existem significantes autônomos. É importante notar que estas leis correspondem ponto a ponto aos dois axiomas básicos da teoria de conjuntos: o axioma da especificação e o axioma da extensão (HALMOTZ, 1967, p. 9-16). Isto permitirá a Lacan, nos anos seguintes, fazer uso da teoria de conjuntos para repensar o campo da psicanálise. Contudo, o mais importante a ser assinalado é que agora o sujeito passa a ser visto como significado, um efeito da cadeia significante, e não um agente da mesma como a paixão de desconhecimento do Eu lhe permite acreditar.

Se na altura do seminário "O Eu na teoria de Freud", de 1954-1955, havia relações intersubjetivas, na medida em que o lugar do Outro era o lugar do *verdadeiro sujeito* ao qual nos dirigimos, agora, no seminário "As psicoses", de 1945-1956 encontramos a cadeia significante a partir da qual se determina a posição subjetiva do ser falante. Este lugar do Outro é o lugar em que se sanciona a mensagem do emissor, é o lugar onde o *dizer* é lido e sancionado como *dito*. É um lugar que pode ser encarnado por alguém, na medida em que a linguagem supõe que a fala esteja dirigida a um outro; mas não significa que alguém seja o Outro, a não ser a título de engano.

A mãe é o Outro da primeira dependência, e quem primordialmente o encarna. A linguagem sempre vem do Outro, e se falamos de "língua materna" é porque reconhecemos que a mãe é este lugar onde o sujeito se encontra com o significante. Enfim, nesta primeira conceituação de Lacan, o Outro é o inconsciente. Lugar de onde se fala e lugar para onde se dirige a fala.

Concomitante com o lugar do significante, o Outro é o lugar da lei – entenda-se, a lei de regulação significativa – que, evocando a lei de interdição paterna, determina a posição do sujeito na cadeia genealógica.

O último aspecto que este Outro coloca é o de ser o lugar da verdade. Falar é apelar a um Outro para situar a verdade do que se diz, o que faz ressurgir a verdade cada vez que se fala. A verdade, portanto, não é permanente, mas fugaz.

O trabalho de análise lingüístico que Lacan realiza em 1956 sobre o presidente Schreber permite situar e estabelecer que este Outro – que é um termo eminentemente clínico – tem a estrutura da linguagem, e concluir que o inconsciente está estruturado como uma linguagem. Justamente na psicose, e em especial na paranóia, o enfermo se queixa de ser conduzido e determinado por vozes vindas do Outro – Deus, para Schreber (LACAN, 1984/a, p. 47-67). Assim não é de estranhar que o delírio termine sendo construído na tentativa de encontrar uma posição de sujeito frente a este Outro sem lei, este Outro que lhe fala.

As psicoses testemunham que a posição do sujeito não se instala como uma pergunta "*Che Vuoi?*" – Que queres? Como acontece com as neuroses, mas que o delírio se constitui como uma forma de situar e lastrar este gozo que o invade.

Para Schreber, o delírio não é uma questão, mas uma resposta: "o que o Deus quer é gozar de meu corpo". Destarte, podemos concluir que a função do sujeito não se verifica para a psicose. Isto não quer dizer que o psicótico não fale, ou não tenha inconsciente, como o neurótico, mas, porque nele não se inscreveu o significante da lei do significante, o "Nome do Pai"¹⁰², "este inconsciente não funciona" (LACAN, 1984/a, p. 208). Articulado como uma linguagem, ele aparece no real das vozes na psicose – Freud dá a entender que na psicose o inconsciente aparece a céu aberto (FREUD, 1973/d, p.2077-2082). A afirmativa tem um alcance clínico importante porque nos diz

¹⁰² A inscrição no Inconsciente do significante Nome do Pai é o que permite a função sujeito, ao deter o deslizamento da cadeia significativa numa significação. Sua falta instaura um furo no simbólico. Furo que é recoberto por "identificações puramente conformistas" (LACAN, 1984/a, p. 292). Frente ao chamado desta função faltante, por exemplo, numa situação vital, o que se produz é a dissolução imaginária. Chama-se dissolução imaginária a decomposição das identificações fálicas assentadas na premência da imagem, mas sem suporte significativo. Por exemplo, situar-se diante a diferença sexual como homem, a partir de um traço cultural como o uso de bigode.

que a psicanálise, tal como elaborada por Freud, não se aplica à psicose, e nos põe de sobreaviso quanto a tentar aplicá-la a um pré-psicótico, sob risco de desencadear nele um surto delirante.

Também esta função sujeito não vai se verificar para as perversões. A diferença é que neste caso não é o Eu quem faz obstáculo à função subjetiva, mas o objeto. Esta relação será objeto de exame no seminário seguinte, "As relações de objeto e as estruturas freudianas" de 1956-1957.

Acontece que o objeto em psicanálise foi teorizado por Abraham¹⁰³ como objeto ideal ao qual convergem todas as pulsões (ABRAHAM, 1960, p. 319-364), e rapidamente adotado pelos psicanalistas pós-freudianos. Ora, para Freud, o objeto está desde sempre perdido, logo, o encontro com o objeto será impossível, e marcado pelo signo da repetição pulsional.

Para Lacan, busca-se na mulher amada justamente o que lhe falta, precisamente, o objeto primordial: o falo, simbolizado no filho. Ele estuda então, no fantasma relatado por Freud "Bate-se numa criança", o momento de constituição subjetiva, o momento em que este sujeito aparece fica identificado ao falo como objeto: nesse momento a relação subjetiva se perdeu e o único que se mantém é "a relação com os significantes em estado puro, sem a relação intersubjetiva, esvaziados de seu sujeito" (LACAN, 1994, p. 121). O que se vê é o curto circuito da passagem ao ato perverso, no qual o sujeito desaparece. Com efeito, neste curto circuito da passagem ao ato, o que se destaca é a obtenção pura de um gozo que não passa pelo Outro.

O que a partir destas elaborações fica questionado é o estatuto do desejo inconsciente, e por conseguinte a noção de sujeito. Com efeito, tanto na psicose como na perversão constata-se a existência do inconsciente, mas verifica-se que não é possível falar de desejo, mas de vontade de gozo.

Os próximos seminários de Lacan serão dedicados a esta questão.

3.6 Sujeito como corte

¹⁰³ Karl Abraham foi um dos primeiros e mais lúcidos discípulos de Freud. Descreveu os estádios libidinais, oral, anal e fálico como um processo evolutivo das pulsões parciais que confluem na fase genital, no início da adolescência, em um objeto total. Contudo, foi Melanie Klein e Michel Balint, que se baseando nos trabalhos de Abraham desenvolveram estas idéias.

A partir do seminário ocorrido em 1957-1958, cujo tema foi "As formações do inconsciente", Lacan recorre à topologia das redes¹⁰⁴ para elaborar um grafo baseado na estrutura do chiste. Se "o Outro" é um lugar, então, é possível estabelecer-se uma rede de relações que permita situar a dinâmica inconsciente na determinação do sujeito.

Dizer que o significado é subsidiário do significante, quer dizer que o significante não pode significá-lo por completo, pois sempre faltará um significante ao ser falante, razão pela qual algo sempre escapa à significação. Falta que não se sutura¹⁰⁵ com o acréscimo de outros significantes, e que segrega uma parte denominada por Lacan como "objeto *a*"¹⁰⁶. Uma das formas que, na teoria freudiana, se aproxima ao objeto *a* é o que no "*Projeto de psicologia para neurólogos*" aparece com o nome de "*Das Ding*": a coisa (FREUD, 1973/w, p. 256).

A falta, na teoria de Freud, aparece a partir da primeira experiência de satisfação, onde se trata de reencontrar o objeto perdido, por outro lado, encontramos-la também a partir da castração da mãe, onde o termo faltante recebe o nome de falo. Essa mãe era o primeiro Outro¹⁰⁷, lugar da cadeia

¹⁰⁴ A topologia o "*analisi situ*" (análise dos lugares, das posições) se dedica ao estudo do espaço real e deságua em três grandes teorias que dão origem à "topologia das redes", "topologia das superfícies" e "topologia dos nós". Lacan faz uso extensivo da mesma em toda sua obra.

¹⁰⁵ Em topologia, o termo sutura indica a união de duas bordas realizada de forma tal que a parte exterior da borda A se una com o interior da borda B, e o exterior da borda B com o interior da borda A. deste modo, tem-se a união de duas superfícies significantes sem eliminar o corte entre elas.

¹⁰⁶ O objeto *a* é o objeto da pulsão e também o objeto causa do desejo. O objeto *a* não tem representação no mundo, em topologia se diz que não tem imagem especular. É uma notação para dizer que o objeto perdido freudiano, o objeto que nunca existiu, é um objeto. Isto que dizer que sua falta é o que se constitui como objeto. Três aspectos caracterizam ao objeto *a*, a identificação com os estilhaços parciais do corpo que o faz presente no mundo, o vazio em torno do qual se constituem os objetos (o pote de mostrada de Heidegger) e sua função de resto de operação significante.

¹⁰⁷ Numa carta dirigida a seu amigo Fliess, datada em 6-12-96 e conhecida como carta 52, situa a esse primeiro Outro como a mãe. "Os acessos de vertigem e pranto estão todos dirigidos a esse *outro*, mas sobre tudo a esse *outro* pré-histórico, inesquecível e que nunca pode ser igualado [...] um de meus pacientes ainda geme nos seus sonhos, tal como o fez muito tempo antes, para que a mãe – que morreu quando ele tinha vinte dois meses – o levasse consigo para sua cama." (FREUD, 1973/ae, p. 3555) [sublinhado por Freud]

Partindo-se da necessidade animal, vê-se que esta implica em um organismo na sua relação direta com o objeto, mas para o ser falante, esta relação é mítica e está fadada, desde o início, a passar pelo circuito do significante, pois a linguagem pré-existe ao sujeito. Ele estará obrigado a pedir, a demandar para que possa satisfazer sua necessidade. E é preciso que aprenda a fazê-lo bem. Como exemplo, tem-se o diálogo, extremamente comum, que se produz na cultura latina entre uma criança e sua mãe. Quando a criança solicita algo, geralmente a mãe vai explicar-lhe que ela deve saber pedir, ou seja, que ela deve usar sempre a expressão "por favor". A resposta não é o puro objeto, mas sim, um objeto inerente à cultura.

Então, pelo fato da demanda precisar da articulação significante, esta vai estar sempre sujeita à leitura que o Outro faça dela. A resposta que o sujeito tem, por receber objetos marcados pelo significante, segrega um resto de pura perda. A este objeto dá-se o nome de objeto *a*, que se produz cada vez que se fala.

A diferença entre a demanda e a necessidade é o desejo, que por sua vez é causado pelo objeto *a*. Enfim, nunca o que recebemos é totalmente "aquilo" que pedimos, pelo fato que "pedimos". "O desejo não é nem o apetite de satisfação, nem a demanda de amor, senão a diferença que resulta da subtração do primeiro à segunda, o fenômeno mesmo de sua divisão" (LACAN, 1979/I, p. 285).

Tanto quem pede como quem responde ficam marcados pela falta. O primeiro, pelo que perde da necessidade ao ter que fazer com que ela passe pelo circuito do significante. O segundo, porque mais além da demanda teria que responder com seu desejo porque, para além dos objetos, é o próprio desejo o que se trata de reconhecer. "[...] em parte alguma aparece mais claramente que o desejo do homem é encontrar seu sentido no desejo do outro, nem tanto porque o outro detém as chaves do objeto desejado, senão porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro" (LACAN, 1979/i, p. 88).

Aqui, Lacan se inspira em Hegel para dizer que o desejo do homem é o desejo do Outro, onde uma falta cobre a outra, sendo

que o sujeito tem que encontrar a estrutura constituinte de seu desejo na mesma fenda aberta pelo efeito dos significantes, naqueles que vêm representar nele o Outro, na medida em que sua demanda está sujeita a eles (LACAN, 1979/f, p. 260).

O genitivo desta fórmula, "o desejo é desejo do Outro" ¹⁰⁹ pode ser lido, em sentido subjetivo, como desejo de estar no lugar do Outro ou, em sentido objetivo, como sendo o Outro quem deseja. Não há dúvida de que é o sentido objetivo a que Lacan dá destaque, para melhor figurar o sujeito do inconsciente.

Só se pode desejar o desejo do Outro, quando o sujeito estiver na posição de objeto que causa este desejo. Posição que o sujeito encarnou na sua constituição, para o Outro que a vida lhe deparou. O sujeito é desejante porque, como objeto, causa o desejo que o determina, ou seja, o desejo é sempre desejo, de desejo, de desejo..., metonímia que encontra seu ponto de fixação no fantasma fundamental, onde o sujeito se sustenta no nível de seu desejo evanescente.

Este seminário – “As formações do Inconsciente” – promove a divisão do sujeito, que pela primeira vez é grafado com o “S” maiúsculo do significante, riscado pela barra da *Spaltung*¹¹⁰ constitutiva, e promovendo sua relação com o objeto do “fantasma”¹¹¹ que sustenta o desejo.

É no seminário sobre "O desejo e sua interpretação" (LACAN, 1959, s.p.) que Lacan trabalha, extensivamente, a fórmula da fantasia inconsciente. Aqui, vê-se surgir, pela primeira vez, o conceito de sujeito como corte – o que já prefigurava a divisão freudiana de inconsciente/consciente. Esta divisão colocava como problema que só conhecíamos o inconsciente quando este deixava de sê-lo. Freud resolveu esta questão, que ele mesmo se colocou, recorrendo à metapsicologia, que consiste em descrever um processo psíquico a partir de três pontos de vista: dinâmico, tópico e econômico o que lhe permite situar o problema numa tópica diferente que a divisão

¹⁰⁹ A fórmula que diz que o desejo é sempre desejo do Outro, mesmo com variantes, mantém-se em todo o ensino de Lacan e traduz, à sua maneira, o postulado freudiano de que o desejo é inconsciente.

¹¹⁰ *Spaltung* significa fenda, greta, abertura, divisão, rachadura, em alemão.

¹¹¹ Fantasma é o termo que se tornou clássico para se referir ao que Freud chama fantasia inconsciente, e serve para distingui-la do uso diferente que a escola kleiniana faz dela. Melanie Klein pensa a fantasia inconsciente como um representante da pulsão.

consciente/inconsciente..., mas, ainda assim, o problema permanecia (KAUFMANN, 1996, p. 502).

Lacan usa diferentes termos para se referir à *spaltung* do sujeito dividido. Esta consiste, em última análise, de duas partes que estão separadas de forma radical¹¹² e que o cogito cartesiano ilustra como ser e pensar, ou verdade e saber.

O certo é que Lacan se baseia num sonho de Freud relatado em "Os dois princípios do funcionamento mental" de 1911, como paradigma da divisão do sujeito. Neste artigo, Freud investiga como a introdução do princípio de realidade contribui para a formação da fantasia inconsciente, que está a serviço de sustentar o desejo conforme o princípio do prazer, assim como participa na formação de sintomas. Freud sustenta que a "realidade" é a "realidade do inconsciente", e o desejo é o desejo que realiza esta realidade inconsciente; porém, adverte, que não se deve interpretar o inconsciente a partir da "realidade consciente". Neste ponto, ele faz o desafio de se interpretar o seguinte sonho, sendo que da perspectiva da "realidade consciente" se faz impossível.

Um indivíduo que tinha assistido a seu pai durante uma penosa enfermidade que o levou à morte, relata que durante os meses seguintes ao funesto desfecho, sonhou repetidas vezes que seu pai se encontrava de novo em vida e falava com ele da forma habitual. Mas ao mesmo tempo sentia, com dolorosa intensidade, que seu pai já estava morto, embora ele mesmo não o soubesse. (FREUD, 1973/ai, p. 1642)

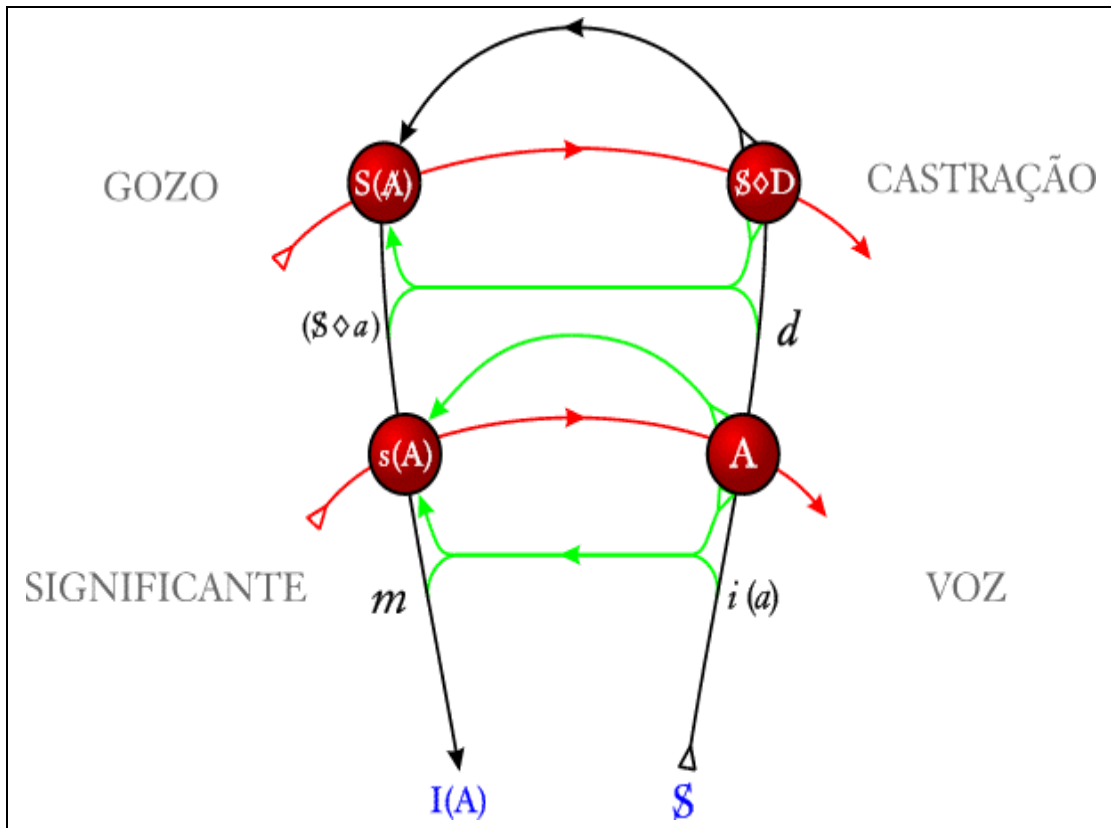
O caminho que Freud propõe para a solução do sonho é acrescentar ao mesmo a frase seguinte: "seu pai estava morto"..., como ele desejava..., "mas não sabia" que o filho tinha este desejo (FREUD, 1973/ai, p. 1642). O pensamento latente seria, então, a dolorosa lembrança de ter desejado que a morte desse fim aos sofrimentos do pai, e o medo que este se apercebesse disso.

¹¹² Bruce Fink, no seu livro *O sujeito lacaniano*, dá a entender que Lacan abre mão do sujeito dividido e que este se reuniria logo depois da travessia do fantasma (FINK, 1995, p. 68). Parece estranho, depois de todo o desenvolvimento que ele faz para explicar sua divisão. Em todo caso, essa tese é contrária àquela que eu sustento aqui.

Lacan trabalha este sonho sobre o grafo que construiu no 26 de novembro de 1958 no seu seminário VI "O desejo e sua interpretação" (Fig. 7). Aqui tomou-se o grafo completo (LACAN, 1979/j, p. 328), tal como aparece no artigo "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano" que se encontra na coletânea de artigos de Lacan, publicada em 1966, com o título de "Escritos". Grafo em que figura o conjunto dos efeitos subjetivos ligados à cadeia significante (Fig. 6).

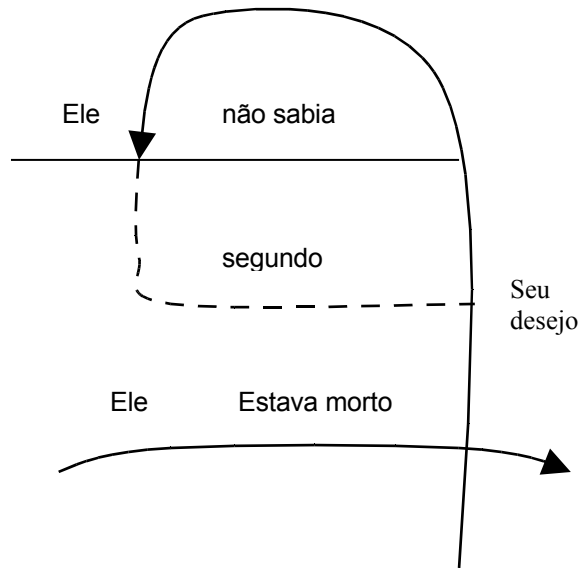
Este grafo avança do lugar assinalado como sujeito, (I) sujeito mítico que nos grafos iniciais de Lacan foi mostrado como pura intencionalidade para, no fim da curva da demanda, desembocar no Ideal do Eu, I(A). A curva da demanda pulsional tem oportunidade de cortar a cadeia significante, instaurando o lugar do Outro do código: A, onde, por retroação, sancionar-se-á a mensagem. Há também uma divisão axial vertical que divide dois campos: o esquerdo, o do sujeito onde encontramos a escritura do sintoma "s(A)", o Eu "m" e o fantasma \bar{m} , que responde imaginariamente ao desejo do Outro situado no grafo no eixo da direita. Do lado direito, ou campo do Outro encontramos, a pulsão como correlato da castração e o Outro como correlato do sintoma.

No eixo horizontal, vê-se que Lacan reduplica a cadeia significante em dois níveis para marcar o plano de enunciado (cadeia inferior) que corresponde ao sintoma, e o plano da enunciação que corresponde ao inconsciente (cadeia superior).



(Figura 6)

Lacan vai situar no grafo o sonho de Freud ordenado nos seguintes vetores



"Ele não sabia" $\tilde{\sim}$
 "Que segundo seu desejo" $\tilde{\sim}$
 "Ele estava morto" $\tilde{\sim}$

(Figura 7)

Segundo Freud, o sonho é enigmático e não é tão fácil de ser interpretado, já que o desejo de morte foi consciente no sonhador. "É a própria subtração significativa" (LACAN, 1959, s.p.) (de "segundo seu desejo") que dá o sentido do sonho e vê-se que ela ocorre no próprio plano da enunciação. Percebe-se que a interpretação se fundamenta numa elisão do significante que produz um efeito metafórico. A linha $\tilde{\sim}$ é a do enunciado, onde o avanço do recalçamento e o estabelecimento da censura no sonho distanciam o enunciado do plano da enunciação $\tilde{\sim}$. O recalque não visa, portanto, ao enunciado, mas à enunciação, onde o fato fundamental a ser reconhecido é que, neste nível, há um não-dito pelo sujeito. "Isso é um paradoxo, e só é

possível superá-lo afirmando que o recalçamento está ligado ao apagamento do sujeito no processo da enunciação" (LACAN, 1959, s.p.).

Lacan recorre à *Verneinung* freudiana: "*je ne dis pas que...*" O "*ne*" "discordância" em francês, assinalado como tal na gramática de Damourette e Pichon, revela a propriedade mais essencial do significante: "o *ne* marca o lugar do sujeito da enunciação enquanto ele pode ser apagado da cadeia significante e subsistir graças a esse próprio apagamento [...] Não há outro signo do sujeito, senão o signo de sua abolição" (LACAN, 1959, s.p.). Abolição do saber, cada vez que quer nomear seu desejo.

Correlativamente, o objeto parcial suporta o sujeito no exato momento em que ele enfrenta na sua existência, a angústia que o faz existir na linguagem, apagando-se e ficando por detrás de um significante: no momento de pânico do "*Che vuoi*", é ao objeto parcial do desejo que ele se agarra para responder falsamente à pergunta do Outro sobre o desejo. É para isso que serve o fantasma, onde o sujeito encontra seu suporte no objeto *a*. Por esse motivo, o losango do fantasma pode ser lido também como resiliência¹¹³ narcísea (PEÑA, 1982, p. 61).

"Ele não sabia", porque de fato, o sujeito se constitui, verdadeiramente, como "não sabendo", ¹¹⁴ desconhecendo que, ao assumir a morte do pai no enunciado ("ele estava morto"), mantém à distância sua própria morte como sujeito, que desaparece sob o signo do significante "rejeitando para o Outro sua própria ignorância" (LACAN, 1959, s.p.) e constituindo-o como morto como bem assinala o algoritmo \tilde{c}

"O Outro está morto e não o deve saber" (LACAN, 1959, s.p.).

Se antes deste seminário o sujeito era colocado do lado da enunciação e, portanto, do desejo, a partir deste seminário ele é identificado com o corte que separa enunciado de enunciação.

A questão que deixa o seminário "O desejo e sua interpretação" é que o sujeito aparece como um "não saber" aí onde supomos uma cadeia

¹¹³ Resiliência é a propriedade de determinadas substâncias de contrair-se ou expandir-se e logo retornar a sua posição inicial. O exemplo mais corriqueiro é o da mola de aço, que aproxima seus bordos ou os distancia, mas sempre os mantendo unidos. No caso do fantasma, os elementos que se mantêm juntos, mas sem fundir-se um no outro, são o sujeito e o objeto.

¹¹⁴ É o que na primeira parte deste trabalho, no capítulo *Signorelli*, assinalou-se que o inconsciente é um saber não sabido, no sentido de que o "não sabido" é uma posição do saber inconsciente.

articulada na forma de saber inconsciente. Esta constatação esta na origem da teorização do sujeito do inconsciente como Sujeito Suposto Saber.

3.7. O Sujeito Suposto Saber

Lacan encontra nas formações do inconsciente, e em particular nos sonhos, que o sujeito aparece de fato como: "ele não sabe". Esta relação entre "saber" e "sujeito" o leva a pesquisar as relações do desejo e do saber em Sócrates. Depois de tudo, Sócrates é aquele sujeito que os deuses têm por sábio, justamente por ser ele "o único que sabe que não sabe nada" (PLATÃO, 1977/a, 204). Assim, grande parte do seminário sobre a transferência, de 1960-1961, é dedicado a interrogar o "saber" de Sócrates.

No diálogo de Platão, "O banquete", os convivas são instados a fazer uma apologia do Amor. Sócrates sempre se apresentou como não sabendo nada das coisas a não ser das coisas do amor, porém, quando chega a sua vez de falar, não consegue fazer outra coisa além de contar o que lhe revelou Diotima, a sacerdotisa, que está ausente. Sócrates fica então, voluntariamente oculto atrás do discurso do Outro, obscurecido pela máscara de Diotima (RODRIGUEZ-HUESCAR, 1977/b, p. 583), manifestando, com isso, sua divisão de sujeito. Ninguém pode falar do que sabe do desejo, a não ser apagando-se no "ele não sabia". Porque o desejo, mesmo sendo articulável na demanda, não é articulado nela.

Da mesma forma, o analista é procurado e interrogado sob a suposição de que "sabe algo" daquilo que se agita no paciente. Enfim, é procurado em nome do saber, constituindo-se por isso em Sujeito Suposto Saber. Lacan interroga esta "suposição" durante todo o seminário sobre a transferência; mas é só no seminário seguinte, "A identificação" (1961-1962), que vai falar de Sujeito Suposto Saber como conceito e operador clínico em torno do qual giram os fenômenos de transferência. Em 1967, na "Proposição

sobre o analista da Escola”, especifica esta fórmula como “matema”¹¹⁵ da entrada em análise (LACAN, 1987, p. 45).

O conceito de Sujeito Suposto Saber identifica o inconsciente como um saber, entanto o saber vai estar definido como o saber da ciência, isto é, como pura articulação de um significante a outro significante. A questão é que este saber pode ser entendido como um verbo transitivo, onde se entenderia que há um sujeito que sabe alguma coisa; ou como um verbo intransitivo que questiona a existência de um sujeito suposto *no* saber. É uma fórmula que fala da autorização que o paciente confere ao analista, dando início a uma análise, ao mesmo tempo em que o coloca em questão. Desfecho reservado ao fim de análise.

No seminário “A identificação”, dos anos 1962-1963, Lacan exporá, pela primeira vez, a fórmula final e canônica do sujeito, na sua relação ao significante, embora ela já estivesse como enunciação nos seminários anteriores quando insistia em dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. “O significante não é o signo, diz, o significante é o que representa [supõe] um sujeito para outro significante” (LACAN, 1987, p. 12). Fórmula que faz acompanhar de um comentário tendente a esclarecer o alcance dado ao Sujeito Suposto Saber:

O saber é intersubjetivo, o que não quer dizer que é o saber de todos, nem que é o saber do Outro – com uma grande O [...]. É essencial mantê-lo [ao Outro] como tal: o Outro não é um sujeito [*hypokeimenon*]¹¹⁶, é um lugar ao qual nos esforçamos, diz Aristóteles, por transferir o saber do sujeito (LACAN, 1961, s.p.)¹¹⁷.

¹¹⁵ O “matema” é uma notação algébrica, na forma de uma fórmula, que consegue exprimir e manejar os conceitos de uma teoria. A ambição de Lacan ao escrever os conceitos da psicanálise em forma algébrica é a de poder transmitir o saber analítico em relação à estrutura, sem o obstáculo que qualquer suporte imaginário do pensamento coloca ao simbólico.

¹¹⁶ Aristóteles, no capítulo II das “Categorias”, se esforça para distinguir dois usos do termo sujeito. Ser atributo de um sujeito, e ser um sujeito, não como uma parte, mas sim como podendo existir apenas *nesse* sujeito. Dá quatro casos diferentes: 1) O homem em geral é atributo *do* homem individual, mas não está *nele*; 2) A ciência em geral é atributo *da* gramática e está *na* alma; 3) Um conhecimento particular e concreto da gramática está *na* alma, um branco particular e concreto está no corpo, mas não são atributos *deles*; 4) O homem individual, o ser particular e concreto não é nem atributo *de* um sujeito, nem está *num* sujeito (LALANDE, 1993, p. 1089).

¹¹⁷ Este é o parágrafo completo de esta citação de Lacan difícil de traduzir. “Este saber absoluto mesmo – lo veremos a la luz de esta cuestión – cobra un valor singularmente refutable pero por hoy sólo esto: detengámonos a plantear esta moción de desconfianza de atribuir este supuesto saber a quien fuera, ni de suponer (subjicere) ningún sujeto al saber. El saber es intersubjetivo lo que no quiere decir que es el saber de todos, ni que es el saber del Otro -con una gran O-, y al Otro lo hemos planteado. Es esencial mantenerlo como tal: el Otro no es un sujeto, es un lugar al

Em 1967, insiste: “Uma lembrança de Aristóteles, uma pitada das categorias, por gentileza, para desenlamear esse sujeito do subjetivo. Um sujeito não supõe nada, ele é suposto” (LACAN, 1987, p. 45).

Nota-se como o Sujeito Suposto Saber restitui o alcance do cogito cartesiano. Para Descartes o pensar é solidário ao saber, lugar da razão onde assenta a certeza que permite construir seu modelo de ciência. O "eu penso" cartesiano é a suposição de um sujeito a este saber.

Acontece que esta noção de Sujeito Suposto Saber tem um alcance clínico que lhe outorga toda sua eficácia. Este alcance clínico diz respeito ao que surge na transferência a partir da demanda do paciente de “querer saber”. Querer se aliviar de um sintoma, certamente, mas entrar em análise é também querer saber por que acontece “isso” com “ele”. Este “ele”, sub-repticiamente coloca em jogo o ser do sujeito, e o endereçamento da demanda implica a suposição de que alguém "sabe". Esta suposição tem um alcance lógico e outro metafísico. O alcance lógico, derivado da retórica escolástica, diz que os seres supostos [*sub-postos*; colocados embaixo de] são indicados por uma palavra que não designa a existência material do ser, mas que os faz existir (NASIO, 1984, p. 55-69). É fácil reconhecer aqui a fórmula de Lacan, que afirma ser o sujeito suposto por um significante. Em análise, o sujeito se consulta em nome de seu sofrimento o que faz que o sintoma tome valor do significante que representa ao sujeito frente a outro significante – o médico – a quem se supõe saber sobre o que este sintoma significa.

O outro pólo da fórmula nos diz que a afirmação metafísica de ser que aparece no "eu sou" do enunciado do paciente é uma falsa atribuição, ou ao menos uma atribuição que precisa do concurso de um Outro, o analista, como garantia de sua verdade. Em realidade, o cogito cartesiano se divide em uma enunciação inconsciente: "eu penso", e um enunciado consciente: "penso que eu sou", invocada pela regra da livre associação psicanalítica, quando propõe: *Esqueça o que você pensa que é, e diga o que sabe sem pensar que o sabe*. A livre associação convida o analisando então a se apagar como sujeito

cual uno se esfuerza- dice Aristóteles- por transferir el saber del sujeto.” (LACAN, 1961).

e a deixar-se representar por um saber, que como dissemos, o sujeito transfere ao Outro da relação transferencial.

O Sujeito Suposto Saber é então um engano, mas o engano necessário para que se abra a dimensão dialética da análise. É com a isca do engano, diz Lacan, que fisgamos o peixe da verdade.

Esta dimensão de engano, por outro lado, já tinha sido colocada em relevo repetida vezes por Freud ao tratar da transferência. De forma humorística conta como o paciente não cansa de falar do analista a todos, assim como encontra nele todas as qualidades e faz de sua palavra "o Evangelho" e até "já nos tem entediado de tanto falar de você" (FREUD, 1973/p, p. 2396). O que deixa claro que para o paciente o Sujeito Suposto Saber (que confunde com o analista) não *tem* o saber, ele é o saber. E também deixa claro que a suposição se impõe independentemente dos sujeitos em questão. A suposição é coisa do significante, desde que o sintoma suponha uma questão; e o sintoma supõe uma questão da mesma forma que se diz que supõe um sujeito. Tem-se que tomar isto ao pé da letra na medida em que para a psicanálise o sujeito é uma questão.

Mas esta forma de enunciar o sujeito – como questão que um significante representa para outro significante – não deve levar a pensar que poderia existir então um significante capaz de deter a deriva do sujeito, um significante que contivesse em si a significação de um sujeito e o abolisse como enigma, um significante que fosse o sujeito. Recorde-se que um significante assim já não seria significante, mas signo. Em realidade, ao falar de sujeito dividido se tem em mente que é o significante – pela ação de representar – quem divide o sujeito. Se a fórmula lacaniana afirma que um sujeito é representado *por* um significante *para* outro significante, então, a divisão do sujeito esta entre "*por* um significante" e "*para* um significante".

Todavia, estar no "por" e no "para" estabelece muito bem sua divisão, mas ainda o deixa indeterminado, correndo metonimicamente de um significante a outro. Alienado, portanto, ao Outro, seja este o Outro da linguagem, seja o Outro materno, em que o sujeito se propõe como aquilo que falta para suprir a falta deste Outro. De fato, trata-se de um percurso necessário para qualquer sujeito, já que não há nenhum para quem não exista alienação: para nascer como sujeito, ele precisa nascer como significante no

campo do Outro. Lacan, aluno de Kojève, já se referia a isto quando dizia que o desejo do homem é o desejo do Outro, tese que a sua maneira retoma a "Fenomenologia do espírito" de Hegel¹¹⁸.

É importante salientar que é justamente na altura do seminário "A identificação" que Lacan começa a fazer um uso extensivo da topologia. Com efeito, desde que definiu o Outro como um lugar e o sujeito como corte, a topologia se presta a mostrar o real desta operação. A topologia é o estudo do espaço real definido pelos lugares que delimitam as superfícies, e Lacan usa a superfície topológica da banda de Moebius para representar a textura significativa do Outro. Esta superfície significativa é unidimensional e o outro significativo¹¹⁹ só aparece pelo corte que marca o sujeito. Em realidade, deve ser entendido que é a repetição significativa que produz o corte em que consiste o sujeito.

Na banda de Moebius, este corte, feito pela linha média¹²⁰ não destrói a banda como banda, mas duplica suas superfícies transformando a banda unilateral numa banda bilateral e expondo com isso a repetição do significativo. Esta operação na qual um significativo recobre e apaga outro é chamada por Lacan de alienação. O corte da banda que produz o sujeito como cortado, arrancado do campo do Outro, é chamado de separação.

3.8. Uma nova operação para um novo sujeito

A deriva significativa em que um sujeito é representado por um significativo para outro significativo, que o representa para outro significativo, etc., se detém numa identificação do sujeito ao significativo que Lacan denomina alienação. Isto é trabalhado no seminário XI "Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise", de 1964-1965.

¹¹⁸ Hegel expressava isto dizendo que uma autoconsciência só era autoconsciência de si quando era autoconsciência de outro. (HEGEL, 1985, p. 113-114)

¹¹⁹ Lacan começa a indexar os significantes. Vai chamar ao significativo que representa ao sujeito de S1, também o chama de significativo mestre, ou insensato. Ao significativo para quem o sujeito é representado o chama de S2, ou saber. O S2 – como qualquer outro significativo – não é *um* significativo, mas um par de significantes, já que os significantes estão sempre aos pares.

¹²⁰ Uma banda de Moëbius não tem linha média. Falar de linha média é uma forma intuitiva que Lacan tem de se referir a uma linha fechada de Jordan, que é por onde se realiza o corte.

Neste seminário, Lacan marca uma ruptura com o ensino anterior.

Tendo sido expulso da Associação Psicanalítica Internacional (IPA, na sigla em inglês) no ano anterior, ele funda sua Escola com a consigna de "preservar a verdade freudiana [...] trabalho que tem um objetivo de formação" (LACAN, 2003/a, p. 235). Este "objetivo de formação" reafirma que seu trabalho se dirige aos analistas, e que suas elaborações tratam do sujeito em análise, um sujeito vivo e não teórico.

Alienação e separação indicam uma ruptura porque até essa época Lacan empregava as categorias de metáfora e metonímia, oriundas do campo da lingüística jakobsoniana, e que constituíam a plataforma em que se assentava o inconsciente estruturado como uma linguagem (LAURENT, 1997, p. 31).

Desde que o sujeito é definido a partir do significante, e que o lugar do significante é no campo do Outro, temos um sujeito dividido pelo significante, porém alienado a este Outro¹²¹. Tão alienado que, ou se perde como sentido, ou se petrifica na identificação a um significante. Esta situação é a situação comum para todo ser falante, e de fato se observa que um sujeito procura um analista somente quando a vida questiona a consistência desta identificação.

Quem se aliena, e como?¹²²

Um sujeito não é uma entelúquia, é um ser vivo que sendo nada é chamado a se constituir como sujeito (LACAN, 1986, p. 211-223). É do lado do ser vivo que se apresenta a pulsão na forma de demanda, e sabemos que a pulsão vem a ser um conceito operativo na análise a partir da transferência, que toma o Sujeito Suposto Saber como pivô.

No capítulo XV deste seminário, "Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise", Lacan já falara da transferência definindo-a "como a colocação em ato da realidade sexual do inconsciente" (LACAN, 1986, p. 155), realidade parcial, uma vez que Freud definiu a pulsão como sendo sempre parcial. Teríamos então um Isso chamado à subjetividade, e um Outro inconsciente, lugar do significante, incapaz de representar esta sexualidade por inteiro. Isso que se agita nele, diz Lacan, fazendo um jogo de palavras entre o Es (Isso)

¹²¹ Sobre as dificuldade de tadução desta palavra ver referencia 99.

¹²² Para o uso singular que dou ao termo alienação ver nota 98

freudiano e o "S" com que denota o sujeito mítico chamado a nascer como sujeito do inconsciente:.

Acontece que a sexualidade se instaura no sujeito pela via da falta, porque a pulsão é parcial; mas do lado do Outro encontramos também a falta, já que a metonímia significativa nos diz que não existe significante que represente por inteiro o sujeito¹²³.

Lacan define a alienação constitutiva do sujeito como a superposição destas duas faltas: a do Isso, representada pela pulsão de morte, e a do significante, no campo do Outro. Apóia-se no losango, que relaciona o sujeito e o objeto na escritura do fantasma (O)¹²⁴, para falar do vel da alienação, utilizando-se das operações lógicas de "união" [ou /ou (u)] e de "interseção" [nem / nem (")] da teoria dos conjuntos. A essas operações, acrescenta um terceiro vel (O), que chama de "vel da escolha forçada".

Um exemplo desta escolha forçada é o sujeito confrontado com alguém que o intima com o "a bolsa ou a vida". Evidentemente que se escolhermos a vida perdemos a bolsa, onde guardamos nosso capital de gozo, nosso tesouro dos significantes que nos permitem viver a vida como vida humana. Se escolhermos então a bolsa, perdemos então a vida e, por conseguinte, também perderíamos a bolsa. A única escolha possível, mas forçada, é escolher a vida e perder a bolsa, tendo a partir daí uma vida falsa, alienada ao significante. Pode-se comprovar que esta escolha é a escolha comum e necessária para todo ser falante, e indica muito bem a ruptura e o desvio que marca o sujeito na sua constituição.

Porém, a escolha forçada a que todo sujeito é submetido, é escolha forçada necessária sem a qual não é possível uma análise. Em fim, a escolha forçada que transforma um paciente em analisante é: "ou a liberdade

¹²³ No grafo apresentado, o campo do Outro, situado do lado direito está dividido entre o Outro do significante e o da demanda. Este Outro aparece sem barrar, sendo que a barra sempre está do lado do sujeito. Acontece que o Outro é completo, nele não falta nada, porém é inconsistente, na medida em que um significante não se significa a si mesmo. Lacan exemplifica isto com o uso da palavra obsoleta que é obsoleta. Evidentemente, a palavra sendo a mesma nos dois casos, como denotação, não o é como uso. É preciso que um significante falte no Outro, mesmo estando nele, para que isto possa ser dito. É o que se escreve como o matema $\tilde{\text{O}}$

¹²⁴ O uso do losango como vel está autorizado desde que o fantasma reúne em um matema o sujeito dividido pelo significante e o objeto a , causa da pulsão e desta divisão. O vel é um conector lógico que significa uma operação que para realizar-se precisa de uma dupla implicação. Desde a lógica se lê como: "se e somente se". No caso da operação de alienação que descreve Lacan significa: O sujeito não é sem o Outro. Por esta razão se diz que o sujeito nasce alienado ao Outro, não tem como sujeito uma existência independente do Outro.

(autonomia) ou a morte”¹²⁵. Sendo que a única escolha possível é a escolha da morte. Escolher a liberdade é escolher a mentira.

Esta estrutura lógica se encarna nos problemas subjetivos. No caso do sujeito, os termos que Lacan põe em jogo são o "sentido e o não senso", usando para evidenciá-los os diagramas de Venn.¹²⁶

O diagrama da alienação estabelece a “união lógica”¹²⁷ entre um conjunto que se denomina “sujeito” e outro conjunto que denomina-se “Outro”.

Como se pode ver, a partir do uso dos diagramas, o sujeito aparece do lado do ser, mas na medida em que se fala dele como ser falante participa do Outro, a partir do que ambos têm em comum. Do lado do ser, o sujeito desaparece apagado pelo significante S_1 . Do lado do Outro encontramos o saber inconsciente articulado como S_1 e S_2 , que representam a cadeia significante situada no Outro. Aqui o sujeito desaparece como deriva significante.

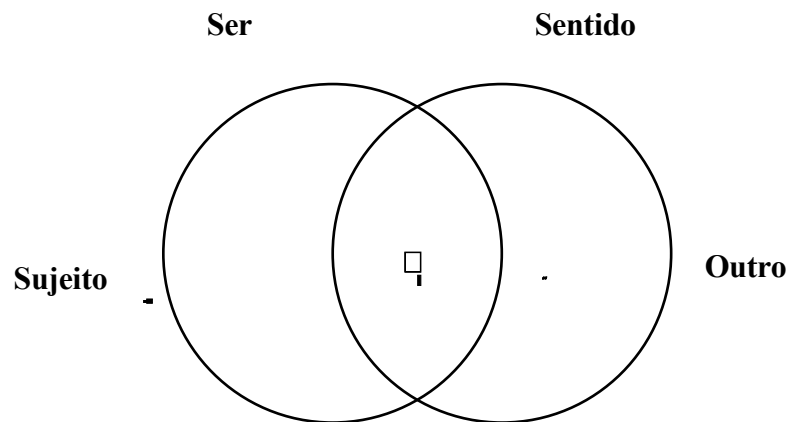
Temos então que ao sujeito resta apenas petrificar-se no não-senso ou perder-se no sentido, como quem diz estar perdido na vida. A propósito, Lacan diz que o surgimento do sujeito no âmbito do sentido produz sua *afanisis*, seu desaparecimento.

¹²⁵ O poeta e escritor Luis Ferdinand Celine, descreve maravilhosamente bem esta escolha no seu livro “Viagem ao fim da noite”: “No fim da noite – diz - é preciso escolher entre a mentira e a morte”. Note-se que a escolha não é entre a verdade e a mentira ou entre a morte e a vida. Quando a morte (ou a castração) é um dos términos, não existe escolha possível, transformando qualquer “escolha”, numa mentira.

¹²⁶ Jacques-Alain Millar retoma esta construção lacaniana e utilizando os diagramas de Venn, dedica a ela grande parte de seu seminário “Os signos do gozo” (1986). Ele parte do livro “Parmênides” de Platão e da “Teologia Platônica” de Proclo e realiza um exaustivo comentário sobre a alienação e a separação, explicitando passagens obscuras do seminário de Lacan e oferecendo uma série de fórmulas mais acuradas, que são as que usaremos aqui. Logicamente, são os diagramas apresentados no final de sua elaboração. Ainda, quero acrescentar que a elaboração que ele faz a partir daqui, e segundo como eu a entendo, leva-o a identificar o S_1 com o a no fim de análise, coisa que não concordo.

¹²⁷ A união lógica esta dada pela conjunção “e”. Observe-se como na frase “Carlos é alguém alto” e “Carlos tem um chapéu”, ao unir estas duas frases temos: “Carlos é alguém alto que usa um chapéu”. Um “Carlos” desapareceu.

Alienação



(Figura 8)

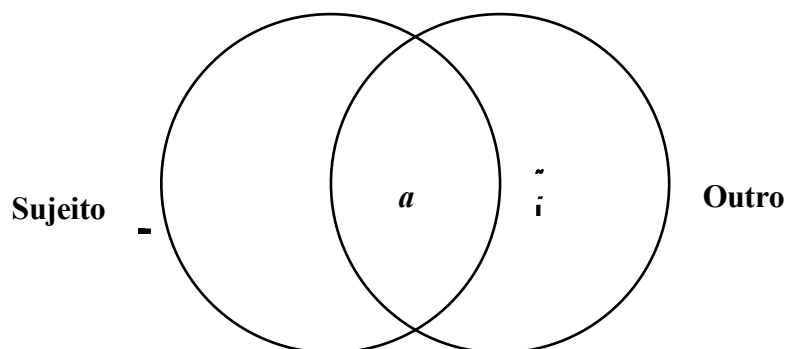
A primeira operação de “*constituição*” do sujeito que trabalha Lacan é a de sujeito alienado, por isso chama a esta operação de alienação. Este sujeito tem sua origem filosófica na dialética do "Senhor e o Escravo" de Hegel, que Lacan trabalhou com seu mestre Kojève e da qual tanto se serviu nos anos anteriores para falar do desejo. É o sujeito do significante que por se constituir no campo do Outro perdeu seu ser e sua unidade. Mas, uma vez constituído o sujeito, a alienação recobre a outra falta, resto da operação que é o objeto *a*, e que pertence tanto ao sujeito como ao Outro. O espaço de intersecção das duas figuras mostra as duas faltas, sendo que pelo lado do significante a resposta à falta será a identificação, e pelo lado do desejo, o fantasma.

Mas Lacan introduz uma operação nova, a "separação", que é o que Freud introduz – com perplexidade – no seu último escrito e que chamou de "divisão do ego" (*Ichspaltung*) (LACAN, 1979/n, p. 378-384).

Esta operação assenta-se no vel da intersecção (nem/nem) e se manifesta como um querer (LACAN, 1979/n, p. 378), *ato* que não deixa de ser a “*produção*” de um *novo sujeito*. Esta "separação [...] termina em *se parere*, gerar-se a si mesmo [...] ao colocar na jogada sua própria falta sob a forma da falta que produziria no Outro por seu desaparecimento" (LACAN, 1979/n, p.

379). Jogo de crianças de fingir-se o morto para descobrir na sua falta o desejo do Outro e com isso colocar a pergunta: Que sou eu aí?

Separação



(Figura 9)

Lacan, assim como Freud, reconhece que por detrás do inconsciente o que está em jogo como causa é a pulsão. Desta forma, depois de nos dizer que o sujeito aparece e desaparece segundo as pulsações do inconsciente (LACAN, 1986, p. 149), pergunta-se onde termina a relação com o Outro. Acontece que se o sujeito realiza-se no Outro, ele só persegue uma metade de si-mesmo (LACAN, 1986, p. 195), e por este caminho a análise se transforma em infinita. É preciso então resolver a transferência, que como dissemos, tem seu suporte no Sujeito Suposto Saber.

Segundo Lacan,

[...] O sujeito só é sujeito por seu assujeitamento ao campo do Outro, o sujeito nasce de seu assujeitamento sincrônico nesse campo do Outro. Para isso o sujeito terá que sair desse Outro, safar-se [*S'em sortir*] do mesmo, e entender que esse Outro real, como ele, também terá que se safar disso, também terá que se virar. [...] uma vez que no Outro está implícita a mesma dificuldade em relação às vias do desejo (LACAN, 1986, p. 195-196).

O tradutor para o espanhol deste seminário acrescenta como nota que "s'en sortir" significa sair de algo, sair-se bem disso, sair-se com seu desejo, o que nos dá a entender que esta saída não se faz de qualquer modo.

Acontece que a separação é algo que pode acontecer numa análise ou não, na medida em que ela depende do sujeito muito mais que do analista. Para isso deve tomar a "decisão" de deixar cair o Sujeito Suposto Saber¹²⁸ que é, por outro lado, quem o sustenta no nível do desejo. Esta decisão, então, não é tomada conforme a vontade, mas é uma decisão inconsciente. A dificuldade consiste em que se trata *da decisão inconsciente de um sujeito de destituir o sujeito do inconsciente*. Decisão esta que vem sendo preparada em análise pela travessia do fantasma, que é a redução das identificações constitutivas até isolar o objeto causa do desejo, do qual o analista se faz suporte.

Pode-se dizer que a escolha de um sujeito se faz no mesmo sentido referido por Freud em a "escolha da neurose". Escolha "forçada" no tempo da alienação, e "assumida" no momento da separação. A assunção subjetiva é assumir como próprio, no *après-coup*¹²⁹, "isso" no que o sujeito se torna e do qual é responsável, na medida em que "o sujeito é sempre responsável por sua posição subjetiva" (LACAN, 1979/d, 343). Pode-se notar aqui a diferença radical que separa a noção de "assumir-se como sujeito" da psicanálise em relação a qualquer outra definição vinda do campo da psicologia.

Contudo, mesmo que façamos referência à experiência de análise, é bom notar que esta separação é dada pelo encontro do sujeito do inconsciente com a falta do Outro, isto é, com seu desejo, condição que torna possível a separação.

A palavra freudiana para esta operação é "castração"¹³⁰, na medida que o que se entende por castração é sempre a castração do Outro, da mãe, e é isso que instaura o enigma do desejo. Frente à questão: que sou eu para o

¹²⁸ Quando aqui se diz "deixar cair" quer se dar a entender que se trata de uma posição que se mantém na medida em que é sustentada por alguém. O que se "deixa cair" é o analista como Sujeito Suposto Saber, que foi erguido a esse lugar pelo engano da transferência, e que já não se sustenta mais. Quando no final de análise o analisante "passa" a analista, "deixa cair", nessa operação este Sujeito Suposto Saber que ele sustentava e por quem era sustentado na transferência.

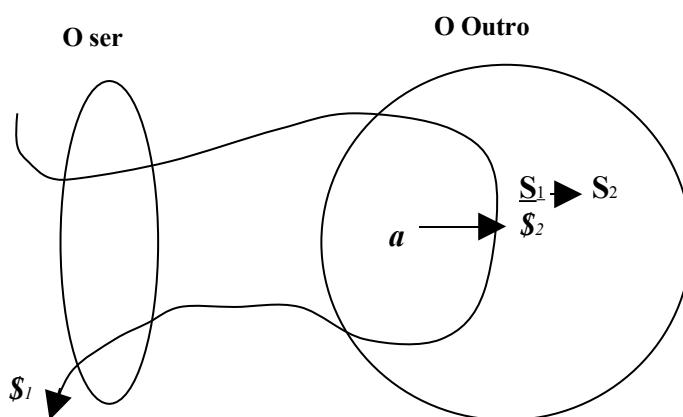
¹²⁹ *Après-coup*, posteriormente, *a posteriori*, em francês.

¹³⁰ Para Freud a castração denota uma perda, a separação simbólica de um objeto, especificamente dos geniais masculinos, que foram erigidos a símbolo fálico.

desejo do Outro? – e a neurose, já o dissemos, é uma questão – o Outro responderá com sua falta, que retorna em forma invertida para o sujeito como -.

A seguir coloco um grafo de minha autoria com o propósito de resumir e esclarecer dúvidas sobre o que foi dito até agora e reafirmar o que quero dizer.

O recobrimento da falta e a responsabilidade do sujeito



(Figura 10)

O que se pretende neste grafo é evidenciar o recobrimento das duas faltas, a do sujeito e a do Outro, denotadas pelo objeto *a*. Este objeto encontra-se na interseção do que pertence ao ser e ao Outro e, portanto, funciona como objeto da pulsão no campo do ser e como objeto causa do desejo no campo do inconsciente.

O primeiro círculo representa a zona erógena, lugar onde uma pura intencionalidade inscreve no retorno à fonte um ato psíquico que está denotado como $\$1$ ¹³¹. Do outro lado, no campo do Outro, encontra-se a articulação significativa inconsciente ($S_1 \rightarrow S_2$), onde o S_1 representa ao $\$2$ para o S_2 .

¹³¹ $\$1$ e $\$2$ não é uma noção de Lacan. Faço uso delas neste momento para poder referir melhor a divisão do sujeito e os lugares em que aparece. O primeiro como efeito do retorno pulsional, (sujeito mítico). O segundo como representado no inconsciente por um significante.

O vetor que parte do objeto a e se dirige ao $\$2$ denota a implicação do objeto em relação ao sujeito e se lê: O objeto a implica, causa o sujeito, na sua divisão.

Na obra de Lacan o sujeito aparece em dois lugares diferentes, denotados como $\$1$ e $\$2$, e com dois sentidos, como o referente de um significante que o representa para outro significante e como efeito de sentido. O sujeito aparece assim, duplamente dividido, e é essa divisão que se pretende sublinhar, grifando com fins heurísticos, o sujeito, como $\$1$ e $\$2$. $\$1$, indica o sujeito que desaparece ao ingressar no universo da palavra. $\$2$, o sujeito efeito de sentido e que por esse motivo nunca fica determinado. Com esta notação pode-se apreender perfeitamente o sujeito como corte. Já foi explicado que este corte o divide entre verdade: $\$1$, e saber: $\$2$.

Acontece que na fonte, não existe sujeito, só o encontramos no retorno da pulsão em direção à fonte. Este circuito que se vale do objeto a ¹³², encontra no Outro ao qual se dirige o tesouro do significante e por esta razão vê-se obrigado a fazer passar a demanda pulsional pelo desfiladeiro do significante. Mas se na fonte não existe sujeito, acontece que $\$2$, como sujeito do inconsciente, tem que responder por esse $\$1$ que não existe. É isso que a psicanálise entende por subjetivação: o sujeito se fazer responsável pela escolha que o determinou como sujeito.

3.9 Sujeito da ciência

O que a análise busca é uma realização onde a indeterminação do sujeito não seja reduzida a uma identificação do mesmo com o Sujeito Suposto Saber, pois, no fim da análise, este deve cair de seu lugar. Lacan faz críticas constantes a IPA, no que tange à doutrina do fim de análise. Esta crítica fundamenta-se no conceito de "liquidação da transferência" e fim de análise como "identificação ao analista"¹³³.

¹³² Se o objeto não fosse faltante, o que aconteceria é que a intencionalidade se consumaria no objeto não havendo então retorno possível. É a diferença entre um objeto pulsional e um objeto instintivo.

¹³³ A IPA, em seu conjunto, tem teorizado o fim de análise como uma liquidação da transferência. Como é um fenômeno clínico que o paciente substitui a neurose que o traz à análise por uma

Este momento da queda do Sujeito Suposto Saber só é possível com a entrada de um terceiro elemento – a realidade da diferença sexual – sendo que a verdade da diferença sexual é o que, justamente, retorna ao sintoma, como se viu no exemplo de Elizabeth von R.. Esta verdade, conceituada "como a colocação em ato da realidade sexual do inconsciente" (LACAN, 1986, p. 142) e constitui o âmago da transferência.

Por outro lado, há também um cruzamento da verdade com o Sujeito Suposto Saber a partir de Descartes. A verdade é aquilo que o *cogito* cartesiano não considera, deixando a verdade nas mãos de Deus, que nunca se engana. Todavia, essa verdade é relevante porque a certeza não é suficiente e é preciso também que esta certeza seja real. Com isto, Descartes dá um passo a mais que Platão. Não é suficiente a certeza do sujeito, é preciso saber que este também existe e que é responsável frente a sua própria verdade.

A importância que Lacan dá ao cogito cartesiano é muito conhecida. Ele atribui a Descartes, e para isto acompanhou os estudos sobre a história da ciência que realiza Koyré, o papel de fundador da ciência moderna. Deve-se a isto a retomada constante que Lacan faz do "*cogito*" cartesiano (o saber) que lhe permite afirmar que,

O sujeito sobre o qual operamos em psicanálise é o sujeito da ciência" (LACAN, 1979/d, p. 343). "Da ciência, na medida em que elide, descarta e secciona um campo determinado na dialética de alienação do sujeito, por estar situada [a ciência], no ponto preciso que defini como sendo o lugar da separação [da verdade] (LACAN, 1986, p. 273).

Se Lacan fala de sujeito da ciência é justamente porque a ciência opera no lugar do *vel* da separação (nem saber, nem verdade) na produção de um sujeito. O objeto da pulsão, que Lacan situou nesse ponto de interseção, passará a ter valor de causa real na determinação do sujeito.

Lacan, a partir da dúvida, estabelece uma aproximação do inconsciente de Freud (pensamentos) com o sujeito de Descartes (cogito).

neurose chamada de transferência, a direção de cura só pode ser tratar de resolver esta última. Entretanto sua resolução tem por consequência a identificação do paciente ao significante que representa ao analista. Isto é um engodo, já que no inconsciente não existe significante do analista. O Sujeito Suposto Saber é a estratégia neurótica de desconhecer esta realidade.

Freud, a propósito do esquecimento no sonho, parte da dúvida para alcançar a certeza. Tudo o que aparece como incoerência, incerteza, dúvida, no conteúdo manifesto do sonho é sinal da certeza de um outro pensamento ausente, inconsciente. Com isto, Freud repete o passo de Descartes: se duvido, então penso, e isso lhe permite afirmar a existência de pensamentos inconscientes. No caso de Descartes, a certeza é alcançada após ter levado a dúvida à sua condição extrema (dúvida hiperbólica) que faz surgir um sujeito puro na sua certeza de sujeito pensante.

Contudo, Descartes está diante de um problema: "Eu sou, eu existo: é manifesto. Mas, por quanto tempo? Sem dúvida, porque penso, existo, mas ainda poderia acontecer, que se deixasse de pensar, que também deixasse de existir em absoluto" (DESCARTES, 1996, p. 269). Mas ele acredita que a mente sempre está pensando, na confiança que tem na realidade da alma como substância (DESCARTES, 1996, p. 385-395). O problema é que a substância é intuída pelo intelecto a partir dos sentidos, e estes foram desqualificados pelo seu "método". É necessário recorrer a uma substância externa, Deus. Este Deus é "uma substância infinita, independente, que sabe e pode" (DESCARTES, 1996, p. 288). Se Deus criou o homem com sua razão e com suas idéias inatas, isto quer dizer que esta razão e estas idéias são instrumentos válidos para o conhecimento. E na medida em que a idéia de Deus se apresenta de forma clara e distinta só se pode concluir que "Deus existe" (DESCARTES, 1996, p. 295). Mas idéias claras e distintas "não podem receber seu ser do nada, mas tem, necessariamente, Deus como autor. Deus, repito, aquele ser perfeito em grau superior, a quem repugna ser falaz; e, por tanto, é verdadeira [a idéia]" (DESCARTES, 1996, p. 307)

Deus, então, o ser, é a garantia externa, não das coisas pensadas, mas sim que o "Eu penso" é verdadeiro. É Descartes que introduz a separação entre verdade e certeza. A certeza se instaura no plano do pensamento e seu limite é a impossibilidade do sujeito de encontrar no saber a verdade de seu ser. Porém, a diferença entre Freud e Descartes encontra-se, justamente, nessa divisão entre ser e pensar, pois para Freud o saber não é razão de certeza. Nenhum acúmulo do saber vai suturar a certeza. Se em Descartes, pelo saber, adquirimos a certeza do ser (penso, logo existo), em Freud não vai haver certeza no pensar, mas sim, no ser. Há pensamentos que não são

conhecidos, e esta é a definição de inconsciente. Lacan afirma que é justamente aí no inconsciente, que o sujeito encontra-se em casa, porque mesmo o sujeito sem saber o que “Isso” quer dizer, sabe que “Isso” fala dele.

Por outro viés, Descartes também é importante para a ciência já que seu “método” de produzir saber passará a ser o “método científico”. Este método que propõe para orientar seu pensamento é aceitar como verdadeiras apenas as coisas que apreendemos de forma clara e distinta, ou seja, reduzir o problema a suas partes constitutivas. Ir dos problemas simples aos complexos e, por último, fazer revisões tão gerais que possamos acreditar não esquecer nada (DESCARTES, 1996, p. 78-79). A origem do método se encontra, segundo Descartes, na lógica, na análise geométrica e na álgebra. É um método que visa a conhecer o real pelo simbólico e é o método que inaugura a Ciência na sua época.

Neste método, a verdade de uma idéia não corresponde a sua adequação à coisa como para os escolásticos, mas sim, as coisas são idéias às quais supomos corresponder uma verdade. "É na rejeição da verdade para fora da dialética do sujeito e do saber que reside o nervo da fecundidade do procedimento cartesiano" (LACAN, 1965, s.p.). O que faz com que a ciência institua um saber sem se preocupar com seus fundamentos de verdade. Esta não fará parte da ciência e só retorna nas crises do cientista que, em algum momento, se questiona quanto à sua participação nisso que produz como ciência¹³⁴. O que Lacan vai chamar de sujeito da ciência, é o sujeito dividido entre saber e verdade. Saber do inconsciente e verdade que retorna ao real do sintoma.

Mas este real do sintoma não é o real da ciência. Se a ciência visa ao real é com a idéia de reduzi-lo a um saber e a partir daí dominá-lo, fazer algo com ele. Se o real aparece para a ciência como um impasse, como um resíduo impossível de ser subsumido na razão, é porque o real da ciência é construído a partir do simbólico, por exemplo, a certeza de que é impossível existir um triângulo de quatro lados, porque isso vai contra a lógica do pensamento. Mas na clínica, esse raciocínio não se aplica, pois o fato de ser impossível de se pensar, "... não impede de existir". Todavia, o saber da

¹³⁴ É por todos conhecida a crise subjetiva de Openheimer – pai da bomba atômica – depois de ver a direção a que aponta o saber da ciência sem o lastro da verdade.

psicanálise encontra um real impossível de ser reduzido e que Freud situa no trauma. O trauma é um Real que é impossível de transformar em saber, pois este ponto de impasse refere-se justamente à verdade que a ciência desconsidera, pois para a psicanálise, nem tudo que é real, é necessariamente racional. Em outras palavras, se o sujeito de que trata a psicanálise é o sujeito da ciência, então o sujeito da psicanálise é o sujeito que a ciência *exclui*.

O sujeito da ciência é aquele que fica dividido entre saber e verdade. Não o encontramos nem no saber que o representa, mas não o significa, nem na verdade que não lhe confere nenhuma substância (nem *res cogitans*, nem *res extensa*).

Agora, tomando como referência o que já foi citado anteriormente, quando se falou do sujeito como corte, situar-se-á, neste momento, o sujeito como uma função entre verdade e saber, entre pulsão e inconsciente. A razão desta divisão é que o sintoma¹³⁵ é uma verdade, cujo saber é um enigma e, em última análise, uma questão para o sujeito.

Desde que defini o sujeito como uma função de corte que, por um lado, separa, mas por outro, também articula o campo da pulsão com o campo do inconsciente, faz-se presente o problema sobre como entender esta função. Principalmente, porque dei a entender, muitas vezes, que o sujeito é o corte que separa verdade e saber, mas também que são a verdade e o saber que dividem o sujeito.

Em termos gerais, são duas as idéias que tenho a respeito de função. A primeira é de origem matemática, e mostra que dois conjuntos podem estar relacionados entre si, mediante uma função que faz com que os acontecimentos no conjunto B dependam do que acontecer no conjunto A, estando, portanto, em função deste. Por exemplo, a quantidade de quilômetros percorridos por um veículo depende da velocidade empregada, ou seja, está em função da velocidade. O que acontece no conjunto dos quilômetros depende das variáveis que ocorrem no conjunto velocidade.

A segunda idéia é sobre o fato de a função poder ser um papel, um trabalho a ser desempenhado por uma entidade. Por exemplo, a função do

¹³⁵ O sintoma para a psicanálise é um fenômeno subjetivo que não exprime uma doença, mas um conflito inconsciente. O sintoma é o monumento à divisão do sujeito entre um desejo inconsciente que busca realizar-se e um julgamento condenatório. Representa as duas verdades do conflito. Lacan define-o como o efeito do simbólico no real.

aparelho digestivo é a de processar alimentos. Evidentemente, os dois usos citados da palavra função relacionam-se entre si.

Estas definições de função serão úteis, pois Lacan formula duas definições de sujeito pensado como função, que mesmo não sendo contraditórias, na sua divergência introduzem um aparente paradoxo. Em primeiro lugar a definição canônica e amplamente utilizada é a de que "o sujeito é um efeito da linguagem" (LACAN, 1979/i, p. 371). A divisão do sujeito é resultado do fato de ele estar representado por um significante para outro significante. Portanto, aqui, o sujeito é um efeito do significante, efeito da cadeia significante do inconsciente. O sujeito é, pois, uma função da linguagem e, portanto, do inconsciente.

A outra definição de sujeito, que se encontra no artigo "Posição do inconsciente" de 1964, é que "O inconsciente é um conceito forjado na trilha do que opera para constituir um sujeito" (LACAN, 1979/n, p. 366). Aqui o acento recai sobre o inconsciente em função do sujeito. Essas duas definições são, aparentemente, contraditórias porque se a primeira mostra o sujeito como um efeito do inconsciente, a segunda mostra o inconsciente como função do sujeito.

Na realidade, esta nova forma de encarar a questão do sujeito, não contradiz a primeira, mas radicaliza e subverte a noção de sujeito como assujeitado, tal como é entendida pela filosofia e pela psicologia. Assim, se o sujeito é uma função entre o inconsciente e o "Isso", Cabas afirma:

[...] que não é porque existe o inconsciente que há um sujeito. Não é porque *o inconsciente* opera (qual um soberano –?–) que daí decorre a constituição de *um sujeito* (qual um súdito –?–). Mas... é porque há um sujeito – e é porque este sujeito é uma verdadeira questão – que Freud precisou formular a hipótese do inconsciente. (CABAS, 2006)

Então, tem-se um sujeito que é efeito da linguagem, onde o significante será a sua causa material e efetiva:

O efeito da linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o

cinde. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. (LACAN, 1979/n, p. 371).

Mas eu não disse também que a pulsão que se agita no “Isso” – a casa do sujeito – é a causa do inconsciente? E que a inscrição da pulsão no inconsciente é um destino da mesma? Não é este destino que Freud chamou de recalque originário? O sujeito não foi aqui definido, tal como se apresenta na clínica, como sendo a realização do desejo inconsciente?

Então, o objetivo da análise é que o paciente reconheça esta causa pulsional que se agita nele e, em seguida, subjetive-a, ou seja, que a assuma como própria.

Destarte, pode-se concluir que, se na clínica, o sujeito se manifesta como *causa* de um discurso, aparece na anterioridade lógica da estrutura como *efeito* do mesmo¹³⁶. Isto traz uma nova luz sobre o equívoco a respeito do Sujeito Suposto Saber, onde a correlação de um saber anterior ao ato se exterioriza na suposição de uma causa antecedente a um efeito.

Chega-se aqui ao seminário XII, "Problemas cruciais da psicanálise" depois de ter reduzido o sujeito a ser uma função de corte entre saber e verdade. Função que mostra o sujeito como um efeito do real da pulsão, e que utiliza a máquina do inconsciente como instrumento para significá-la, onde o inconsciente fica representado por um significante para outro significante. Com este seminário, Lacan introduz um novo ciclo de questionamento, onde afirma no informe realizado para o anuário da *École Pratique des Hautes Études* o seguinte: "O problema posto no centro está contido nestes termos: o ser do sujeito – ao que nos levou o ponto extremo de nossas referências anteriores." (LACAN, 2003). Depois de ter definido o sujeito como um nada, como corte, como função ou como um ponto, suas referências anteriores colocam-lhe como questão qual é o ser, a substância do sujeito. Não se elaborará aqui sua resposta, embora se saiba que no transcurso de seus seminários subseqüentes, Lacan, passa a se referir ao sujeito como fala-ser e

¹³⁶ Deixo aqui meus agradecimentos ao Dr. Sergio Scotti, que no momento da apresentação do projeto de dissertação soube destacar este paradoxo e me interrogar sobre o mesmo. Nesse momento eu tinha afirmado que o sujeito é efeito e causa do significante. Está aqui explicitado o que naquele momento só era uma certeza intuitiva.

a definir esta substância como substância de gozo e, por conseguinte, o ser do sujeito como ser de gozo.

4 FIM DE ANÁLISE

4.1 Um novo sujeito?

O campo freudiano nasce da ciência, e esse surgimento só foi possível depois da emergência do sujeito, o que ocorre depois do passo inaugural dado por Descartes (LACAN, 1986, p. 53).

O fato de a psicanálise haver nascido da ciência é patente. Que pudesse ter surgido de outro campo é inconcebível. Que a pretensão de ela não ter outro suporte ainda seja o que é reputado como evidente, ali onde ela se distingue por ser freudiana, e que efetivamente não deixe nenhuma transição com o esoterismo pelo qual se estruturam práticas aparentemente vizinhas, não é um acaso, mas uma consequência. (LACAN, 1979/o, p. 53).

Por outro lado, a psicanálise opera sobre o sujeito da ciência, sujeito formalizado por Descartes no ser "Discurso do método". Foi o surgimento do sujeito que proporcionou o desenvolvimento da psicanálise. Lacan, em 1964, escreve:

Não digo que Freud introduz o sujeito no mundo – o sujeito como distinto da função psíquica, a qual é um mito, uma nebulosa confusão – pois é Descartes quem o faz. Mas direi que Freud se dirige ao sujeito para lhe dizer o seguinte, que é novo – Aqui, no campo do sonho estás em casa. *Wo es war, soll Ich werden* (LACAN, 1986, p. 52)

Tem-se, então, uma cronologia clara, em que surge o sujeito, sujeito do conhecimento, extensamente fundamentado por Descartes, e que dá origem à ciência moderna, e esta ciência fundamenta um campo que possibilita o nascimento da psicanálise. A "ciência do inconsciente" toma como objeto de seu campo de trabalho o sujeito, o mesmo sujeito que não havia sido considerado pela ciência, quando esta definiu seu campo de trabalho.

No transcorrer desta dissertação, fica evidente que o sujeito – o que a psicanálise entende por sujeito – surge da própria experiência da análise. Quando chamamos alguém, que busca um profissional, de sujeito, isto acontece por uma anterioridade lógica que o sintoma – sendo este que representa um sujeito – permite supor. Aqui, pode-se questionar se o inconsciente existia antes de Freud. De fato, os homens sonhavam, riam,

padeciam, e isso supõe a existência do inconsciente, mas..., talvez fosse porque os deuses assim o queriam.

A psicanálise trata de um sujeito, ou um sujeito é construído no transcurso dela? A prática psicanalítica se dirige a um sujeito ou ele surge dela? Considerando-se que se chama de sujeito a partir da hipótese do inconsciente, então, será que só se pode referir a ele como sendo aquele que passou por uma experiência de análise até o fim?

Será que no momento de fim de análise, este paciente que, agora, se reconhece como sujeito, já era um sujeito e não o sabia, ou este sujeito apareceu, pela primeira vez, no transcurso da análise?

De forma mais radical, admitindo-se que o fim de análise é a condição do analista, seria aí também o ato de nascimento do analista como um novo sujeito?

Freud inventa a psicanálise como um método para dar lugar a uma questão recorrente nas queixas dos neuróticos, desde que eles tinham sido deixados fora do saber científico de sua época. Com isto não se quer dizer que os médicos não inventassem métodos de tratamento mais ou menos eficazes para o sofrimento dos mesmos. Porém, é patente que o faziam a partir de um saber científico. É próprio de o neurótico questionar este saber, mesmo porque o sintoma já é um questionamento do “saber oficial do Eu”. A histérica, então, é considerada como mitômana, ou mentirosa, pois a queixa de seu padecimento contradiz o saber dos livros de fisiologia anatômica. A partir da escuta das “mentiras” das histéricas, e reconhecer nelas um saber, surge a hipótese do inconsciente. Hipótese que nada mais é que a suposição de que os fenômenos que se apresentam têm um sentido e respondem a um sujeito, mesmo sem este o saber. A hipótese do inconsciente é, então, a suposição de um sujeito, capaz de responder pelo sem-sentido.

A psicanálise parte de uma suposição de um sujeito e, ao mesmo tempo, introduz-se um analista como intérprete do inconsciente.

Para abordar esta questão, faz-se necessário tomar como direção de pesquisa a análise do processo analítico e, em especial, o fim da análise como advento do analista.

4.2 O processo

Quando Lacan fala da alienação, situa-a como a operação fundadora da constituição de um sujeito. Por esta operação um sujeito se precipita na matriz simbólica da linguagem e tem por desfecho a sua identificação a um significante que o representa como Eu, e que lhe serve como identidade social; por exemplo, bombeiro, professor, homem, brasileiro, doente etc. É a esta identificação, que seguindo Colette Soler (2002, p. 11), dá-se o nome de "instituição do sujeito" ou sujeito instituído.

A instituição mais comum de um sujeito é a sua instituição política, aquela que o toma por cidadão pleno de direitos e deveres. A Declaração dos Direitos do Homem é a Carta Magna que declara que os homens são sujeitos de direito, e entre estes direitos estão o da vida e o da felicidade. Evidentemente, isto pouco tem a ver com a noção de sujeito de psicanálise sobre o qual se vem trabalhando. Para a psicanálise, o único direito que o homem tem é a sua própria morte, promessa selada no ato do nascimento. Todos os outros direitos não são dele, mas vêm do Outro e, por isso, a partir do momento em que o homem se queixa, reclama e exige seus direitos, por exemplo, de ser feliz, ou de ter saúde, ele está mostrando seu ponto de alienação. O sujeito demanda que o Outro lhe dê aquilo que ele, sujeito, entende lhe pertencer, mas ao fazer essa demanda, demonstra que não lhe pertence.

A queixa¹³⁷ e a demanda são as formas através das quais os sujeitos chegam a uma psicanálise. Não é raro que esta instituição do sujeito, a que se chama de Eu, espere do analista um fornecedor de serviços. *Você tem o que me falta*, diz o paciente. *Eu tenho dinheiro e estou disposto a comprar isso, mas você tem que me garantir que o que peço é o que eu quero*. Aqui é o sujeito cartesiano com sua suposição de saber, que coloca no Outro a responsabilidade do trabalho de saber e o de resolver o problema do sujeito e que, definitivamente, garanta a unidade do Eu.

Este sujeito identificado como um Eu exige ser levado em conta como Eu (SOLER, 2002, p. 12). Um Eu que não vacila em dizer: "Eu sou x" ou "Eu sou y" e é função do significante ao qual se identifica, e que lhe confere o

¹³⁷ A queixa é uma demanda enviesada, enrustida. Sua característica é ser sempre transitiva.

título imaginário de indivíduo. Um Eu que diz "sou" é um indivíduo¹³⁸ que diz *cogito, ergo sum*. Um sujeito que desconhece a divisão que o fato de falar coloca, porque desde o momento que fala, ele não é sem o Outro.

A primeira operação da análise será então a de que o analisante possa reconhecer sua posição de sujeito, perguntando-se quem ele é na sua fala. Isso será possível na medida em que sua ida ao consultório se faz em nome do sofrimento representado por seu sintoma. Sintoma¹³⁹ que ele ainda não reconhece como evidente, e muito menos no sentido que podemos pensar o sintoma em análise.

Este sintoma aparece como uma incógnita. Para o sujeito, seu enunciado não é um mistério, mas sua enunciação o é. O que o sujeito pode dizer dele é "não sei o que se passa comigo", "por que justamente eu?" demonstrando que ele é representado pelo sintoma como se fosse uma incógnita. O sintoma, como significante, representa o "eu não sei".

Não reconhecemos este "eu não sei" como a marca do inconsciente?

De fato, este "eu não sei" fala do sujeito do inconsciente, e por si só, já representa uma primeira destituição do Eu, que sempre aparece como "eu sei", "eu sou". É a psicanálise que interpreta o sujeito do inconsciente como estando "egoificado"¹⁴⁰ no "Eu sou", sendo este o resultado que a sutura do discurso impõe ao sujeito (SOLER, 2002, p. 14).

É o analista que supõe um sujeito que deverá ser, ou não, confirmado. De fato, uma análise só é possível a partir do sujeito do inconsciente, e não se pode assegurar antecipadamente sua existência. A esse "eu não sei" a resposta do analista é "*mas pode chegar, a saber,*" resposta que indica que é possível um saber atribuído ao inconsciente. Em outras palavras, esse "eu não sei" supõe o sujeito do inconsciente para o analista.

¹³⁸ Sobre o sentido que tem a palavra indivíduo, referir-se à nota 72.

¹³⁹ Um sintoma analítico não se resume ao sofrimento ou inibições de que se queixa o paciente. Freud adverte muito cedo, que os pacientes não desejam ser curados de seus sintomas porque estes os protegem dos conflitos recalçados. Só vão ao analista quando algum acontecimento faz balançar a fantasia inconsciente que sustentava estes sintomas. Neste momento o sintoma toma valor de incógnita para o sujeito. Por que me acontece isto? – se pergunta – Por que a mim? Um sintoma é analítico quando este valor de questão é reconhecido pelo sujeito. Este reconhecimento se verifica na clínica pelo trabalho da associação livre.

¹⁴⁰ Talvez esta palavra possa substituir em português a alienado, embora não subsuma todas suas significações.

Tem-se, então, que a significação do sintoma representa uma incógnita para quem nos consulta e que a análise pretende que essa incógnita se transforme numa verdadeira questão para o sujeito. Se isto acontece, e quando acontece, esse sintoma que passou da queixa à questão representará o sujeito para o analista.

Lacan acrescenta ainda que para passar das entrevistas iniciais a uma análise formal é preciso que esta demanda tenha que ser verdadeira: “Demanda verdadeira de se desfazer de um sintoma” (LACAN, 1988, p. 119-120). Não basta que um sujeito sofra e que queira se livrar desse sofrimento para se poder dar início a uma análise, ele tem ainda que demandá-la *sponte sua* e de boa forma.

Uma demanda não é um desejo, é um apelo premente que o sujeito dirige a outro com o fim de conseguir algo que satisfaça sua necessidade e, com isso, ponha fim à própria demanda. Não é possível fazer calar uma demanda para sempre, pela razão de que não existe objeto que a satisfaça. Recorde-se que não é possível suturar a pulsão o que determina a insistência da demanda no âmbito da palavra. Quando Lacan fala de demanda verdadeira, ele se refere ao fato de que esta não seja transitiva: coloque sua queixa para o Outro, mas que não se queixe do Outro.

[...] na análise, quem trabalha é a pessoa que chega verdadeiramente a dar forma a uma demanda de análise. A condição de que vocês não a tenham colocado de imediato no divã, neste caso a coisa já está prejudicada. É indispensável que antes de deitar esta pessoa, sua demanda tenha sido formalizada. Quando vocês lhe dizem que comece [...] esta pessoa que fez esta demanda de análise, quando começa o trabalho, é ela quem trabalha [...] (LACAN, 1988, p. 119)

Uma demanda verdadeira pressupõe o desejo de se trabalhar na busca da resposta para sua questão, e não na exigência de que outro trabalhe por você. Isto requer, necessariamente, uma responsabilidade subjetiva por aquilo que faz adoecer. Instaura-se, portanto, o sujeito do inconsciente. Porém, aquele que vai a um consultório levado por seu sofrimento, não vai, em princípio, para demandar uma análise. Transformar essa queixa do paciente em demanda de análise é, justamente, a tarefa do analista. Este é o primeiro

passo da operação de uma análise, operação que chamamos "retificação subjetiva" e que posiciona o sujeito no seu discurso.

Como se faz isto?

Suspendendo a demanda, diz Lacan, acolhendo-a, mas sem responder a ela e, com isto, abre-se o campo da associação livre.

Naquilo que ouço, sem dúvida, nada tenho a replicar, se nada compreendo disso ou se, ao compreender algo, tenho certeza de estar enganado. Isso não me impediria de responder. É o que se faz fora da análise em casos similares. Eu me calo. Todos concordam em que frustro ao falante, e ele em primeiríssimo lugar, assim como eu. Por quê? Se o frustro, é que ele me demanda alguma coisa. Que eu lhe responda, justamente. Mas ele sabe muito bem que isso seriam apenas palavras. Tais como as recebe de quem quiser. Ele nem tem certeza que me seria grato pelas boas palavras, muito menos pelas ruins. Essas palavras não são o que ele me pede. Ele me pede... pelo fato de que fala: sua demanda é intransitiva, não implica nenhum objeto. É claro que sua demanda se manifesta no campo de uma demanda implícita, aquela pela qual ele está ali: de ser curado, de ser revelado a si mesmo, de ser levado a conhecer a psicanálise, de ser habilitado como analista. Mas esta demanda, ele sabe, pode esperar. Sua demanda atual nada tem a ver com isso, nem sequer é dele, pois, afinal, fui eu que lhe fiz a oferta de falar. *(Somente o sujeito é transitivo aqui)* (LACAN, 1979/f, p. 248)¹⁴¹

O campo que se abre aqui é o do saber, onde o sujeito produzirá na associação livre os significantes que marcaram sua história. Significantes de triunfo e derrota que se inscrevem no sintoma e retornam como discurso. Ele tem uma verdade: seu mal-estar, e o que busca é livrar-se dele, mas quando se dirige ao Outro, o campo que se abre é o do saber. Saber o que fazer com seu sintoma, diz Lacan, como fórmula do que poderia se esperar de um fim de análise.

Para desenvolver este saber, o método da psicanálise consiste no oferecimento da palavra que se conhece como regra da associação livre. Mas um sujeito não associa livremente de início, é necessário que o mal-estar se transforme num sintoma analisável, isto é, que se transforme numa questão para o sujeito. O analista, ao deixar em suspenso a satisfação da demanda,

¹⁴¹ O sublinhado entre parênteses é de Lacan

permite que o mal-estar se situe numa história e possa transformar-se em questão. O analista – por ser a análise uma experiência dialética, tem uma tarefa: responsabilizar o sujeito na sua queixa, condição do trabalho em análise e que, já se afirmou aqui, se conhece como retificação subjetiva (LACAN, 1979/ f, p. 230).

Fazer uma associação livre é mais difícil do que se pensa, pois não consiste simplesmente em dizer qualquer coisa, mas sim, desenvolver a rede de significantes inconscientes que determinaram a questão do sujeito. Na verdade, a associação livre, não é livre, ela é determinada, e vai da pretensa liberdade e autonomia do sujeito à sua determinação. Freud confessa que a mudança da hipnose – em que o sujeito comunicava diretamente a cena reprimida – para a associação livre foi possibilitada por sua sólida confiança na existência de um rígido determinismo na vida anímica.

A regra fundamental, então, consiste em fazer com que o paciente faça a associação livre. O analista o estimula a que se coloque na situação de um atento e desapassionado observador de si mesmo, e que se obrigue a uma sinceridade total e não deixe de comunicar nenhuma ocorrência, apesar das quatro objeções críticas que a consciência coloca, quais sejam: a) que a ocorrência seja desagradável; b) que a julgue disparatada; c) que a considere insignificante, e c) que pense que não vem ao caso (FREUD, 1973/i, p. 1669).

Conclui-se, assim, que as associações produzidas sempre são deformadas pela auto-censura, mas que são de valia para que se chegue ao esquecido. Em contrapartida, a experiência mostra, segundo Freud, que a atitude mais adequada do médico é aquela onde ele próprio se entrega a uma atenção flutuante, onde toda e qualquer ocorrência tem o mesmo valor. Se toda ocorrência tem o mesmo valor é porque considera a palavra como significante, e não como signo. Ela não carrega, em si, uma significação em especial. Com isto, evita-se a reflexão e a formação de expectativas coincidentes.

Nem sempre se podem obter associações do sujeito, porém, sempre é possível encontrar, ao menos em teoria, uma associação se de antemão renuncia-se a toda exigência em relação a sua índole. O que Freud conclui é que a associação livre se detém quando encontra uma resistência. Lacan, comenta esta interrupção e diz: "O momento em que o sujeito se detém... é o momento mais significativo de sua aproximação à verdade" (LACAN, 1981, p.

88). Nesse momento, a transferência surge do âmago do movimento da resistência.

Essa cristalização da resistência exprime que:

o discurso do sujeito na medida em que não alcança essa palavra plena na que deveria se revelar seu fundamento inconsciente, se dirige ao analista [onde] encontra seu suporte nessa forma alienada do ser que chamamos ego (LACAN, 1981, p. 88).

Diante disto, a ferramenta do analista é a interpretação.

Dos muitos tipos de intervenção de que o analista dispõe, a interpretação é a intervenção específica e privilegiada. Usa-se a interpretação para reintegrar à consciência aqueles elementos que faltam nela por estarem recalçados, esta inclusão resgata o sentido perdido no discurso.

No caso do hipnotismo, o que se vê é aquele material recalçado que devolve o sentido, mas este método é abandonado pelo fato de que o resgate desse material recalçado não significa sua reconquista. Com efeito, o sujeito o reconhece, mas não o faz seu, integra-o à sua consciência, mas não ao seu ser.

Por outro lado, na associação livre não aparece diretamente o material recalçado, mas aparecem os elementos que estão mais ou menos próximos e que aludem ao recalçado. Como, então, se orientar nessa massa de associações? Por meio da repetição. Esta tem sua origem na insistência pulsional desses mesmos pontos de impasse em que a verdade não consegue se realizar como palavra.

Interpretar significa encontrar uma significação, esta é a forma como a psicanálise entende a interpretação, que é diferente de entendê-la como uma busca de sentido. Interpreta-se para que surja a palavra naquilo que ainda não pôde ser dito. A repetição é o real da pulsão que resiste à simbolização, já que a pulsão não é inteiramente compatível com o significante.

Se a interpretação é eficaz, é porque está composta do mesmo material que o inconsciente e realiza a mesma operação do recalque. Este nada mais é que um juízo condenatório que recai sobre um representante pulsional impedindo seu acesso à palavra e eliminando-o, portanto, da

consciência. A interpretação também é um juízo sobre as associações, que indica a existência do recalcado. Sendo o recalque um juízo atributivo, vê-se na interpretação um juízo de existência (FREUD, 1973/k, p. 2883-2886). Ela diz que existe aquilo que é considerado desagradável pela consciência e o coloca à observação do sujeito. Há um teste de validação da interpretação que Freud usa e que, talvez, explique o mecanismo da interpretação. Freud diz que não se aceita uma interpretação como verdadeira ou falsa só pelo consentimento ou negação do paciente, mas sim, pelo efeito produzido por ela. Este efeito é a supressão da resistência de transferência, efeito que se manifesta na produção de uma nova cadeia associativa.

A interpretação é a produção da metáfora¹⁴² do sujeito, já que é a introdução no discurso do paciente de um novo significante que estabelece a continuidade da cadeia associativa e que permite sua substituição noutra cadeia associativa. A resistência é a forma pela qual a censura se objetiva, ou seja, quando aparece o sujeito. Contudo, Freud adverte que se isto elimina as resistências, produzindo uma abertura do inconsciente que se evidencia na retomada da associação livre, isto não é suficiente, pois "quanto mais o inconsciente é interpretado, mais ele se confirma como inconsciente." (SOLER, 2002, p. 16).

Todavia, não é o analista que interpreta, mas, sim, o inconsciente. (LACAN, 1959, s.p.). A tarefa do analista é fazer com que o paciente trabalhe para produzir e elaborar o que a interpretação traz à tona a partir dos vestígios deixados pelo recalcado.

A tarefa do analista é o trabalho de reconstrução. Freud (1973/b, p. 3366), faz uma analogia do trabalho do analista com o do arqueólogo que busca reconstruir algo perdido, no passado, a partir de fragmentos encontrados agora. Vê-se, aqui, uma sensível mudança na teoria de Freud. Não se trata de fazer emergir algo traumático que foi esquecido, mas sim, de construir algo que nunca existiu como palavra. Trata-se do encontro sempre impossível com a sexualidade.¹⁴³

¹⁴² Entende-se por metáfora do sujeito o efeito de sentido que se produz pela introdução de um significante na cadeia discursiva. A definição lacaniana de metáfora é a de substituição de um significante por outro significante. (LACAN, 1979/g, p. 200)

¹⁴³ Às vezes, fala-se em se lembrar de algo que foi esquecido e que, portanto, podemos pensar que já existia. Outras vezes, fala-se em produzir algo que não existia e que logo se torna consciente. Como orientar-se aqui? A fórmula de Freud *Wo Es war soll Ich werden* diz que aquilo

A diferença entre construção e interpretação é que esta trabalha com um elemento simples como um *lapsus linguae*, um sonho, etc. Se a associação livre resgata os restos “perdidos”, e se a interpretação lhes dá seu justo sentido, a construção os organiza na história do sujeito. Cabe ao sujeito esta assunção e a responsabilidade pela mesma.

Para os que leram Darwin, será fácil comparar a construção psicanalítica com o trabalho teórico da biologia evolutiva no seu intento de reconstrução das circunstâncias originais perdidas. A biologia, apesar de carecer de provas empíricas para isto, conta com uma coerência tal que cria as provas aí onde faltam, sem forçar por isso a lógica da construção. (MAYR, 2005, p. 8-23)

Todavia, Freud se pergunta como se pode certificar-se de que essas construções sejam verdadeiras. O importante é sempre o sujeito e, se por ventura as construções estiverem erradas, elas não produzem absolutamente nada. As construções do analista só serão efetivas se tocam a verdade do sujeito.

Popper, (1982, p. 141-146) em "Conjeturas e Refutações", aborda três formas de conceber uma teoria com relação à verdade, são elas: a essencialista, a instrumentalista e a das conjeturas genuínas. Afirma ainda que um cientista nunca sabe, com certeza, se suas proposições são verdadeiras, embora possa estabelecer com razoável segurança que uma das teorias é falsa. Assim, suposições (ou construções) informativas acerca do mundo, embora não sejam passíveis de verificação, podem ser submetidas a severos testes críticos. Elas são tentativas científicas de se descobrir a verdade.

Para Popper, a realidade é uma ferramenta com a qual se pode chegar a conhecer a veracidade de uma teoria. Nem a psicanálise, nem a biologia evolutiva podem, por exemplo, pôr à prova suas proposições, porque estas têm caráter singular. Por outro lado, a própria psicanálise entende que o sucesso de uma cura não é um critério suficiente para validar suas construções. Então, qual é este critério que a psicanálise considera suficiente?

Para Freud, o critério é a verdade, a verdade do sujeito é a única que responde à veracidade da construção. A perna paralisada de Elisabeth

que se torna consciente é algo que não existia, mas que uma vez que chegou à luz, adquire seu estatuto de necessário. O inconsciente é algo do não realizado, mas que uma vez vindo à luz aparece como algo que sempre existiu.

representa a verdade do sujeito e para o próprio sujeito, contrariamente à verdade anatômica e neurológica da ciência médica. Se o sujeito se cura, é porque a convicção da verdade da construção é equivalente à lembrança que o sujeito tem do fato esquecido.

Isto define os objetivos da análise, tal como definiu Lacan. Ele considera a análise como sendo a reintegração da verdade histórica de um sujeito que permite que a história de uma vida possa ser vivida como história, onde o elemento a ser recuperado não é o fato histórico, mas sim, o sujeito "*en souffrance*"¹⁴⁴ na sua história (LACAN, 1979/a, p. 161).

Como se afirmou desde o início, trata-se sempre, de um saber no lugar da verdade.

4.3 A destituição subjetiva

Consta, na primeira parte deste trabalho, que o objetivo da psicanálise é fazer com que o sujeito analisado traga para seu consciente o que até então estava inconsciente. O esforço feito pelo sujeito de fazer com que sua consciência assuma como sendo seu aquilo que vem do inconsciente é o que se chama de trabalho de subjetivação. A doutrina¹⁴⁵ da psicanálise sempre teve este objetivo, porém, mudou de foco à medida que a teoria se modificava.

Os impasses encontrados na clínica acarretaram uma modificação na técnica da análise e, conseqüentemente, produziu ajustes na teoria. Assim, por exemplo, a interpretação dos produtos do inconsciente deu lugar à

¹⁴⁴ *En souffrance* quer dizer em sofrimento, mas também em suspenso, em francês.

¹⁴⁵ Uma doutrina é um conjunto de idéias, princípios e fundamentos que tem um valor de verdade absoluto (axiomático) para aqueles que a sustentam, e que no entender deles é o único aceitável. Assim sendo, a doutrina psicanalítica tem a consistência dos conceitos que Freud formulou a partir de seu saber analisante. O fundamento dos objetivos de uma análise e a formalização da teoria estão baseados no saber adquirido na sua própria análise. Todavia, se os problemas colocados pela clínica das neuroses e os novos conhecimentos adquiridos com as análises realizadas lhe fazem modificar continuamente sua teoria e sua técnica, Freud não se incomoda com isto, pelo contrário. Entende que a teoria nunca pode ser algo concluído e acabado, mas sujeito a contínuas modificações e revisões. Mas do que ele não abre mão é do saber adquirido na sua própria análise, pois o adquirido não é um saber textual nem um saber teórico sobre o inconsciente, mas um saber real sobre o desejo inconsciente em que assenta sua certeza subjetiva e fundamenta a doutrina psicanalítica.

construção de uma história, e a elaboração desta precisou vencer as resistências que se apoiavam na transferência. O descobrimento da compulsão à repetição levou Freud a considerar um *mais além* do princípio do prazer, algo como um ponto inapreensível no seio de seu domínio. Isto desembocou na segunda tópica freudiana em que a dinâmica subjetiva passa a ser pensada em termos de Eu e Isso.

Nesta reformulação das instâncias subjetivas que constitui a segunda tópica, o inconsciente freudiano – no seu verdadeiro sentido de instância psíquica, e não como processo descritivo ou dinâmico – é formulado como Isso. O Isso será o ser do sujeito, seu mais íntimo, formado por representantes pulsionais que só buscam derivação de sua carga, portanto antagonico ao Eu que só é sua superfície. Destarte, fazer consciente o inconsciente passará a ser entendido em termos de Eu e Isso. Doravante, a premissa freudiana do fim de análise é interpretada como "Aí onde Isso era, eu devo advir" (FREUD, 1973/v, p. 3146). Isto deve ser entendido como "Eu (sujeito) devo responder por Isso que sou." É nisto que se baseia, em parte, o efeito terapêutico da psicanálise quando pretende que os impulsos optativos, e os recalçados pelo Eu, possam ser reconhecidos como algo do passado. Desta forma, quando o trabalho de análise os faz conscientes eles perdem seu valor libidinal.

Segundo Freud, a subjetividade se compõe de um sujeito duplamente dividido. A primeira fratura – não em sentido cronológico, mas sim, lógico – é o próprio Eu que se divide em sujeito e objeto ao se constituir o "Supereu"¹⁴⁶. A segunda fratura é a descoberta de que o Eu é uma parte do Isso. A origem do Eu nasce no processo de defesa do Isso frente à realidade, constituindo-se, para tal, num precipitado de identificações de objetos reais e abandonados (FREUD, 1973/v, p. 3142), o que faz do Eu, vir a ser o "sintoma" do Isso no seu contato com o mundo exterior. Sua característica é a dissimulação e a diplomacia e, por levar a cabo o processo de recalque, seu estatuto é de desconhecimento (LACAN, 1979/h, 290). O processo da análise

¹⁴⁶ O Supereu é uma instância psíquica que tem sua origem no Eu. Esta instância se desprende do Eu e toma este como objeto de sua crítica, que às vezes chega até à crueldade. De um ponto de vista cronológico é o herdeiro do complexo de Édipo. Esta herança tem que ser entendida no sentido que o supereu se instala aí onde não houve uma resolução que a questão edípica coloca ao sujeito. Por conta do supereu, nesses sujeitos, a lei será vivida como interdição.

visa a reduzir as identificações que o sujeito construiu ao longo de sua vida e que consolidaram seu Eu.

A psicanálise promove o esvaziamento do Eu de suas identificações, um ideal a ser atingido que é o diferencial fundamental, se comparado com quaisquer outras terapêuticas, pois estas seguem o caminho inverso. Freud considera que a psicoterapia não deixa de ser um "tratamento cosmético", que como a pintura, trabalha *per via de porre*¹⁴⁷. Considera também a psicanálise um tratamento cirúrgico que, como na escultura, procede *per via de levare*¹⁴⁸. Ele dá a entender que em psicanálise não se trata de se ter um ganho, mas, sim, uma perda (FREUD, 1973/ad, p. 1009). Esta diferença é no sentido de que as psicoterapias buscam o "bem" do paciente dando sentido aos sintomas¹⁴⁹. A psicanálise, pelo contrario, dirige-se ao *non sense* e com isto promove uma transformação radical do sujeito cartesiano. É a esta transformação que dou o nome de "novo sujeito".

Por outro lado, esta transformação não se dá em todos os casos. Freud destaca que há uma decalagem entre o que se pode esperar com a teoria do fim de análise e os resultados práticos dela obtidos. Esta transformação só é exigida do analista em formação.

Considerar que só existe sujeito após o analisante ter atingido o fim de análise é um tema extremamente polêmico e, por isso, pode suscitar muitas objeções. Faz-se necessário, portanto, revisar a teoria do fim de análise nos textos de Freud e de Lacan, para que se especifique o que se entende por finalização de análise e por analista. Pode-se afirmar, contudo, que a análise é uma só, mas ela se apresenta com duas soluções finais possíveis. Assim sendo, observa-se que para Freud não é o conceito de cura que se apresenta como enigma para a psicanálise, o que lhe permite afirmar:

O interesse pela psicanálise parece estar mal orientado. Em vez de investigar como se realiza a cura psicanalítica (questão que tem sido amplamente elucidada) a pergunta deveria recair sobre os obstáculos que aparecem no curso da mesma (FREUD, 1973/a, p. 3342).

¹⁴⁷ *Per via de porre*, por meio de acréscimo (do material), em italiano.

¹⁴⁸ *Per via de levare*, por meio de retirada (do material), em italiano.

¹⁴⁹ Lacan chama a este "bem" do paciente de "o pior". Considera que ao buscar o sentido a psicoterapia não deixa de se aparentar com a religião. (LACAN, 1993, p. 21)

Para Freud o conceito de cura se desdobra num plano terapêutico e num plano analítico. No plano terapêutico a cura se define como a superação das inibições, dos sintomas e das angustias. No plano da analítica a cura aspira “a produção de um estado que nunca é espontâneo, um efeito produzido de forma artificial”, portanto, uma nova posição do sujeito¹⁵⁰ – e acrescenta – “isto constitui toda a diferença entre alguém que fez uma análise e alguém que não” (FREUD, 1973/a, p. 3346-3347).

Assim sendo, é fácil entender a diferença abissal entre uma cura e uma terapêutica que visa a tradução do inconsciente e a produção de um sentido. Exige-se à cura um passo a mais. Ela implica “[...] a subsequente correção do recalque primário que coloca um fim ao predomínio do fator quantitativo” (FREUD, 1973/a, p. 3347).¹⁵¹

Uma análise que se destina a formar analistas tem um objetivo epistêmico – aponta para o recalque primário – e vai mais além dos objetivos terapêuticos. Freud deixa entrever este aspecto quando define a análise como um método terapêutico que coincide com um objetivo de pesquisa científica; e Lacan afirma que:

Se formamos analistas é para que existam sujeitos tais que, neles, o eu seja ausente. Este é o ideal da análise [...] um sujeito plenamente realizado [...] é exatamente isso que temos que visar a obter do sujeito em análise (LACAN, 1983, p. 369)

Com isto, não há dúvidas em relação ao que objetiva uma análise e sobre o que se obtém dela. Este objetivo é também a preocupação de Freud em um de seus últimos escritos "Análise terminável e análise interminável"¹⁵².

¹⁵⁰ Esta nova posição do sujeito é consequência de uma nova reformulação do recalque originário. (Freud, 1973/a, p. 3347)

¹⁵¹ Acredito que isto possa esclarecer ainda mais o sentido que damos à expressão “direção da cura”. Uma “direção de tratamento” é o tratamento de uma doença ou de um estado com o objetivo retrotrae-la a um estado anterior, considerado sadio. Uma “direção de cura” é um tratamento que não cura nada. A visada do primeiro é a doença, a visada da segunda é o sujeito.

¹⁵² Para uso próprio, costumo traduzir este artigo como análise com solução ou sem solução, ou ainda análise com conclusão ou sem conclusão. Tanto o termo solução como conclusão remete à matemática. Nesta ciência, a conclusão de um problema não significa necessariamente sua resolução. Exemplo disto é o último teorema de Fermat. Fermat foi um matemático ilustre que antes de morrer deixou escrito na margem de um livro haver encontrado a solução de um problema, mas lamentavelmente não tinha suficiente papel para demonstrá-la. Ele morreu e a solução se foi com ele. Este problema é extremadamente simples no seu enunciado: $[x^n + y^n = z^n$ sendo que para $n > 2$ não tem solução], contudo, manteve entretidos os mais brilhantes matemáticos durante 350 anos. Finalmente foi resolvido pelo matemático inglês Simon Singh. A

O fato é que este artigo de Freud, que foi escrito no final de sua vida, é como um balanço testamentário, onde explicita quais são os objetivos de sua obra e o que alcança com eles. As preocupações de Freud são com o destino de sua obra, e como serão vencidos os obstáculos que se apresentam na formação dos analistas.

Neste artigo de oito capítulos, o primeiro deles trata da possibilidade, ou não, de se reduzir o período de uma análise. Este comentário faz uma crítica a Otto Rank que propunha uma redução do tempo da análise consistente em atacar diretamente a pulsão. Uma vez eliminada a causa, seria eliminado o efeito. O segundo capítulo dialoga com o primeiro no que tange à duração de uma análise e ao seu fim. "Se desejamos satisfazer as maiores exigências com a terapêutica analítica, nosso caminho não nos levará a um encurtamento de sua duração" (FREUD, 1973/a, p. 3342), quanto mais exigentes formos com relação ao resultado que esperamos de uma análise, mais longa ela será. Traz também a definição – paradoxal – do que seria uma análise infinita e outra com fim. Para a análise finita dão-se duas condições:

Que o paciente não sofra mais de seus sintomas e que tenha superado suas angústias e inibições... e que o analista julgue que se tem feito consciente tanto material recalcado..., e se tem conquistado tantas resistências internas, que não se deve temer uma repetição dos processos patológicos em questão. (FREUD, 1973/a, p. 3342).

Para a análise infinita, a exigência que se coloca é muito mais ambiciosa, pois se espera que a análise tenha tido uma influência tal na vida do paciente, que não seja mais possível esperar maiores mudanças, mesmo na hipótese de se continuar a análise... infelizmente não há garantias de que isto seja possível.

Nos capítulos seguintes, estudam-se os obstáculos que se opõem a uma análise. Os capítulos três e quatro são dedicados ao obstáculo que o fator quantitativo da pulsão coloca, e os capítulos cinco e seis, aos obstáculos que

conclusão – *demonstrada* – do último teorema de Fermat é que este não tem solução. Pretende-se evidenciar com este exemplo como a resolução pode ser uma não conclusão. No caso do analista a conclusão que põe um fim à análise é aquela que diz que o análise do analista não tem fim.

coloca o Eu por causa das fantasias inconscientes. É o capítulo sete que trata do fim de análise na sua relação com a formação do analista.

Freud coloca outro paradoxo ao afirmar que o analista deveria ser, por um lado, como qualquer outro mortal e, por outro, um Ser Superior, modelo e mestre de seus pacientes, onde seu amor pela verdade o colocaria livre de qualquer engano. Depois de assegurar ao psicanalista sua simpatia por dedicar seus esforços a uma das profissões impossíveis de se exercer, diz que a análise do analista é... necessariamente, breve e incompleta:

Terá realizado seus propósitos, se proporcionar ao candidato uma firme convicção da existência do inconsciente, se o capacita, quando emerge o material recalado, para perceber nele mesmo, coisas que de outro modo lhe resultariam incríveis, e se lhe mostra uma primeira visão da técnica que tem demonstrado ser a única eficaz no tratamento analítico. (FREUD, 1973/a, p. 3361).

É difícil acreditar numa análise necessariamente breve, quando os objetivos são tão amplos. Com efeito, ter uma firme convicção da existência do inconsciente não pode ser entendido como uma convicção intelectual, porque "aumentar o conhecimento e a capacidade da consciência não se traduz em nenhum tipo de alteração do sujeito" (FREUD, 1973/a, p. 3351). Precisa-se que a convicção tenha-se feito "carne"¹⁵³, ultrapassando o nível da crença. "A convicção precisa da profundidade que só a quantidade pulsional lhe dá" (FREUD, 1973/a, p. 3348). Por exemplo, muitos sujeitos estão convictos da lei de gravidade de Newton, utilizam-na nos seus cálculos e resulta-lhes óbvio, contudo são capazes de se enganar, pensando que um quilo de pena é mais leve que um quilo de chumbo. Há ainda os que se dizem não serem supersticiosos, mas tem receio de cruzar, à noite, um cemitério (MANNONI, 1979, p. 9-27).

Considerando-se, literalmente, o que afirma Freud, conclui-se que esta "breve análise" se propõe a uma transformação subjetiva de porte.

Reconhecer o recalado, quando este retorna, significa ter subjetivado a pulsão, sempre levando em conta que a pulsão esteja inteiramente implicada no recalque. O recalque se constitui, justamente, para

¹⁵³ Tenha-se convertido em ego-sintônica.

negar o acesso à consciência aos representantes pulsionais. Esta operação é o objetivo de cura freudiano, ou seja, "fazer consciente o inconsciente". Colocando-se na perspectiva da segunda tópica pode-se dizer que: "aí onde estava o recalcado, eu devo advir". Com efeito, ao menos nos casos de resolução lógica da análise,

[...] a teoria [afirma] que a análise produz um estado que *nunca* tem lugar no Eu espontaneamente (artificial, portanto) e que este *novo* estado criado no Eu constitui uma diferença essencial [absoluta, radical] entre uma pessoa que foi analisada e outra qualquer. (FREUD, 1973/, p. 3346-3347)

A esta *diferença absoluta*, Lacan dá o nome de "destituição subjetiva"¹⁵⁴.

A psicanálise tem como programa de direção de cura fazer retornar o recalcado, mas de uma maneira diferente da do sintoma. Ela visa a fazê-lo retornar como saber, um saber que se expressa como a subjetivação do Isso. Este Isso é a causa do sujeito do inconsciente. A psicanálise pretende colocar um saber no lugar da verdade, como afirma Lacan (1992, p. 36).

Mas como comungar duas exigências tão antagônicas, por um lado, a exigência de que a análise do analista seja extremamente profunda, e por outro, a necessidade de que isso seja feito em um curto período de tempo?

É verdade que a prudência de Freud o leva a afirmar que é importante uma dose de humildade do analista, suficiente para que este consinta em retomar sua análise, ocasionalmente, e acrescenta, a cada cinco anos. Mas isto é deixar à mercê da pura contingência uma operação que é o fundamento do ato de autorização do analista, assim:

Esperamos que os estímulos recebidos na sua própria análise não cessem quando esta termine, e que os processos de transformação continuem espontaneamente, no sujeito analisado... Na realidade, acontece isto, e *porque acontece, qualifica-o a ser psicanalista*. (FREUD, 1973/a, p. 3362)¹⁵⁵.

¹⁵⁴ A destituição subjetiva é o tema que trato neste capítulo. Uma definição concisa de destituição subjetiva diz que se trata da queda radical e inesquecível do sujeito do inconsciente, subvertido pela pulsão. O Sujeito Suposto Saber, é *barrado* pelo real.

¹⁵⁵ O sublinhado é meu

Então, Freud entende que o fim da análise que transforma um sujeito de analisante em analista, é um processo que termina... quando não termina!. O momento de clausura da experiência analítica termina, deste modo, por instalar no sujeito uma situação tal que faz de sua análise algo interminável. Instaura no sujeito analisado um desejo¹⁵⁶ que não duvidamos em qualificar de *novo*, desejo de persistir na experiência.

Insistência do desejo que, até agora, só se atribuiu ao sintoma.

O desejo, aqui, encontra uma resolução diferente da do fantasma. Se o fantasma era um ponto de detenção e, ao mesmo tempo, uma certeza para o sujeito, é porque este lhe dava um objeto para responder à pulsão, mas deixando o sujeito sem saber o que o motivava. Esta nova solução para o desejo é radicalmente diferente por se basear no saber. Lacan não hesita em dizer que este desejo é *inédito* e em nomeá-lo como "desejo de saber." (LACAN 1959, s.p.)¹⁵⁷

Adverta-se, contudo, que se esta insistência do desejo qualifica o analisante como analista, não o estabelece, por isso, na profissão. Há uma distância entre o analista de direito e o analista de fato que o termo "persistência"¹⁵⁸ coloca e que faz toda a diferença. Lacan se apóia nisto para concluir que a formação do analista – que se dá exclusivamente numa análise – é uma "formação permanente" (LACAN, 2003, p. 235).

Esta inclusão da questão da formação dos analistas na conceituação do fim da análise traz uma nova definição, tanto do analista, como do conceito de fim de análise. Uma análise tem resolução lógica, mas não tem fim para o analista, e uma análise pode não ter resolução lógica, mas ter fim, no caso de uma terapêutica, e é suficiente para isto, que o paciente diga: "*basta, não quero ir além disto*".

Vê-se que a destituição subjetiva está delineada em Freud quando ele fala de um obstáculo de peso a ela: a castração. Este fato, que está ligado à diferença entre os sexos, Freud o situa como uma rocha frente à qual se

¹⁵⁶ Numa análise o único desejo que existe é o desejo do analista. Por definição, o desejo do neurótico está recalcado, o que faz que ele não possa apropriar-se do desejo e usufruir dele.

¹⁵⁷ Este desejo será tratado no próximo capítulo. Por enquanto resta advertir que o desejo de saber não se traduz por querer saber, amar o saber, onde o "saber" é uma fortaleza que se constrói diante do horror da castração. Trata-se justamente do contrário.

¹⁵⁸ O termo "persistência" indica na pena de Freud a premência da pulsão e não a teimosia do Eu.

detém a análise, não como fim da mesma, mas como a maior resistência que a análise enfrenta. A mulher não quer renunciar a seu desejo de receber o falo que se expressa como "inveja do pênis"; o homem reage com angústia ante a possibilidade de doá-lo. Tanto para o homem como para a mulher, a castração se coloca como "repúdio à feminilidade" Nem ele, nem ela querem renunciar a ser o falo. Podem renunciar a tê-lo, mas não a sê-lo.

O que o neurótico não quer, o que ele recusa encarnizadamente até o fim da análise, é sacrificar sua castração ao gozo do Outro, deixando-o servir-se dela. [...] É isso que o neurótico não quer. Pois imagina que o Outro demanda sua castração (LACAN, 1979/j, p. 337-338)

Encontra-se aqui um impasse ao término da análise.

Para Freud, a cura da neurose se dá quando ao final da análise se resolve a transferência dirigida ao analista; mas a rocha da castração, que é o encontro com o *non-sense*, "produz a mais intensa resistência à transferência" (FREUD, 1973/a, p. 3363). A interpretação, por parte do analista, volta a dar consistência ao Sujeito Suposto Saber, porque "quanto mais o inconsciente é interpretado, mais ele se confirma como saber." E com isto se renova a transferência. (SOLER, 2002, p. 32)

Ferenczi, por outro lado, já tinha se deparado com este problema e pensou em encará-lo por dois ângulos diferentes.

O primeiro, pela "técnica ativa"¹⁵⁹ desenvolvida numa série de artigos escritos entre 1919 e 1924, e que tem seu desfecho em "Fantasias provocadas" (FERENCZI, 1981/a, p. 287-296). Neste artigo vê-se que a aplicação da técnica ativa provoca fantasias nos seus pacientes, e Ferenczi, diante o horror de ver o que acontece, recua e se desvia da psicanálise, instaurando a técnica da "análise mútua"¹⁶⁰. Esta técnica é duramente criticada por Freud em sua carta de 27 de dezembro de 1931 (ROAZEN, 1978, p. 407-408).

¹⁵⁹ Ferenczi provocava algumas atuações do paciente para promover em transferência as fantasias inconscientes de agressividade que não apareciam espontaneamente.

¹⁶⁰ Como Ferenczi considerava – de forma acertada – que o progresso da análise do paciente dependia também da análise do analista, propunha aos pacientes que uma das sessões semanais fosse o paciente a ocupar o lugar do analista e interpreta-se a Ferenczi. Isto é o que se conhece como análise mútua.

A segunda forma de pensar o problema surge em 1927 no Congresso de Innsbruck (FERENCZI, 1981/b, p. 49-58). Neste congresso Ferenczi afirma que a dissolução da transferência se dá por exaustão, porém, deixar que a transferência se esgote não é uma solução que apela à sua resolução lógica, mas sim, ao cansaço.

Não há no inconsciente significativo da castração. Como a morte, não existe nada que a represente, então, quando a castração em análise é vivida e imaginada como uma demanda do Outro, a resolução da transferência acontece por identificação ao analista. Identificação com o demandante como último significativo que sirva de anteparo diante da castração. Este é o impasse de Freud, e sua questão: como subjetivar a pulsão de morte? Como fazer passar pela palavra (no inconsciente) essa objeção última (do Isso) que se define justamente por seu silêncio? (LACAN, 1979, p. 281-282).

Lacan entende que é preciso dar um passo a mais. Passar das identificações e considerar "o objeto do desejo porque o "objeto parcial" integra a estrutura, desde a origem." (LACAN, 1979, p. 282).

É isso que lhe permite assumir, no verdadeiro término da análise, seu valor eletivo, figurar na fantasia aquilo diante o qual o sujeito se vê abolir-se¹⁶¹, realizando-se como desejo. Para ter acesso a esse ponto, situado para-além da redução dos ideais da pessoa, é como objeto a do desejo, como aquilo que ele foi para o Outro em sua ereção de vivente [...] que o sujeito é chamado a renascer para saber se quer aquilo que deseja [...]. É neste campo onde o sujeito paga, com sua própria pessoa, o resgate de seu desejo" (LACAN, 1979/h, p. 304)

Com este avanço, chega-se à destituição subjetiva, que teorizada desde este momento até a "Proposição de Nove de Outubro de 1967, sobre o analista da Escola".

Segundo Lacan, (1987, p. 11-23) as identificações se agrupam em torno de um real que sempre retorna na suas associações; encontra-se nessa fase, o retorno de uma satisfação. O inconsciente dá voltas em torno da pulsão porque algo dela não pode ser representado. A destituição subjetiva é a subjetivação dessa satisfação inominada, mas é, ao mesmo tempo, uma

¹⁶¹ Neste momento Lacan fala de sujeito abolido, mais adiante no seu ensino este conceito será substituído pelo termo: sujeito destituído.

destituição porque esse ponto inominado da pulsão destitui o Sujeito Suposto ao Saber inconsciente.

Com o fim de esclarecer este ponto inominado, Godino Cabas (2007) verifica que a análise leva o sujeito a constatar que as idéias que tem de si mesmo são falsas¹⁶². Trata-se de idealizações que, em última instância, derivam de sua demanda de amor e dizem que o inconsciente é a dimensão da verdade, sem dúvida, exceto em um ponto, que é a pulsão.

O inconsciente recebe sua força de determinação da pulsão, mas por se tratar de planos diferentes, ela só entra no inconsciente através de seu representante – “representante representativo” – que a representa para o inconsciente. Há, portanto, um descompasso entre a tendência da pulsão e o representante que a representa. Este ponto é o que não está e, por estrutura, não pode estar no conjunto de representantes que formam o inconsciente. Lacan formaliza esta situação como “-1” (menos um), mostrando que no inconsciente não há pulsões. Por mais que o inconsciente se constitua como saber, sempre vai estar em falta com a verdade. Fala-se de sujeito *do* inconsciente mas não *á* sujeito *no* inconsciente.

Por esta razão, uma análise não termina quando se tenha analisado todo o inconsciente, ainda resta este ponto, que na citação feita anteriormente (LACAN, 1979/h, p. 304) está identificado como objeto *a*. A existência deste ponto não desfaz a estrutura do inconsciente, mas faz com que a verdade não possa ser dita por inteiro, sempre faltará algo. A destituição, então, comporta a subjetivação desse ponto que não tem como ser dito..., um ponto de gozo que apaga o sujeito..., a não ser que retorne em forma invertida como certeza da existência do desejo.

Ocorre destituição toda vez que o sujeito é determinado como objeto, e isto pode acontecer pelo real da vida, uma guerra, por exemplo, onde os sujeitos são tomados pela sua realidade de objetos intercambiáveis e são usados como tal. Porém, a destituição subjetiva, que pode acontecer – ou não – numa análise, é uma destituição artificial, programada desde o início, desde a instalação do Sujeito Suposto Saber. Sua diferença com relação a qualquer outra é que a destituição subjetiva precisa do consentimento do sujeito (o sujeito tem que querer o que deseja) e há um ganho de saber. O sujeito agora

¹⁶² Note-se como este ponto não se diferencia do arazoado de Descartes.

tem uma certeza, *ele é Isso e ele sabe que é Isso* e não o que, talvez, gostaria de ser.

Só ocorrerá destituição subjetiva, se for produzida no sujeito a decisão de consentir com a castração. Este consentimento pressupõe uma ética, pois não se pode desconsiderar a possibilidade da destituição ser recusada. De fato, Freud formaliza esta recusa com o conceito de "reação terapêutica negativa"¹⁶³.

Esta decisão ética depende do "novo desejo" que só aparece no final da análise, porque não é uma decisão que dependa da vontade da pessoa. Esta decisão depende do surgimento desse desejo, que Lacan chama de "inédito". Reiteradas vezes foi colocado aqui que o sujeito lacaniano é homólogo à realização do desejo inconsciente, o que permite concluir que este *desejo novo* é solidário de *um novo sujeito*. Sujeito que vai ter como posição subjetiva algo que nunca acontece na natureza humana de forma espontânea e que, por isso, se pode afirmar que a psicanálise é um recurso antinatural: sua posição diante da castração não vai ser de desconhecimento, mas, sim, de aceitação.

4.4 O analista, um novo sujeito

"O término da psicanálise [...] é o momento quando se dá a passagem da posição de psicanalisante a psicanalista. [...] No término da relação transferencial, ou seja, quando havendo-se resolvido o desejo que sustentara em sua operação o analisante, ele não mais tem vontade, no fim, de levantar sua opção, isto é, o resto que, como determinante de sua divisão, o faz decair de sua fantasia e o destitui como sujeito." (LACAN, 1987, p. 16)

O fim da análise transforma a queixa inicial em desejo, e isto é uma mudança radical para o sujeito. Com efeito, sua história não muda, os acontecimentos ocorridos no passado continuam sendo os mesmos, os

¹⁶³ A reação terapêutica negativa é uma resistência à cura que tem sua origem na instância do supereu e expressa a força da pulsão de morte. No momento que se pode esperar uma melhoria no progresso da análise se produz um agravamento da doença. Freud a interpreta como sentimento inconsciente de culpa.

conflitos que a vida coloca não desaparecem, mas a partir da transformação do sujeito muda a forma como ele vê o mundo. A ciência, em seus gráficos, usualmente representa o sujeito com o símbolo de um olho, portanto, de forma metafórica, pode-se dizer que ele agora vê a vida com outros olhos.

Lacan chama este desejo, inédito, de desejo de analista. Desejo *de perseverar* na diferença absoluta que se instala entre o Ideal do Eu e o objeto *a* – objeto da pulsão.

O desejo do analista – diz Lacan – não é um desejo puro. É o desejo de obter a diferença absoluta, a que intervém quando o sujeito confrontado com o significante primordial tem acesso pela primeira vez à posição de sujeição a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limites, por estar fora do limites da lei, único lugar onde se pode viver. (LACAN, 1986, p. 284)

O desejo do analista é uma estratégia diferente da do neurótico diante da castração. O recalque supõe a castração, pois o retorno do recalado supõe a insistência de “isso” que o Eu quer desconhecer. A estratégia da neurose diante da castração é, portanto, de desconhecimento, enquanto a do analista é a de desejo de saber.

Segundo Freud, o desejo também pode se perder (FREUD, 1973/a, p. 3362), daí sua recomendação no sentido de que a análise do analista seja permanente e que o ato que transforma um analisante em analista faça deste, segundo Lacan, um “analista de sua própria experiência” (LACAN, 1987, p. 10).

Há, enfim, uma decalagem absolutamente clara entre o sujeito que finaliza sua análise e vai viver sua vida, e aquele para quem o fim da análise propicia um ato de passagem de analisante para analista. Para este último, o desejo já não é mais o mesmo e, por conseguinte, o sujeito também não o é. Este ato é o *ideal* da análise e, como se sabe, há sempre uma distância considerável entre o ideal e a realidade, entre o que é uma conseqüência lógica da teoria e o limite prático possível de uma análise. Uma das razões para que isto seja assim é que nem todo sujeito pode ser analista, haja vista o psicótico e o perverso. Aliás, o objetivo analítico não está feito nem para um nem para outro.

Quanto ao psicótico, porque a castração não está inscrita nele, porque lhe falta esse significante fundamental que se definiu como Nome do Pai. Essa característica é o que faz com que um psicótico não possa ser analista, tendo em vista que ele não poderia se situar diante da castração do Outro.

Quanto ao perverso, porque sua relação com a castração é de desmentir a verdade em nome da vontade de gozo. Ele não pode se situar como analista porque não tem condições de sustentar a angústia de castração do Outro, visto que sua posição perversa é de rejeitar a castração do Outro quando exposto diante dela.

O analista tem uma posição diferente diante da castração que é diferente de qualquer outra estrutura clínica. Esta situação pode ser esquematizada da seguinte maneira:

ESTRUTURA SUBJETIVA (da castração)	MECANISMO <i>Discursiva</i>	POSIÇÃO (diante)
Neurose	Recalque	Desconhecimento
Perversão	Renegação	Desmentido
Psicose	Forclusão	Alucinação
“Analista” ¹⁶⁴	Consentimento ¹⁶⁵ (querer o que se deseja)	Desejo de Saber ¹⁶⁶ (entusiasmo)

¹⁶⁴ O termo analista usado aqui não se refere ao psicanalista oficiante, mas àquele que terminado sua análise advém como analista de sua própria experiência.

¹⁶⁵ Consentimento, ou assunção subjetiva, ou subjetivação da pulsão de morte.

¹⁶⁶ O “desejo de saber” tem que ser tomado tanto no sentido do genitivo subjetivo como do genitivo objetivo. Quando se fala do desejo de saber não se quer colocar o acento no desejo que toma o saber como objeto, mas no desejo que o saber – analisante – produz.

(Figura 11)

A categoria de sujeito, tal como a entende a psicanálise, só é verificável no caso da neurose. O ideal da análise, portanto, é transformar a posição de desconhecimento do sujeito, em desejo de saber, chamado também de desejo do analista. Desejo este que, no meu entender, é o de sustentar a angústia da castração, suspendendo a demanda de resposta, pelo tempo que for necessário, para que sejam produzidos, como saber, os significantes em que o sujeito se constituiu. Neste caso, e somente aqui, pode-se falar da passagem de analisante à analista, “passagem” prometida no momento de sua transformação de paciente em analisante, embora nem sempre possa ser cumprida na finalização da análise.

Que não exista psicanálise além da psicanálise didática, sugere que todo fim de análise, quando este ocorre, implica esse tipo de ato, o ato psicanalítico, na medida em que deixa o sujeito exposto a ouvir, de aí em mais, a partir de um lugar que somente pode ser o do analista, consinta o sujeito a isso ou se negue, faça disso profissão ou não (LACAN, 1973/a, p.230.).

Mas, por que alguém que chegou a este ponto de destituição quer levar outrem a essa mesma situação, fazendo-se para isto de “semblante”¹⁶⁷ de objeto a para aquele? Isto é um mistério, e pelo fato da relação com o objeto a ser de caráter particular, não é possível dizer em que ela consiste, nem a definir em termos da ciência. Esta relação é válida para cada um e verificável caso a caso.

É um princípio doutrinário da psicanálise que é neste mistério que encontramos a causa da autorização, e pelo fato de esta ter um caráter social, é importante desvendá-la, transmiti-la e fixar suas condições. Isto levou, Lacan,

¹⁶⁷ O termo francês *semblant*, significa apariência, fingimento, dissimulação, fazer de conta, atitude, parecer, assemelhar. Lacan toma este termo de Roger Callois, que elabora uma teoria dos jogos, em que este termo significa simulacro. (KAUFMANN, 1996, p. 462). Lacan usa-o para dizer que os efeitos da interpretação do analista acontecem pela posição que este ocupa para o paciente. Esta posição é a de semblante de objeto. As traduções em português não traduzem este termo para não ser confundido com o termo aparência ou semelhança, que pode evocar uma atitude caricaturesca do analista. Neste caso, segue-se aqui a tradição já estabelecida.

por ser coerente com sua enunciação, a pesquisar esse ponto num procedimento a que chamou de "passe"¹⁶⁸. "Essa sombra espessa que encobre a junção¹⁶⁹ de que me ocupo aqui, aquela em que o psicanalisante passa à psicanalista, é ela que nossa Escola pode se empenhar em dissipar." (LACAN, 1987, p. 8).

Sabe-se que se instalar no ofício do analista requer uma decisão *a mais*, decisão a ser tomada baseada na autorização. Só tem direito a autorizar-se a ser verdadeiramente um analista aquele que se deu conta, por si mesmo, que é um resto, rebotalho da cultura. Resto – *sicut palea*¹⁷⁰, diz São Tomás – que é ao que aspira, sem saber, qualquer ser falante (LACAN, 1973/b, 13.). Este "si-mesmo"¹⁷¹, segundo Lacan, é aquele que na autorização, destitui o sujeito da suposição de saber pela certeza do desejo (LACAN, 1973/b, p. 11). Com outras palavras, a certeza do sujeito se fundamenta no seu desejo e não no saber inconsciente.

O mais íntimo do sujeito – o seu si-mesmo – é um resto: o objeto *a*, onde o sujeito é chamado a se reconhecer no final de análise, e autorizar-se nele só pode ser feito por um analista. Eis aqui outro paradoxo, colocado para evidenciar uma verdade aí onde se vê uma contradição: o analista é o único que se autoriza de si-mesmo porque "este mesmo analisante se causou a si-mesmo quando se tornou analista". (LACAN, 1973/a, p. 230), e "aquilo de que ele tem de cuidar é que, ao autorizar-se por si-mesmo, haja apenas o analista." (LACAN, 2003/b, p. 312).

As práticas societárias em que os analistas se congregam, dão de fato, mas não de direito, uma suplência de autorização, que faz pensar que qualquer pessoa que freqüente um analista e se reúna com colegas para freqüentar cursos ou seminários torne-se um analista. É óbvio que se sabe que

¹⁶⁸ O passe indica tanto o momento de passagem de analisante para analista como o dispositivo institucional que Lacan instituiu com o fim de investigar este momento de passagem.

¹⁶⁹ Essa junção é a do objeto *a*, que aqui opera como dobradiça entre analisante e analista.

¹⁷⁰ *Sicut palea*. Como palha, como esterco.

¹⁷¹ Tem-se que levar em conta que este "de" si mesmo, não significa, em nenhum caso, autorizar-se, de seu Eu, de sua vontade, de seus ideais, nem de seu inconsciente e, menos ainda, uma autorização que possa advir de outro. O si mesmo é o sujeito reduzido a objeto, que reaparece como sinistro. É aquilo que o organismo expulsou de si no momento de sua constituição, como afirma Freud em "*Die Verneinung*", e que agora é reconhecido como o mais próprio de si, o si-mesmo. Por esta razão, e para evitar mal-entendidos, talvez seja melhor referir-se à autorização "no si mesmo" e não "do si-mesmo". O analista é o único que se autoriza no si-mesmo porque "este mesmo analisante se causou a si mesmo quando se tornou analista". (LACAN, 1973/a, p. 230)

não deveria ser assim, mas de fato, funciona assim, por isso Lacan, ainda em 1974 insista que "autorizar-se, não é auto-ri(tuali)zar-se" (LACAN, 2003/b, p. 311).

No passe existe a possibilidade de se saber algo dessa autorização, ao mesmo tempo em que ela é colocada à prova. Ninguém está obrigado a submeter-se ao procedimento do passe, mas fazê-lo é uma decisão ética baseada no desejo de saber. Desejo de saber e desejo de transmitir algo, de acrescentar, ainda que seja somente uma letra às letras da psicanálise.

4.5 Para um final, que é um recomeçar

A psicanálise postula que o homem é um ser dividido, e não um indivíduo. Não foi preciso Freud dizê-lo para que os homens o soubessem. São Paulo na "Carta aos Romanos" diz que: "... eu cometo pecado, mas não entendo por que o faço; e o bem que quero fazer, não faço; mas faço aquilo que me aborrece... não sou eu que faço, mas sim o pecado que mora em mim" (PAULO APÓSTOLO, 1985, p. 346).

Este pecado era obra de Deus, o homem não sabia que isso é ele falando do fundo de seu ser. Só Deus sabia sua verdade, restando ao homem, submeter-se à Sua lei, por Ele revelada. Foi necessário o aparecimento da ciência com seu sujeito para que se operasse uma transformação. Este sujeito agora podia saber, não se trata de um saber revelado e que, portanto, não era o seu, mas de um saber feito de idéias claras e distintas, e guiado por um método científico que lhe dava a certeza de seu saber. Se este saber era verdadeiro...! Isso era coisa de Deus e porque Ele jamais se engana, o saber estava garantido. Esta verdade responde a um real que sempre retorna ao mesmo lugar, e que não deixa de ter sua eficácia, ainda que o sujeito a desconheça, deixando-a fora de seus cálculos. As crises dos cientistas, como no caso de Openheimer, mostram isto, e é por isto que o identificamos como um ser, a quem a verdade questiona como sujeito.

A psicanálise não é uma *Weltaunschaung*, uma cosmovisão do mundo, nem uma filosofia. Também não é uma ciência, ao menos não no

sentido clássico da palavra, pois a esta lhe falta, talvez, dar o passo necessário para que a psicanálise se inclua nela. A psicanálise não é sequer uma explicação. Não pretende explicar por que "a filha é muda, mas sim, fazê-la falar" (LACAN, 1979/m, p. 137). Dirige-se, portanto, a um sujeito.

Esta preocupação foi o que levou Freud a escutar os pacientes como sujeitos e a levantar a hipótese de que as formações do inconsciente guardavam um sentido que só a hipótese do inconsciente permitia resgatar. Freud descobriu, então, que essa verdade desconsiderada pela ciência retornava nos sintomas, como um saber não sabido, mas que nem por isso deixava de ter sua eficácia. É aí onde o sujeito se realizava, no pleno sentido do termo, sem que o Eu nada soubesse disto. O sonho, como realização de desejos dava testemunho disto. O objetivo da cura só poderia fazer com que o sujeito reintegrasse essa verdade à sua história, que a assumisse como própria, por isso, a consigna de se fazer consciente o inconsciente.

Se por um lado, o sintoma revela que seu autor é paradoxal, porque se o sonho falava do inconsciente, como autor de um desejo, por outro, a pulsão, que dá estofamento ao sintoma, acrescenta que está aí para garantir-lhe a satisfação – um gozo do sintoma, que a fórmula do fantasma articula ao desejo inconsciente.

É também na análise que Freud conclui que a verdade do inconsciente mente (FREUD, 1973/z, 2556-2557), o que causa uma crise da teoria. Esta crise levou-o, anos mais tarde, a pensar numa pulsão de morte e reformular sua teoria admitindo um mais além do princípio do prazer. Seu desfecho é conhecido: o sujeito, agora, está dividido em um Eu e um Isso, sendo que ao Eu só resta controlar a cavalgada que lhe impõe o Isso. Daí, a fórmula ética que Freud deixa como herança: "Aí onde isso era, eu devo advir" (FREUD, 1973/v, p. 3146).

Todavia, o sujeito tomado como conceito, formulado como tal, é um termo de Lacan, que levanta "a coisa freudiana" e a transforma em enunciado explícito. Isto permite dizer que, como noção, o inconsciente é freudiano, e o sujeito é lacaniano.

O sujeito que a psicanálise encontra não é o Eu da razão e da consciência, nem o que a filosofia define como indivíduo, nem sequer o que o pensamento contemporâneo pulveriza na abstração vazia (MATTÈI, 1999, p.

139-181), que Nietzsche tanto deplorava. O sujeito da psicanálise não é encontrado, mas produzido numa operação que reduz todas as identificações em que fica alienado, para descobrir que ele é somente uma função chamada a responder a questão que o ser lhe coloca. Trata-se de que "algo", diferente de um ideal, venha a responder ao sujeito do verbo, esse que diz *eu*.

Aquele que Lacan considera como sujeito, aparece justamente no fim de análise, no momento em que a clínica reconhece como "destituição subjetiva" por ter feito o analisante balançar, até sua queda lógica, o Sujeito Suposto Saber que sustentava seu engano. Entende-se que o sujeito aparece aí como anterioridade lógica ao assumir como próprio o que o causa quando ocorre sua divisão. Este fato instaura uma nova dimensão ética na qual o céu se despe de deuses a quem atribuir seus atos. Instaura-se, com isso, a verdadeira dimensão do ateísmo, já que a ciência não destitui os deuses, ela os relega à indiferença, por não se interessar pela verdade. O sujeito, diante da queda dos deuses, assume a responsabilidade por sua posição, e é dessa posição que ele é responsável, pelo desejo de perdurar como analista de sua própria experiência.

Há aqui um novo sujeito, pois o desejo que o possui – desejo de saber – também é inédito e antinatural. Este sujeito é novo porque esta posição é nova, trazendo um modo inédito de relação com o "ser". O "novo", portanto, não se refere a um outro sujeito que tivesse aparecido depois do sujeito cartesiano, mas ao sujeito que aparece no final de uma análise como subversão do sujeito cartesiano.

Contudo, resta uma questão que Lacan começa a pesquisar a partir de 1965 e que pode ser colocada assim: o sujeito, sim, é uma função, mas se ele nada mais é que suposição, se ele não é mais que representado no inconsciente por um significante, qual é então o ser do sujeito?

Questão aguda, que depois de percorrer o caminho que leva à formalização de sua estrutura exige sem dúvida outra volta sobre a questão do sujeito, desta vez questionando sua substância.

Pois, como recuaríamos em ver que o que exigimos da estrutura, quanto ao ser do sujeito, não pode ser deixado fora de questão naquele que o representa eminentemente (por representá-lo no ser, e não no

pensamento, como faz o *cogito*¹⁷², ou seja, o psicanalista? (LACAN, 2003/c, p. 208).

Esta citação, retirada do resumo de seu seminário de 1965 que Lacan fez para o Anuário de 1966 da *École Pratique des Hautes Études*, inicia uma nova etapa do pensamento lacaniano. O seminário em questão tem por nome “Problemas cruciais para a psicanálise” e diz, na sua intenção, que o sujeito é uma questão, a *questão* da psicanálise... porque existem psicanalistas.

5.– REFERENCIAS

ABRAHAM, K. Um breve estudio de la evolución de la libido considerada a la luz de los trastornos mentales. **Psicoanálisis clínico**. Buenos Aires: Hormé, 1960.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Espanha: Espasa-Calpe, 1981.

ARISTOTELES. Categorías. In.: ARISTOTELES. **Tratados de lógica** (El organon), México, Porrúa, 1982.

ASSOUM, P. **Introducción a la epistemología freudiana**. México: Siglo XXI, 2001.

BOLK, L., La genesis del hombre. In.: **Referencias en la obra de Lacan**: v. 14. Buenos Aires: Fundación del Campo Freudiano, 1995.

CLAUSEWITZ, C. von. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, s.d.

¹⁷² As palavras entre parêntese e as itálicas são de Lacan

COSTA, T. **Elisabeth von R.: a primeira análise de um desejo**. Trabalho apresentado na Seção Clínica da Escola da Coisa Freudiana. Curitiba, 2006.

D'ANGELO, R. **Uma introducción a Lacan**. Buenos Aires: Lugar. 1985

DESCARTES, R. Discurso do método. In.: DESCARTES, R. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1996/a.

DESCARTES, R. Meditações metafísicas. In.: DESCARTES, R. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1996/b.

DESCARTES, R. Resposta às objeções da quinta meditação. In.: DESCARTES, R. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1996/c.

FERENCZI, S. Fantasias provocadas. In.: **Obras completas**: v. 4. Madrid, Espasa-Calpe, 1981/a.

FERENCZI, S. El problema del fin de análisis. In.: **Obras completas**: v. 3. Madrid: Espasa-Calpe, 1981/b.

FERENCZI, S. **Diário clínico**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FERRATER MORA. **Diccionario de filosofia**: vol.1. Madrid: Alianza, 1989/a.

FERRATER MORA. **Diccionario de filosofia**: vol.2. Madrid: Alianza, 1989/b.

FERREIRA, A B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FINK, B. **O sujeito lacaniano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Grahal, 1988/a.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Grahal, 1988/b.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 1996.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREUD, S. Análisis terminable e interminable. In: **Obras completas**: v.3. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/a.

FREUD, S. Construcciones en psicoanálisis. In: **Obras completas**: v.3. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/b.

FREUD, S. Critica de la neurosis de angustia. In: **Obras completas**: v.1. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/c.

FREUD, S. Lo inconciente. In: **Obras completas**: v.2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/d.

FREUD, S. El malestar em la cultura. In: **Obras completas**: v.3. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/e.

FREUD, S. Estúdios sobre la histeria. In: **Obras completas**: v.1. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/f.

FREUD, S. Historia del movimiento psicoanalítico. In: **Obras completas**: v.2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/g.

FREUD, S. Introducción al narcisismo. In: **Obras completas**: v.2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/h.

FREUD, S. La iniciación del tratamiento. In: **Obras completas**: v.2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/i.

FREUD, S. La interpretación de los sueños. In: **Obras completas**: v.1. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/j.

FREUD, S. La negación. In: **Obras completas**: v.2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/k.

FREUD, S. La organización genital infantil. In: **Obras completas**: v.2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/l.

FREUD, S. La represión. In: **Obras completas**: v.2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/m.

FREUD, S. La responsabilidad moral por el contenido de los sueños. In: **Obras completas**: v.3. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/n.

FREUD, S. Lecciones de introducción al psicoanálisis XIV: La realización de deseos. In: **Obras completas**: v.2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/o.

FREUD, S. Lecciones de introducción al psicoanálisis XXVII: La transferencia. In: **Obras completas**: v.2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/p.

FREUD, S. Lecciones de introducción al psicoanálisis XIV: La realización de deseos. In: **Obras completas**: v.2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/q.

FREUD, S. Lecciones introductorias al psicoanálisis XIX: Resistencia y represión. In: **Obras completas**: v.2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/r.

FREUD, S. Lecciones introductorias al psicoanálisis XXIII: Vias de formación de síntomas. In: **Obras completas**: v.2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/s.

FREUD, S. Los instintos y sus destinos. In: **Obras completas**: v.2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/t.

FREUD, S. Más allá del principio del placer. In: **Obras completas**: v.3. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/u.

FREUD, S. Nuevas lecciones de introducción al psicoanálisis XXXI: Disección de la personalidad psíquica. In: **Obras completas**: v.3. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/v.

FREUD, S. Proyecto de una psicología para neurólogos. In: **Obras completas**: v.1. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/w.

FREUD, S. Psicoanálisis y telepatía. In: **Obras completas**: v.3. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/x.

FREUD, S. Psicopatología de la vida cotidiana. In: **Obras completas**: v.1. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/y.

FREUD, S. Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina. In: **Obras completas**: v.3. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/z.

FREUD, S. Sobre la sexualidad femenina. In: **Obras completas**: v.3. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/ab.

FREUD, S. Sobre los sueños. In: **Obras completas**: v.1. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/ac.

FREUD, S. Sobre psicoterapia. In: **Obras completas**: v.1. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/ad.

FREUD, S. Los orígenes del psicoanálisis. In: **Obras completas**: v.3. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/ae.

FREUD, S. Tres ensayos de una teoría sexual. In: **Obras completas**: v.2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/af.

FREUD, S. Psicología de las masas y análisis del Yo. In: **Obras completas**: v. 3. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/ag.

FREUD, S. El Yo y el Ello. In: **Obras completas**: v.3. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/ah.

FREUD, S. Los dos principios del funcionamiento mental. In: **Obras completas**: v.3. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973/ai.

FREUD, S. **Correspondência de amor e outras cartas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982

FREUD, S. Lecciones de introducción al psicoanálisis XXXI: La división de la personalidad psíquica. **Obras completas**: v. 24. Buenos Aires: Amorrortu, 1986

GARCIA-ROZA, A. **Introdução à metapsicologia freudiana**: v.3, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

GODINO CABAS, A. **O sujeito no discurso analítico**: Seus fundamentos. Rio de Janeiro, 2006. 261 f. (Tese de doutorado em Psicanálise) Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Rio. 2006.

GODINO CABAS, A. **Comentário sobre o capítulo 11 do seminário Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise de J. Lacan** . Conferencia pronunciada na Escola da Coisa Freudiana: Curitiba, novembro de 2007.

GOYARD-FABRE, S. **Philosophie politique**. Paris: PUF, 1987.

HALMOTZ, P. **Teoria intuitiva de los conjuntos**. México: Continental, 1967.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia del espirito**. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

HENRÍQUEZ, R. **La subversión del sujeto cartesiano**. Buenos Aires, Antrposmoderno, 2002.

JINKIS, J. Derivación de um termino como construcción de um concepto. In.: JINKIS, J. et al. **Cuadernos Sigmund Freud**: nº 4, Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

JONES, E. **Vida y obra de Sigmund Freud**: v. 3. Buenos Aires: Imago, 1973/a.

JONES, E. **Vida y obra de Sigmund Freud**: v. 2. Buenos Aires: Imago, 1973/b.

KOYRÉ, A. Galileu y la revolución científica del siglo XVII. In.: KOYRÉ, A. **Estudios de historia del pensamiento científico**. Mexico: Siglo XXI, 1983

LACAN, J. **Seminario VI**: El deseo y su interpretación (1959). Versão para uso interno da Escuela Freudiana de Buenos Aires. 1959

LACAN, J. **Seminario IX**: La identificación (1961). Versão para uso interno da Escuela Freudiana de Buenos Aires. 1961

LACAN, J. **Seminario XII**: Problemas cruciales del psicoanálisis (1965). Versão para uso interno da Escuela Freudiana de Buenos Aires. 1965

LACAN, J. Allocution prononcée pour la clôture du congrès de l'École freudienne de Paris le 19 avril 1970, par son directeur. In.: **Scilicet 2/3**. Paris Seuil, 1970.

LACAN, J. Autour de la passe, **Scilicet nº4**. Paris: Editions du Seuil, 1973/a.

LACAN, J. **El fenómeno lacaniano**. Conferencia pronunciada en el CUM (1973). Versão para uso interno da Esuela Freudiana de Buenos Aires. 1973/b

LACAN, J. El psicoanálisis y su enseñanza. In.: LACAN, J. **Escritos II**. Mexico: Siglo XXI, 1979/a

LACAN, J. Intervención sobre la transferencia. In.: LACAN, J. **Escritos I**. Mexico: Siglo XXI, 1979/b.

LACAN, J. La agresividad en psicoanálisis. In.: LACAN, J. **Escritos II**. Mexico: Siglo XXI, 1979/c.

LACAN, J. La ciencia y la verdad. In.: LACAN, J. **Escritos II**. Mexico: Siglo XXI, 1979/d.

LACAN, J. La cosa freudiana o el sentido del retorno a Freud en psicoanálisis. In.: LACAN, J. **Escritos I**. Mexico: Siglo XXI, 1979/e.

LACAN, J. La dirección de la cura y los principios de su poder. In.: LACAN, J. **Escritos I**. Mexico: Siglo XXI, 1979/f.

LACAN, J. la instancia de la letra en el inconsciente o la razón desde Freud. In.: LACAN, J. **Escritos I**. Mexico: Siglo XXI, 1979/g.

LACAN, J. Observación sobre el informe de Daniel Lagasche: "psicoanálisis y estructura de la personalidad. In.: LACAN, J. **Escritos II**. Mexico: Siglo XXI, 1979/h.

LACAN, J. Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis. In.: LACAN, J. **Escritos I**. Mexico: Siglo XXI, 1979/i.

LACAN, J. Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano. In.: **LACAN, J. Escritos I**. Mexico: Siglo XXI, 1979/j.

LACAN, J. El estadio del espejo como formador de la función del yo tal como se nos revela en la experiencia analítica. In.: LACAN, J. **Escritos I**. Mexico: Siglo XXI, 1979/k.

LACAN, J. La significación del falo. In.: LACAN, J. **Escritos II**. Mexico: Siglo XXI, 1979/l.

LACAN, J. Introducción al comentario de Jean Hippolite. In.: LACAN, J. **Escritos II**. Mexico: Siglo XXI, 1979/m

LACAN, J. Posición del inconsciente. In.: LACAN, J. **Escritos II**. Mexico: Siglo XXI, 1979/n.

LACAN, J. Del sujeto por fin cuestionado. In.: LACAN, J. **Escritos I**. Mexico: Siglo XXI, 1979/o.

LACAN, J. **Seminário I**: Los escritos técnicos de Freud. Barcelona: Paidós, 1981.

LACAN, J. **Seminário II**: El Yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica. Barcelona: Paidós, 1983.

LACAN, J. **Seminário III**: Las psicosis. Barcelona: Paidós, 1984/a.

LACAN, J. **Les complexes familiaux dans la formation de l'individu**. Paris: Navarin, 1984/b.

LACAN, J. **Seminário XI**: Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis. Barcelona: Paidós, 1986

LACAN, J. Proposición del 9 de Octubre de 1967 acerca del analista de la Escuela. In.: LACAN et al. **Momentos cruciales de la experiencia psicoanalítica**. Buenos Aires: Manantial, 1987.

LACAN, J. Conferencia em Ginebra sobre el síntoma. In.: LACAN, J. **Intervenciones y textos II**. Buenos Aires: Manantial, 1988

LACAN, J. **Seminário XVII**: El reverso del psicoanálisis. Barcelona: Paidós, 1992.

LACAN, J. **Television**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LACAN, J. **Seminário IV**: Las relaciones de objeto. Barcelona: Paidós, 1994.

LACAN, J. Ato de fundação. In.: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003/a.

LACAN, J. Nota italiana. In.: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003/b.

LACAN, J. Problemas cruciais para a psicanálise. In.: LACAN, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003/c

LACAN, J. **Seminário V**: Las formaciones del inconsciente. Barcelona: Paidós, 2005.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LAMANNA, P. **Historia de la filosofía**: v. 3. Buenos Aires: Hachette, 1960/a.

LAMANNA, P. **Historia de la filosofía**: v. 2, Buenos Aires: Hachette, 1960/b.

LAURENT, E. Alienação e separação, In.: FELDSTEIN R., FINK, B. E JAANUS, M. (org.) **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LONGO. Dafnis e Cloe. **Referencias em la obra de Jacques Lacan: nº 2**. Buenos Aires: Fundación del Campo Freudiano, 1991.

MAGNUS. **Diccionario Sopena de la lengua francesa**. Buenos Aires: Sopena, 1965.

MANNONI, O. Ya lo sé, pero aún así... In.: MANNONI, O. **La otra escena: claves de lo imaginario**. Buenos Aires: Amorrortu, 1979.

MAQUIAVEL, N. O príncipe. In.: **Os pensadores**. São Paulo: Nova cultura, 1996.

MATTÉI, J.F. **A barbarie interior**. São Paulo: FEU, 1999.

MAYR, E. **Biologia, ciência única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MELMAN, C. Retorno a Freud. In.: LACAN, J. **Las formaciones del inconciente**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1979.

MEZAN, R. Cem anos de interpretação. In.: MEZAN, R. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

MILLER, J-A. **Los signos del goce**. Buenos Aires: Paidos, 1998.

MOREY, M. **Las tecnologias del Yo**. Barcelona: Paidos, 1990.

NASIO, D. **La voz y la interpretación**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1984.

OGILVIE, B. Lacan: **La formación del concepto de sujeto**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000.

PAULO, APÓSTOLO. Carta a los romanos In.: **La sagrada Biblia**. Madrid: Ediciones Paulinas, 1985.

PEÑA. P. **Espacio de configuración de lo psíquico**. Buenos Aires: Cid, 1982.

PLATÓN. Defensa de Sócrates. In PLATÓN. **Obras completas**. Madrid: Aguilar 1977/a.

PLATÓN. El banquete, o del amor. IN.: PLATÓN. **Obras completas**: Madrid, Aguilar 1977/b.

POPPER, K. **Conjeturas e refutações**, Brasilia: EUB, 1982.

PORGE, E. Sujeito. In.: KAUFMANN, P. **Diccionario enciclopédico da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PRADO FILHO, K. **Uma história política da verdade**. Rio de Janeiro: Insular, 2006.

ROAZEN, P. **Freud e seus discípulos**. São Paulo: Cultrix, 1978.

RODRIGUEZ HUESCAR, A. Preámbulo al banquete de Platón. In.: PLATÓN. **Obras completas**. Madri: Aguilar 1977/c.

ROUSSEAU, J. **O contrato social**. São Paulo: Cultrix, 1989.

RUSSELL, B. **História do pensamento ocidental**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

SALAFIA, A. Función del olvido. In.: SALAFIA, A. (org.) **Carpetas de enseñanza del psicoanálisis**. Escuela Freudiana de la Argentina. Buenos Aires, 1983.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística General**. Buenos Aires: Losada, 1945.

SOLER, C. Variantes da destituição subjetiva: suas manifestações, suas causas. In.: SOLER, C. et al. **Stylus n° 5**. Belo Horizonte. [s.e.] 2002.

STRACHEY, J. Índice de comentarios y notas. In.: FREUD, S. **Obras completas**: v. 24. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.

6.– LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Esquecimento de nomes próprios	p. 28
Figura 02 – Os eixos do significante	p. 32
Figura 03 – O signo saussuriano	p. 76
Figura 04 – O algoritmo lacaniano	p. 77
Figura 05 – O grafo do sujeito	p. 82
Figura 06 – O grafo do sujeito	p. 86
Figura 07 – O grafo do sonho	p. 87
Figura 08 – Alienação	p. 96
Figura 09 – Separação	p. 98

Figura 10 – Recobrimento da falta e a responsabilidade do sujeito p. 100

Figura 11 – A posição subjetiva p. 133